

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA**

**HORIZONTES ENTRECruzADOS:  
RECEPÇÃO DA ARTE LITERÁRIA NAS SÉRIES INICIAIS  
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**Arlinda Alves de Sousa**

**Brasília, agosto de 2010**

Arlinda Alves de Sousa

**HORIZONTES ENTRECruzADOS:  
RECEPÇÃO DA ARTE LITERÁRIA NAS SÉRIES INICIAIS  
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao curso de mestrado do Programa de Pós-graduação em literatura da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em literatura.

Orientadora: Profa. Dra. Hilda Orquídea Hartmann Lontra.

Brasília, agosto de 2010.

## **Banca examinadora**

---

Professora doutora Hilda Orquídea Hartmann Lontra – TEL UnB  
Presidente

---

Professora Dr<sup>a</sup>. Celina Cassal Josetti – SEDF/EAPE  
Professora convidada

---

Professora Dr<sup>a</sup>. Elga Perez - Laborde  
Representante da UnB

---

Professora Dr<sup>a</sup>. Rita de Cassi P. dos Santos  
Suplente - UnB

**Aos meus amores:  
L. A. I. H. A., história e magia.**

## Agradecimentos

A Deus.

*Uma parte de mim  
É todo mundo:  
Outra parte é ninguém:  
Fundo sem fundo.*

À professora Hilda Lontra, amiga de sempre, educadora, mediadora  
impecável e protetora de todas as horas...

*Uma parte de mim  
É multidão:  
Outra parte estranheza  
E solidão.*

À professora Rita de Cassi por todas as oportunidades...  
À professora Elga Laborde, carinho, solidariedade...  
À professora Elizabeth Hazin, acolhimento...  
À Dora, amizade-afeto, sempre tão companheira...

*Uma parte de mim  
almoça e janta:  
outra parte  
se espanta.*

Às amigas: Margareth Villalba, Margareth Costa, Edna Freitas, Maria  
Elvira (Xane) , Ieda...  
Aos colegas do grupo LER ( Leitura, Ensino e Recepção),  
sustentabilidade .

*Uma parte de mim  
É permanente:  
Outra parte  
se sabe de repente.*

A Hilda Gonçalves, mãe, resistência e vida.

*Uma parte de mim  
É só vertigem:  
outra parte  
linguagem.*

Ao Alaeste, o bem-humorado companheiro, incentivador,  
otimista...

Aos meus filhos: Luana, Adriene e Ícaro, revisão de  
conceito, amor...

Aos irmãos, força, união...

*Traduzir uma parte  
Na outra parte  
- que é uma questão  
de vida ou morte- será arte?*

Ferreira Gullar

## RESUMO

Fundamental para a aprendizagem em geral, a leitura é exigida na escola e nas instituições sociais. Por isso, esta pesquisa tem como objeto a recepção da leitura literária nas séries iniciais do ensino fundamental. Objetiva dar contribuição para os professores, que são os principais mediadores do processo de ampliação dos horizontes cognitivos, afetivos e sociais das crianças alfabetizadas, por intermédio da leitura. Distribui-se em duas partes inter-relacionadas: inicialmente traz um resgate das vozes de alguns teóricos que dão respaldo e sustentação às atividades de ensino e, em seguida, apresenta situações de mediação desenvolvidas com alunos e avaliadas em dois recortes temporais distintos. Na primeira parte, há uma revisão bibliográfica acerca da teoria da estética da recepção. O leitor, nessa teoria, é quem concretiza a leitura literária. A fusão dos horizontes de experiência e expectativa, desses leitores, oportuniza diálogos e favorece o desenvolvimento das sete teses e dos níveis de leitura da estética da recepção. Na segunda parte, apresenta a descrição de projetos e sequências literárias desenvolvidas em sala de aula. A situação de experiência atual aconteceu em sete encontros com textos literários da Ana Maria Machado. Os resultados apontam para alguns posicionamentos necessários ao desenvolvimento da competência leitora de estudantes das séries iniciais, entre eles, a necessidade de mediação de adulto leitor, capacitado para a realização dos passos propostos. Também se destaca a necessidade de se trabalhar com a pluralidade de textos, tematicamente reunidos, a partir de situações vivenciais, concretas. Entre os textos propostos, devem ser incluídos os literários, por vários motivos apresentados durante o trabalho e pela amplitude de horizontes que abre ao universo imaginário infantil. Defende-se, finalmente, que o trabalho na disciplina de Língua Portuguesa, nas séries iniciais, seja realizado, principalmente, com a leitura de textos literários.

## Abstract

Fundamental to learning in general, reading is required in school and in social institutions. Therefore, this research focuses on the reception of literary reading in the early grades of elementary school. It aims at providing a contribution for teachers, who are the key mediators of the process of expanding the cognitive, emotional and social horizons of literate children, through reading. The research is divided in two interrelated parts: initially, it brings back the voice of some theoreticians that provide backing and support for the teaching activities; next it presents mediation cases developed with students and evaluated in two different time segments. The first part presents a literature review concerning the theory of the aesthetics of reception. The reader, in this theory, is the one who concretize the literary reading. The fusion of the experience and expectation horizons of these readers affords an opportunity for dialogue and favors the development of the seven theses and of the reading levels of the aesthetics of reception. The second part presents the description of projects and literary sequences developed in the classroom. The current state of experience occurred in seven encounters with literary texts by Ana Maria Machado. The results indicate some necessary stances for the development of reading competence of early grades students, among them the need for mediation by an adult reader who is able to carry out the proposed steps. It also highlights the need to work with a plurality of texts, thematically assembled from experiential, concrete situations. Among the proposed texts, literary ones should be included, for the various reasons set forth in this work and for the scope of horizons that it opens to the children's imaginary universe. It is argued, finally, that the work in the Portuguese discipline in the early grades should be performed mainly with the reading of literary texts.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO DE QUESTÕES BÁSICAS</b>	<b>9</b>
1. A FORMAÇÃO DO LEITOR: UM PROCESSO COMPLEXO	14
1.1. Horizontes de leitura	16
1.2. Interações humanas e leitura	20
1.3. A leitura pelo foco recepcional	22
1.4. Aquisição, ensino e aprendizagem da leitura	31
1.5. Leitura em projetos e projetos de leitura	34
1.6. Leitura: interdisciplinaridade e aprendizagem reflexiva	37
	40
2. A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO	41
2.1. Os enredos da literatura	43
2.2. Intertextualidade e mediação na formação de leitor crítico	46
2.3. Breve reflexão acerca dos gêneros literários	49
2.4. Imagem e recepção estética	54
3. EXPERIMENTAÇÃO PRÁTICA	54
3.1. Considerações preliminares	55
3.1.1 A formação do professor	56
3.1.2 literatura e a formação do leitor crítico	57
3.2. Retrospectiva	57
3.2.1. Formiga / Formiguinha / Formigão	68
3.2.2. A Coruja Sarita	75
3.3. Experiência atual	75
3.3.1. <i>A princesa que escolhia</i>	78
3.3.1.1. Leitura das ilustrações	80
3.3.1.2. leitura das palavras	85
3.3.1.3. Recepção de alunos	86
3.3.1.4. Recepção de professores	89
3.3.2. <i>O príncipe que bocejava</i>	89
3.3.2.1. Leitura das ilustrações	89
3.3.2.2. Leitura das palavras	96
3.3.3. Contexto	100
<b>CONSIDERAÇÕES QUE PARECEM CONCLUSIVAS</b>	<b>100</b>
BIBLIOGRAFIA.....	105
ANEXOS.....	109



## APRESENTAÇÃO DE QUESTÕES BÁSICAS

Por intermédio da leitura, o ser humano resolve grande parte de sua necessidade de aprendizagem constante. Aprendizagem é questão bastante estudada porque envolve toda uma gama de interferências social, psicológica, filosófica e física. Essa atividade merece investigação permanente, uma vez que a vida sofre evoluções: aparecem novas tecnologias, novas formas de pensar, novas formas de solucionar os problemas. Por isso, os organismos educacionais devem promover formação continuada. O trabalho que ora apresentamos situa-se na fronteira de duas importantes áreas - a educação e a literatura – as quais dependem, essencialmente, da qualidade de leitura dos cidadãos. Com a leitura literária consegue-se atender tanto à necessidade de aprendizagem quanto à de ficção. Além disso, a leitura literária apresenta duas relevantes possibilidades sociais: a de integração e a de diferenciação.

A literatura é integradora quando insere o indivíduo numa sociedade para que participe dos pensamentos comuns. E ela é diferenciadora, ao situar o leitor como ser único dotado de necessidades particulares<sup>1</sup>. Antonio Cândido salienta que a leitura literária coloca a mulher e o homem em um lugar igualmente privilegiado. Com a energia de leitores<sup>2</sup>, o ser humano – homens e mulheres – aproveita “o poder que a literatura tem de libertar o homem de preconceito e representações arraigadas na sua situação histórica e de abrir uma percepção nova do mundo, à antecipação de uma realidade”<sup>3</sup>.

Pela literatura acontece a interação entre três instâncias distintas: o leitor dialoga com a sociedade em que vive, questiona suas potencialidades pessoais e interage com o texto e com a sociedade do texto. Isso acontece porque a literatura deve ser entendida como “um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores.”<sup>4</sup>. Entretanto, quando direcionada para o leitor que não apresenta experiência, que ainda não desenvolveu conhecimentos linguísticos e sociais, nos primeiros anos de vida, a leitura literária merece atenção especial. E quem deve oferecer a dose necessária de poesia para a

---

1 Cândido, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Ouro sobre azul, 2006.

2 Sempre que nos referirmos a “ser humano” e a “leitor/leitores”, estaremos falando a respeito de homens e de mulheres. Embora reconheçamos as diferenças de formação e de educação, inquestionavelmente distintas ao longo dos séculos em diferentes culturas, não iremos nos deter nos aspectos divergentes e, sim, abordaremos como os adultos e principalmente as crianças, independente do sexo, são, ou deveriam ser, consideradas e respeitadas no Brasil de hoje.

3 Jauss, Hans Robert. *A literatura como provocação (história da literatura como provocação literária)*. Lisboa-Portugal: Veja Passagens, 2003: 8.

4 Cândido, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Idem: 84.

construção e o desenvolvimento do imaginário infantil são os adultos, sejam eles pais, cuidadores ou professores.

Na escola, pretende-se alcançar o desenvolvimento pleno da cidadania desde a primeira infância. No entanto, para alguns estudantes, o que é oferecido parece distanciá-los de relevantes atividades. Um exemplo visível é a questão da leitura, principalmente a leitura literária que, indispensável fonte de sabedoria, afetividade e socialização, nem sempre é apresentada de forma a tornar-se prática muito agradável. Por seu turno, a prática leitora, uma relevante ponte à literatura de cada vez maior complexidade e elaboração artística, pode facilitar a compreensão do mundo, ser um caminho para novas aquisições de conhecimento, favorecer o enriquecimento de ideias.

A compreensão de que a formação leitora vai servir para a vida toda coloca a literatura como imprescindível. Entretanto, verifica-se que a aprendizagem da leitura de texto literário não encontra espaço significativo e consistente em sala de aula, principalmente em lugares em que não existem livros, nem biblioteca. O despreparo de muitos professores dos anos/séries iniciais, a ausência de método ou a sistematização inadequada de técnicas e estratégias para compreensão do texto literário em ambiente de ensino trazem prejuízos aos aprendizes de todas as idades, principalmente aos que dão, no caminho das letras, seus primeiros passos. Isso posto, convém atentar para o problema da leitura da literatura nos anos/séries iniciais; esse é o grande desafio a que nos propomos enfrentar.

Ao longo dos anos, o trabalho com literatura aparece na sala de aula, principalmente na Educação Fundamental, como suporte para o ensino de gramática. Nos centros mais avançados de pesquisas, questionam, estudam e experimentam-se teorias, porém os avanços teóricos demoram a chegar às salas de aula, principalmente nos lugares mais distantes, devido à grande extensão do território brasileiro. Por isso, as formas de abordagem do texto, ultrapassadas, continuam vigentes, fazendo com que alguns estudiosos afirmem que “a literatura infantil permanece como colônia da pedagogia, o que lhe causa grandes prejuízos: não é aceita como arte, por ter uma finalidade pragmática”<sup>5</sup> e vigora a ideia de que é comprometida com a dominação da criança.

---

<sup>5</sup> ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. São Paulo: Contexto, 1991: 16.

Mesmo quando encontram momentos propícios à prática da leitura literária, os alunos fazem uma compreensão superficial e sem perceber fatores importantes que, ao aparecerem no texto artístico, contribuem para a defesa de ideias e de posicionamentos, os quais o autor coloca nas obras como desafio ao leitor. Os professores, algumas vezes, deixam de aplicar técnicas e estratégias adequadas à aprendizagem e, por consequência, dinamizam aulas de leitura de forma desestimulante, sem bom direcionamento; portanto, ou ministram “aulas de literatura” com pouco conhecimento acerca das teorias necessárias ou fazem da leitura algo distante da literatura. Essa visão deve mudar. Nesse sentido devem-se encontrar caminhos a fim de que o ensino da literatura seja valorizado e dinamizado sob outro enfoque.

Alguns importantes estudos já foram realizados a esse respeito, porém, com esta pesquisa, buscam-se rever as metodologias para trabalhar literatura com alunos do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental e, se possível, agregar mais conhecimentos para os estudantes e professores envolvidos. Assim, pretende-se mostrar que, por intermédio do texto literário, estimulante, adequado e bem trabalhado em classe, a aprendizagem e a prática da leitura podem ser mais eficientes. Além disso, se bem motivado, o aluno do primeiro ao quinto ano pode realizar a busca independente dos textos e a leitura, em decorrência, será realizada com mais prazer.

Sabe-se que, em situações de aprendizagem, o texto literário oferece ao aprendiz de pouca idade a possibilidade de conhecer uma linguagem singular que pode desenvolver a percepção, a sensibilidade e a interação com o mundo em que ele vive. Por isso, espera-se conciliar o texto literário com o contexto pedagógico; o recorte da literatura infantil do sistema literário com o recorte do sistema educacional, inserido no sistema social, focando o ensino no Distrito Federal e entorno, no contexto do início do século vinte um.

Assim, após uma breve reflexão teórica, iremos expor o tratamento dado a alguns textos artísticos trabalhados em situação de experiência, com a orientação da pesquisadora, atividades que poderão acrescentar aos estudantes (alunos e professores) vivência significativa. Após, o relato da parte experimental desse recorte, serão tomadas, como ponto de partida, as obras de Ana Maria Machado, publicadas nesta década. Levanta-se a hipótese de que o aprendiz, a partir da vivência de modos de leituras, de novos títulos literários, de mediações pautadas na teoria da Estética da Recepção, possa adquirir o desejo de ler cada vez mais e se sentir capacitado a ler diferentes tipos de textos.

Espera-se que, com essa direção do aprendizado, o aluno-leitor consiga escolher os textos de seu interesse demonstrando algum critério e compreenda algumas características do discurso literário com habilidade compatível à sua idade cronológica e ao seu alcance emocional.

Respalda essa hipótese a tese defendida pelo professor Paulo Guedes (2006: segunda capa), para quem o professor de língua materna deve ter como base para suas aulas não a gramática, que foi feita para calar a nossa boca e para calarmos a boca de nossos alunos, mas a literatura brasileira, que vem não só nos revelando quem somos nós, mas também construindo a língua em que mais adequadamente temos sido capazes de nos dizer. “Acredita-se que o leitor da literatura será um bom leitor de texto informativo, no que se refere à leitura da estrutura e das idéias do “texto informativo, menos complexo do que a do texto literário”<sup>6</sup>.

Para realizar a investigação, serão utilizados princípios da Teoria da Recepção<sup>7</sup> aplicados a três grupos distintos de pessoas:

a) três turmas de professores – uma da Escola Classe 316 Norte de Brasília, outra da Escola Municipal Pastor Otaídes Alves dos Santos e ainda uma da EAPE/DF<sup>8</sup>.

b) uma turma de estudantes de Letras da Universidade de Brasília, matriculados em 2010 na disciplina de Laboratório de Literatura para Ensino Fundamental e Médio.

c) uma turma de trinta e dois alunos da Escola Pastor Otaídes Alves dos Santos de Formosa-Goiás.

Em todas as atividades serão utilizados textos de literatura infantil. Dinâmicas semelhantes poderão ser empregadas com outras séries e obras, uma vez que, segundo Pereira<sup>9</sup>,

importa que o professor recomende e oriente a leitura de poetas, romancistas, contistas, cronistas, ensaístas, jornalistas, cordelistas,

6GUEDES, Paulo Coimbra. *Formação do professor de português: Que língua vamos ensinar?* São Paulo: Parábola, 2006:69.

7 Utilizaremos, indiscriminadamente, os termos “Estética da Recepção” e “Teoria da Recepção”, embora tenhamos conhecimento de que o professor Robson Coelho Tinoco, em seu livro. *Leitor Real e Teoria da Recepção – travessias contemporâneas* (São Paulo: Horizonte, 2010) dá preferência à segunda expressão. Mas consideramos que a primeira expressão é mais familiar aos estudantes do DF, desde que foi utilizada, há mais de uma década, pela professora Hilda Lontra (cf. bibliografia).

8 Escola de Aperfeiçoamento dos profissionais de educação, órgão vinculado à Secretaria de Educação. do Distrito Federal

9 PEREIRA, Maria Tereza Gonçalves. LER (MUITO) PARA ESCREVER (BEM): CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA CRENÇA. Disponível em <http://linguaportuguesaescola.blogspot.com> Acesso em abril de 2010.

publicitários para desvelar ao aluno o sentido e o valor dos recursos expressivos de que se valem. (2010:2).

Dessa forma, no primeiro capítulo deste trabalho faz-se a breve revisão de literatura, considerando algumas das principais correntes teóricas que tratam do processo ensino-aprendizagem da leitura pela literatura. São autores cujos pensamentos estão subsidiando as propostas de atividades que vêm a seguir.

No segundo capítulo, antes do relato das experiências realizadas em 2010, apresentam-se considerações de ordem metodológica derivadas do referencial teórico adotado, bem como relatam-se as atividades bem-sucedidas, anteriormente propostas e testadas por esta pesquisadora.

No terceiro capítulo, destaca-se a experiência feita com professores e alunos, que são os sujeitos implícitos dessa pesquisa. Pretende-se colaborar para o processo de formação continuada dos docentes em atuação e para o processo de educação (mais do que de informação) dos estudantes em atividade, fora ou dentro de estabelecimentos escolares, de qualquer grau de ensino.

## 1. A FORMAÇÃO DO LEITOR: UM PROCESSO COMPLEXO

*Viajar pela leitura  
Viajar pela leitura  
sem rumo, sem intenção.  
Só para viver a aventura  
que é ter um livro nas mãos.  
É uma pena que só saiba disso  
quem gosta de ler.  
Experimente!  
Assim sem compromisso,  
você vai me entender.  
Mergulhe de cabeça  
na imaginação!  
Clarice Pacheco*

A escola é a instituição responsável por promover o contato dos alunos com os livros e por contribuir para que esses se tornem leitores autônomos e capazes de fazer leituras voluntárias. Em virtude disso, um dos papéis dessa instituição é conduzir eficazmente o aluno às práticas de leitura literária que ocorrem no contexto social. A formação de leitores se apresenta como uma das grandes preocupações dos professores de português e daqueles que irão mediar os contatos das crianças com os livros de literatura nos primeiros anos de escolaridade.

Mas será que a escola está cumprindo seu papel? Será que está formando leitores de literatura? Para responder a essas perguntas há que se tecer uma reflexão a respeito dos processos de escolarização da literatura infantil, respaldando essa investigação, a partir da concepção de escolarização da leitura.

O substantivo escolarização, derivado do verbo transitivo escolarizar, é definido por Magda Soares (1999), em seus vários trabalhos, tendo o complemento “humano”, ou seja, o ato de escolarizar requer a influência de alguém sobre alguém e, nesse sentido, assume uma função social positiva e muito esperada. No entanto, isso não acontece quando o processo de escolarização relaciona-se ao conhecimento, a saberes e a produções culturais, pois costuma ser tomado no sentido pejorativo.

Costumeiramente o termo “pejorativo” é entendido como algo desfavorável, porque os alunos saem das escolas sem construir um pensamento crítico-reflexivo. No entanto, essa conotação pejorativa não é correta nem justa; afinal, a criação da escola, como um templo de ensino e um espaço de aprendizagem, pressupõe a “constituição de saberes escolares, que se corporificam e se formalizam em currículos, matérias e disciplinas, programas, metodologias” (Soares, 1999: 20).

Assim explica Rodrigues<sup>10</sup>:

A escolarização é um processo que se constitui na escola e por isso é inevitável, fator esse que torna inevitável, também, a escolarização da literatura para que essa seja um saber escolar. É importante aqui ressaltarmos os vários aspectos que contribuem para uma escolarização inadequada da literatura, como aqueles relacionados à seleção dos gêneros literários, autores e obras, do fragmento que constituirá o texto a ser lido e estudado, bem como pela transferência do texto do seu suporte literário para o suporte didático e pelas intenções e os objetivos de leitura e estudo do texto (2010).

A leitura dessas autoras mostra posições divergentes. Essas pesquisadoras defendem que a escolarização da literatura pode ser desvantajosa e outra vê vantagens na aproximação da literatura com o ambiente escolar.

Considera-se que na escola, há espaço para que a vivência literária seja absolutamente estética. Mas também podem-se utilizar textos literários para ancorar outras aprendizagens, sejam elas, linguísticas, históricas e geográficas. Há diversas experiências escolares bem sucedidas no que diz respeito à formação de leitores e escritores no espaço escolar. Essas experiências evidenciam a importância do trabalho, em sala de aula, com os textos não didáticos, entre os quais se insere o literário.

Pensar na principal função da escola – formar sujeitos sociais leitores da realidade em que se inserem e são capazes de usar a escrita, como instrumento indispensável à sua participação na construção do mundo histórico e cultural – implica garantir uma ação educacional voltada para o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno, da

---

<sup>10</sup> Paula Cristina de Almeida Rodrigues, em sua dissertação de mestrado intitulada “A formação do leitor literário em duas coleções didáticas de língua portuguesa”, defendida na Faculdade de Educação da UFMG, sob a orientação da Dr<sup>a</sup>. Aparecida Paiva, em 2006. Disponível em [www.alb.com.br/anais16/sem08pdf/](http://www.alb.com.br/anais16/sem08pdf/) - Acesso em abril de 2010.

sua capacidade de interpretar e produzir construções simbólicas, para que ele se torne capaz de ler e pronunciar o mundo<sup>11</sup>.

Assim, nos caminhos da escolarização da literatura, iniciamos a reflexão com a abordagem da leitura em ambiente de ensino, não sem antes considerar, em uníssono com Paulo Freire<sup>12</sup>, que linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

### 1.1. Horizontes da leitura

A palavra leitura é originária do latim medieval *lectura*. Significa ato ou efeito de ler, ação ou efeito de decifrar; de tomar conhecimento; é também a análise, interpretação que se faz de uma obra. Para Martins (2003) consiste no “modo especial de ver, enxergar ou perceber um objeto, uma pessoa, um ambiente, por isso ela deve ser interativa e deve fazer um paralelo e ressaltar a aprendizagem”<sup>13</sup>.

Walty, Fonseca e Cury (2001) complementam o pensamento anterior, destacando que leitura é “um processo associativo que promove a interação escrita e imagem em diversos sentidos”. Defende Silva (1996), “é uma forma de encontro entre o homem e a realidade sócio-cultural”.

Foucambert<sup>14</sup> percebe a leitura como a formulação de um juízo sobre a escrita no ato de questionar e explorar o texto na busca de respostas - textuais e contextuais - que geram uma ação crítica do sujeito no mundo. São dele as reflexões:

Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é (Foucambert, 1994:5).

Por seu turno, Resende<sup>15</sup> também concebe a leitura como possibilidade de abertura ao mundo e caminho para um conhecimento mais aprofundado do leitor sobre si mesmo:

---

<sup>11</sup> FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler* em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1982.

<sup>12</sup> FREIRE, Idem: 11-2.

<sup>13</sup> MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*, São Paulo: Brasiliense, 2003.

<sup>14</sup> foucambert, J. *A Leitura em Questão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994: 5.

<sup>15</sup> RESENDE, Vânia Maria. *Literatura Infantil e Juvenil*. Vivências de leitura e expressão criadora. RJ: Saraiva, 1993.



A leitura é um ato de abertura para o mundo. A cada mergulho nas camadas simbólicas dos livros, emerge-se vendo o universo interior e exterior com mais clareza. Entra-se no território da palavra com tudo o que se é e se leu até então, e a volta se faz com novas dimensões, que levam a re-inaugurar o que já se sabia antes (1993:164).

Qualquer que seja a concepção de leitura, importa destacar o papel fundamental que o educador desempenha na formação do leitor e sua responsabilidade no preenchimento das lacunas presentes, não só no texto quanto no próprio leitor. Além disso, a mediação do educador é também decisiva no encaminhamento da reflexão sobre as questões fundamentais que devem permear o cotidiano da sala de aula: o que é ler? ler para quê? ler para quem? o que ler? como ler? É justamente a postura crítica e aberta do professor que possibilita um trabalho diferenciado e com perspectivas de sucesso na aprendizagem da leitura literária. A arte de ler acontece desde a hora em que se desperta até o momento em que se fecha os olhos. Para alguns, lê-se até quando se dorme. Esse fenômeno pode acontecer sem interferência de outros. Por ser um processo também intelectual apresenta certa complexidade. No entanto, Maria Helena Martins destaca que “O aprendizado é, em última instância, solitário, embora se desencadeie e se desenvolva na convivência com os outros e com o mundo”<sup>16</sup>. Se algumas vezes o leitor pode adquirir essa habilidade pela própria observação, na maioria das ocasiões, para chegar a essa aquisição que exige raciocínio, o leitor passa pelo processo de aprendizagem com auxílio de outro ser humano que já tenha essa habilidade.

A leitura é uma exigência que está presente em todas as disciplinas escolares. Desse modo, tomar conhecimento do texto possibilita, ao ser humano, adquirir informações e, em decorrência, alargar os horizontes, com habilidades formadas, poderá participar criticamente da sociedade em que vive. Além disso, “a leitura é uma fonte inesgotável de prazer, mas, por incrível que pareça, a quase totalidade, não sente esta sede” diz Carlos Drummond de Andrade<sup>17</sup>.

A escola é o local em que se realiza a aprendizagem da prática leitora, porém, quando os infantes chegam a esses lugares de sistematização do conhecimento, alguns muitas vezes já leem, já possuem linguagem, costumes, interpretam e compreendem as

---

16 Martins, Maria Helena. *O que é leitura*, São Paulo: Brasiliense, 2003:12.

17 Disponível em [http://www.pensador.info/conceito\\_de\\_leitura/](http://www.pensador.info/conceito_de_leitura/) Acesso em abril de 2010.

mensagens orais e escritas. Esse fenômeno sucede devido à evolução da imprensa, da difusão dos livros e da aprendizagem por meio da mensagem escrita.

No entanto, é inegável que, o processo da leitura, possibilita o intercâmbio com outras culturas, outras formas de pensamento. A ampliação de experiência que acontece em contato com o texto escrito é imensurável. Maria Tereza Gonçalves Pereira, em seu texto “Ler (muito) para escrever (bem): considerações sobre uma crença” argumenta:

A leitura como facilitadora da (boa) escrita difunde-se como crença nos bancos escolares em todos os níveis. Tal assertiva ganhará verdade e consistência se houver uma estratégia para o seu aproveitamento, sem impor valores ou posturas. Apenas o ato de ler, trivialmente falando, não traz conseqüências imediatas para o ato de “escrever bem”, como é voz geral. Por ocasião da abordagem de um texto, deve-se considerar (e apreciar) os recursos lingüísticos que lhe dão sustentação (funcional e estética), assim como a *atitude* diante do fenômeno da linguagem em sua concepção plena. Então, tal leitura renderá frutos compensadores no momento da elaboração de um texto (Pereira, 2010:2).

Em algumas situações, a leitura aparece como o único caminho para expressar a cidadania. Para desencadear parte desse processo, bastante complexo, o leitor deve conhecer a linguagem (no caso em questão a Língua Portuguesa), saber decodificar, conseguir interagir social e intelectualmente com o texto. Segundo Fernando Pessoa<sup>18</sup>, “Tudo em nós está em nosso conceito do mundo; modificar o nosso conceito do mundo é modificar o mundo para nós, isto é, é modificar o mundo, pois ele nunca será, para nós, senão o que é para nós.”

Considerando as palavras de Jorge Wertheim<sup>19</sup>, em *O dia on-line*, de 8/10/2008, cidadania decorre do processo de educação. E sendo a leitura o substrato do processo educacional, é justo considerar a relação entre leitura e cidadania nos seguintes termos:

O homem e a mulher alfabetizados conhecem seus direitos e seus deveres. Vão transmiti-los aos filhos e descendentes. Vão ajudar a escolher melhor os governantes e a julgá-los nos momentos adequados.

---

18 O pensador, em [http://www.pensador.info/conceito\\_de\\_leitura/](http://www.pensador.info/conceito_de_leitura/)

19 Disponível em [odia.terra.com.br/.../artigo\\_leitura\\_e\\_cidadania\\_204938.asp](http://odia.terra.com.br/.../artigo_leitura_e_cidadania_204938.asp) Acesso em abril de 2010.

Não há como falar em cidadão se não houver educação que molde o espírito e prepare o jovem para a aventura da vida adulta, com todos os seus desafios, problemas e incertezas. O Brasil cresceu aos saltos, aos ciclos, mas o seu resultado tem sido extremamente positivo.

Há um país a ser feito. E uma sociedade a ser construída por cidadãos. Seus habitantes só vão merecer a cidadania plena se cuidarem da educação com o carinho que o assunto requer e a prioridade de que necessita (2008).

A leitura é tema presente e relevante em vários momentos de realização na vida humana e, principalmente, quando se trata de aprendizagem escolar; aí sim, essa importância se avoluma. A apreensão do conhecimento, por meio do texto escrito, constitui condição necessária para formação do sujeito autônomo, crítico e emancipado. Em “Leitura e ensino: dever ou prazer”<sup>20</sup> a professora doutora Maria Cristina Lírio Gurgel depõe que

Quando lemos, estabelecemos nexos, elos, entrelaçamos malhas no texto (do latim *textum*, que significa tecido). Nesse sentido, o leitor é uma aranha: ao mesmo tempo em que tece, segrega a substância com a qual vai tecendo sua teia. Ou seja, o leitor projeta sobre o texto seu conhecimento de mundo, seu conhecimento linguageiro (referente à língua em funcionamento, à linguagem) e seu conhecimento textual, por isso a relação entre leitura e cidadania (2010).

E complementa<sup>21</sup>:

O prazer estético, ou seja, o gosto pela leitura é despertado em nós por alguém. Na vida dos leitores, há sempre alguém em especial que nos seduz para a leitura, alguém que poderíamos considerar uma espécie de Sherazade, por isso a importância do professor no processo ensino-aprendizagem da leitura (idem).

Essa integração proporciona ao leitor inúmeras conquistas. Uma das mais relevantes é a conquista da capacidade de compreender, interpretar e aplicar em outros momentos as ideias do texto. Esse contato acontece longe do autor, porém a leitura da

---

20 Disponível em [www.filologia.org.br/vicnlf/.../caderno06-09.html](http://www.filologia.org.br/vicnlf/.../caderno06-09.html) Acesso em abril de 2010.

21 Idem: [www.filologia.org.br/vicnlf/.../caderno06-09.html](http://www.filologia.org.br/vicnlf/.../caderno06-09.html) Acesso em abril de 2010.

escrita aparece como um recurso importantíssimo para que o ser humano divulgue seus pensamentos e troque experiências desafiando o tempo e o espaço.

## 1.2. Interações humanas e leitura

O ser humano se desenvolve ao realizar interação com o meio em que vive e com seus pares. Nas manifestações interativas, o ato de ler encontra lugar de privilégio, porque, facilitando a busca do conhecimento, dissemina o poder<sup>22</sup>. Diante das aquisições cada vez mais efêmeras do mundo moderno, o patrimônio literário oferece vantagens relevantes. Um desses benefícios é a disponibilidade (portabilidade).<sup>23</sup> A obra literária, enquanto estiver no suporte livro, pode ser levado por qualquer pessoa, não necessita de eletricidade. Diferentemente de aparelhos que são ligados à energia como computadores; rádio e televisão que precisam de energia para disseminar a literatura oral. O livro, o patrimônio escrito, pode encurtar distâncias entre mares e terras e auxiliar povos; vencer o tempo e beneficiar outras gerações, independente de eletricidade.

Outra importante vantagem do texto escrito é a credibilidade<sup>24</sup>. O valor do escrito supera a comunicação oral. O leitor poderá voltar à obra quantas vezes forem necessárias. Para complementar, a flexibilidade<sup>25</sup>, pois a palavra escrita pode ser levada a vários lugares, sem que o autor precise estar presente. É uma forma de interação entre o homem e a realidade, a partir da qual acontece a divulgação da produção, tanto cultural e científica, quanto artística.

O agir cotidiano, nas escolas de qualquer nível, dá clara evidência da realidade de que quem lê avança mais, encontra, com facilidade diferenciada dos demais, o seu lugar social e plenifica-se de maiores sentimentos de compromissos pessoais, profissionais e sociais. Yunes e Pondé<sup>26</sup> já há três décadas apresentavam a seguinte constatação:

Vivemos numa sociedade em que a leitura ocupa um papel decisivo no mercado de trabalho. O indivíduo analfabeto tem poucas chances de acesso a empregos mais qualificados e bem remunerados, pois estes

---

22 Muitos já destacaram – quase parece senso comum - que, no mundo atual, o conhecimento é a maior riqueza que algum indivíduo pode ter; inalienável, conhecimento é poder.

23 SILVA, Ezequiel Theodoro da. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia de leitura*, São Paulo: Cortez, 1996.

24 idem

25 idem

26 YUNES, Eliana; PONDÉ, Glória. *Leitura e Leituras da Literatura Infantil*. São Paulo: FTD, 1989.

exigem escolaridade. Nos países em desenvolvimento, as diferenças sociais se acentuam também pelo acesso aos bens culturais [...] A leitura, na nossa sociedade, é uma condição para dar voz ao cidadão, mas é preciso prepará-lo para tornar-se sujeito no ato de ler (1989:33-4).

Pela leitura do texto escrito, tanto no suporte papel quanto no meio eletrônico, o homem se inclui no mundo e adquire conhecimento para realizar mudanças e se transformar culturalmente. Quando começa a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir das situações que a realidade impõe e da atuação nela, estabelecer relações entre as experiências e a tenta resolver os problemas que se apresentam – aí então o homem está fazendo leituras (Martins, 1996: 17).

Para realizar a atividade de apreensão do objeto escrito, o aprendiz coloca em jogo muitas habilidades. Martins defende a existência de três níveis de leitura, quais sejam:

1- Sensorial: acontece através dos sentidos, - o leitor experimenta sensação de prazer mesmo inconsciente; por isso supõe-se permanecer na superficialidade.

2- Emocional: lida com os sentimentos; - fica no terreno da subjetividade.

3- Racional: depende do intelecto, - por isso, pode-se afirmar que é uma junção das duas anteriores acrescida de interpretação e compreensão. Nesse nível, o leitor dialoga com o texto e encontra o caminho que garante a construção da aprendizagem reflexiva, acompanhada da resolução de problemas.

Tais níveis de leitura quase sempre acontecem simultaneamente, pois o ser humano carrega consigo emoção, sentimento e razão. Aconselha-se que, para obter sucesso, várias releituras sejam realizadas, de forma a detectar-se a ideia principal da obra antes de penetrar nos detalhes apresentados. Isso é o que preconiza a estética da recepção.

### 1.3. A leitura pelo foco recepcional

A teoria recepcional se preocupa com a interação obra-leitor, nesse conhecimento sistematizado o leitor é imprescindível. Concebida na Universidade de Constança, por teóricos alemães<sup>27</sup>, essa concepção foi divulgada pela primeira vez no Brasil<sup>28</sup>, há mais de 30 anos. A estética da recepção, como parte da hermenêutica, de maneira inovadora, examina o papel do leitor literário e os caminhos que ele percorre para compreender, interpretar e aplicar os conhecimentos contidos numa obra de arte.

Quem registrou inicialmente essa forma de diálogo entre obra literária e público, foi Hans-Robert Jauss (1970), na Alemanha, ao opor-se à valorização da historiografia da literatura, como era comumente realizada, Jauss destaca que os dados biográficos do autor e as condições históricas não acrescentam qualidade à obra, da mesma forma que classificar a obra como pertencente a um gênero (classificação da obra por estilo) pode ser um conhecimento menos relevante do que saber qual é o seu significado. A estética da recepção, nas suas origens, contestando a rigidez das bases estruturalistas e o radicalismo da crítica marxista, desvia a análise do texto para a circulação e acolhimento da obra. Não se atém, prioritariamente, à produção, nem à representação (ênfase no imaginário, no psicanalítico, conforme difundido na época), mas propõe o paradigma da recepção: leitor → texto.<sup>29</sup>

Essa teoria crítica estuda atividade especificamente humana: o poder de interagir, reflexivamente, com as obras de arte, aproveitar da experiência de vida para compreender e interpretar essas obras e depois (re)criar essa experiência com um novo estilo de ver e sentir a vida. De acordo com esse pensamento, pode-se afirmar que os textos, que são processos de significação, só se materializam com a ação do leitor. O texto perde seu caráter autônomo e passa a ser parte da tríade leitor-texto-autor, por intermédio do efeito. O relevante é a interação: o diálogo do leitor com o texto.

Nesse encontro, o conhecimento é construído, interativamente, entre o leitor e o texto. Na medida em que o indivíduo age e sofre a ação do objeto, sua capacidade de conhecer se desenvolve, enquanto produz o próprio conhecimento. Com esse processo, o

---

27 Entre esses teóricos destacou-se Jauss, Hans Robert. *A literatura como provocação* (história da literatura como provocação literária). Lisboa-Portugal: Veja Passagens, 2003.

28 No Brasil, alguns estudiosos divulgam e fornecem relevantes materiais para subsidiar a aprendizagem com base nessa teoria: Vera Aguiar (1988), Regina Zilberman (1989), Hilda Lontra (1992), Ezequiel Theodoro da Silva (1996), por exemplo.

29 Lontra, Hilda Orquídea Hartmann. *A leitura da literatura em segundo grau*. Universidade de Brasília- CESPE: 1996: 14.

leitor aprende a aprender, aprende a viver, aprende a fazer e aprende a ser<sup>30</sup>. Com a recepção, o leitor desenvolve o raciocínio, com ganhos intelectuais, sensoriais e emotivos. Segue, então, um processo de especulação e dedução, ao qual se unirão outros, com suposições e comprovações, uma vez que, na leitura, estamos sempre formulando hipóteses construtivas acerca do significado do texto.

O público interage com a obra e oferece a ela toda a energia necessária para que ela viva. É a sua intervenção que faz entrar a obra na continuidade de um horizonte dinâmico de experiência, na qual se opera a permanente passagem de uma recepção simples a um comportamento crítico, de uma recepção passiva a uma recepção ativa, e das normas estéticas reconhecidas a uma produção nova.

O texto, como criação humana, e por seu caráter de condensação, apresenta fissuras que devem ser completadas pelo leitor. Para Eagleton: “O leitor estabelece conexões implícitas, preenche lacunas, faz deduções e comprova suposições e tudo isso significa o uso de um conhecimento tácito do mundo em geral e das convenções literárias em particular.”<sup>31</sup>

Para que a interação leitor-texto se concretize, Jauss (2003) propõe sete teses de que resultam sete estágios percorridos pelo leitor. Em todas as teses, Jauss circunscreve o horizonte, que representa o saber do leitor. O horizonte de expectativa antecede a relação do leitor, porém, a interação do leitor-texto modifica esse horizonte, como aspecto essencial que impulsiona o prosseguimento e construção da compreensão, interpretação e aplicação estética.

Na primeira tese, Jauss sugere um novo enfoque para a historicidade da literatura. Ao longo do tempo, os leitores que leram a obra em primeira mão deixam experiências a respeito do seu significado. Diz ele: “Essa experiência se funda no fato de a interpretação de uma determinada obra poder-se desenvolver e enriquecer de geração em geração, constituindo uma cadeia de recepção.”<sup>32</sup> Ocorre a descoberta dos conhecimentos prévios que se relacionam ao assunto que o título suscita. O leitor rememora o conjunto de informação acerca do tema. Para estimular e enriquecer o horizonte de expectativa, o mediador da leitura lança o desafio, o leitor se vê impulsionado a começar a experiência.

---

30 WERTHEIN, Jorge: *Fundamentos da Nova Educação*; Brasília: UNESCO, 2000.

31 Eagleton, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2003:105

32 Jauss, 2003: 61

Várias perguntas são feitas pelo leitor, a respeito do texto, antes mesmo do início da leitura.

Na segunda tese, o leitor utiliza as experiências obtidas com outras leituras e concretiza o processo de recepção relativo ao tema, ao gênero e a forma da obra, “que evoca obras já lidas, coloca o leitor numa determinada situação emocional, cria logo desde o início, expectativas a respeito do meio e do fim da obra que, no decorrer da leitura, pode ser conservada ou alterada”<sup>33</sup>. Em decorrência do ato de ler, as perguntas vão sendo validadas ou negadas. O leitor inicia o processo de interpretação da obra. O horizonte de expectativa se renova, “com o círculo hermenêutico que engloba o todo e volta à parte. “A leitura não é um movimento linear. Cada frase abre um horizonte que é confirmado, questionado ou destruído num movimento para trás e para frente.”<sup>34</sup>

A terceira tese amplia a visão do processo de recomposição do horizonte. Nesta parte, Jauss evidencia a dialética entre estético e histórico. Ele afirma que o horizonte de expectativa de uma obra pode ser construído a partir da interação. O valor estético da obra de arte corresponde à expectativa do leitor, quando ela lhe provoca admiração e perplexidade, o receptor prossegue com a análise da obra na busca da compreensão. A ruptura entre a expectativa do leitor e experiência literária vigente, provoca inquietação e em seguida a formulação de nova concepção. As antecipações são negadas e o leitor é forçado a prever outras passagens e atitudes das personagens. E ao formular novas perguntas o leitor é impulsionado a continuar.

Na quarta tese, vê-se o aprofundamento das ideias de interpretação da obra de arte. Prosseguem as perguntas que são respondidas ou contestadas. Desse modo aparecem outras perguntas e as expectativas se renovam. O estranhamento faz o leitor criar uma visão do que está por vir. Acontece um desvio do esperado para que o leitor se sinta estimulado a continuar. O texto é como um enredamento, a cada linguagem uma nova modalidade de jogo que causa estranhamento no receptor. Esse fenômeno pode acontecer por meio dos recursos literários: palavras, imagens, símbolos, ambiguidades, metáforas, metonímias. São possíveis, também, quando há mudanças nas estruturas textuais contrariando o usual, ou quando aparecem personagens ou sequências distorcidas.

---

33 Idem: 67

34 Idem: ibidem: 23



Na quinta tese, a teoria estética da recepção viabiliza o entendimento do texto a partir das simultaneidades das outras teses que, interligadas, renovam sempre as indagações. Acontece um movimento de examinar e perguntar: “a obra exerce, ela própria, constantemente, a mediação pela qual a distância histórica é transposta”.<sup>35</sup> Ela aproxima o leitor de fatos do passado e atualiza a interpretação.

Na sexta tese, Jauss trata das interseções diacrônicas e sincrônicas. Para alimentar o horizonte de expectativa, o leitor utiliza o horizonte de experiência, conhecimentos adquiridos por outras leituras, que situa o assunto ou o tema da obra na história cronológica, a evolução com passar dos anos. E, ao mesmo tempo, ele faz um paralelo da arte literária com os acontecimentos contemporâneos à obra. A estética da recepção permite e valoriza o movimento que o texto artístico realiza na linha do tempo de modo atemporal, atendendo ao leitor. Nesse processo progressivo entre produção e recepção, a obra se ajusta para atender o momento da recepção.

A sétima tese se configura como solução à pergunta para a qual a obra é uma resposta. Aparece então o papel da leitura literária. “A função social da literatura só manifesta genuinamente as suas possibilidades quando a experiência literária do leitor intervém no horizonte da sua vida cotidiana.”<sup>36</sup> Na experiência estética, a obra provoca, no receptor, o distanciamento de si, das preocupações: desvia o pensamento para as peculiaridades do texto e acontece a catarse.

Em todas as teses, o horizonte de expectativa e o valor estético, próprio da obra literária, valorizam bastante a interação. “A obra impulsiona seu receptor a buscar o novo equilíbrio, contestando o institucionalizado, a partir de sua vida pessoal.”<sup>37</sup>

Durante a criação do objeto artístico, defende Jauss (2003), o receptor se envolve em três categorias fundamentais: poesia, estesia e catarse. Essas atividades desencadeiam no leitor três modos de experimentar da obra: a atividade produtiva, a perceptiva e a liberativa. Na primeira, que é a poesia (*poiesis*), o leitor se apropria do prazer estético, se sente envolvido pelo texto e com isso reconstrói o belo, a partir do jogo que a obra oferece. O desafio do novo e das palavras que se transformam em imagens ilustram, engrandecem e surpreendem o receptor. Essa é a consciência receptora.

---

35 Idem: ibidem: 84

36 Idem: ibidem: 105

37 Lontra, Hilda Orquidea Hartmann. *A leitura da literatura em segundo grau*. Universidade de Brasília- CESPE: 1996:19

Para Jauss, também o autor, no momento de criação, vivencia o prazer estético e participa tanto quanto o leitor da categoria da *poiesis*. Ele aproveita essa benesse duplamente: produtor e primeiro leitor de sua própria obra.

Na segunda categoria, a estesia (*aesthesis*) é a apreciação total da estética do texto. Nesse momento, o leitor amplia os horizontes de experiência e fica condicionado a obter novas experiências prazerosas da arte, percebendo o valor estético. Nessa fase, o leitor experimenta inquietação, ou sentimento de admiração, de desconhecimento ou de perturbação diante dos acontecimentos estéticos que aparecem na obra, ao decorrer dos estágios do ato de ler.

Enquanto experiência estética receptiva básica, a *aesthesis* corresponde assim a determinações diversas da arte:

- como pura *visibilidade*, que corresponde à recepção prazerosa do objeto estético,
- como *visão intensificada*, sem conceito ou através do processo de estranhamento,
- como *visão renovada*;
- como *contemplação desinteressada* da plenitude do objeto<sup>38</sup>.

Na terceira categoria, acontece a catarse (*Kátharsis*), que é o efeito estético proporcionado pelo texto literário. Esse se torna duradouro e possibilita a mudança de pensamento, de atitude e de comportamento. É a possibilidade de liberação dos conflitos internos, que dá uma sensação de alívio, desviando o leitor das atividades práticas e da rotina.

Essas categorias ocorrem uma independente da outra: podem se suceder sequenciadas, imbricadas ou simultaneamente. A própria atividade de *aesthesis* pode se converter em *poiesis*. Isso ocorre quando o observador considera o objeto estético como incompleto, saindo de sua atitude contemplativa para se converter em co-criador da obra, à medida que conclui a concretização, desvendando a forma e o significado da obra<sup>39</sup>.

---

38 Jauss :.101

39 Lage, Micheline Madureira. *Ler sem doar: perspectivas para a leitura do Texto Literário no ensino médio*. Coronel Fabriciano, Unileste-MG, 2003:48

Durante a recepção, a leitura, seguindo a hermenêutica literária, desenvolve-se em três etapas: compreensão, interpretação e aplicação. Jauss propõe destacar os horizontes de uma primeira leitura de percepção estética, seguida da segunda leitura de interpretação retrospectiva. A seguir, ocorre uma terceira leitura que será histórica, ampliará o horizonte de experiências.

A recepção é sempre um processo de acolhimento do objeto artístico, que se inicia pelo horizonte de expectativa, em que as perguntas e as respostas encaminham o leitor à compreensão. Esta atividade cognitiva, específica, resulta da apreensão dos aspectos externos da obra. Na primeira etapa de leitura, ocorre a descoberta superficial acerca da obra. Nessas impressões iniciais, a obra suscita no leitor apenas uma percepção. Complementando o pensamento de Jauss, Ingedore Koch (2006) defende que a compreensão ocorre segundo alguns fatores concernentes ao autor e ao leitor: conhecimento linguístico, esquemas cognitivos, bagagem cultural etc.

Inicialmente, a obra revela, para o leitor, camadas mais superficiais. O leitor liga o conhecimento de mundo com o conhecimento do texto e inicia a compreensão. Esse processo começa antes da leitura em si, quando o leitor já está inserido num contexto, sabe decodificar e reconhece a linguagem. Nesse diálogo inicial, esse agente dispõe de mecanismos para reconhecer os significantes que evocam um horizonte de significados. Ele deve se deixar impregnar pelo imaginário além do texto. A compreensão se concretiza quando o leitor conclui os primeiros contatos com a obra.

O receptor toma conhecimento dos aspectos poéticos do texto. A partir da compreensão, o leitor atribui sentido ao conteúdo do texto e se posiciona como ser criativo e reflexivo. Segundo Lontra (2007), “a leitura compreensiva é o horizonte prévio de leituras posteriores”<sup>40</sup> Com algumas suspeitas confirmadas, o receptor constrói a ideia principal do texto e prossegue ao estabelecer previsões.

O texto literário se torna compreensível na sua função estética apenas no momento em que as estruturas poéticas, reconhecidas como características no objeto estético acabado, são transportadas, a partir da objetivação da descrição para o processo da experiência com o texto, o qual permite ao leitor participar da gênese do objeto estético<sup>41</sup>.

---

40 Idem: 22

41 Jauss, Hans Robert. *O texto poético na mudança de horizonte da leitura*. in Lima, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*, v.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002: 876.

O processo dialógico da recepção abrange “cada uma das atividades que se desencadeia no receptor por meio do texto, desde a simples compreensão até a diversidade de reações por ele provocadas”<sup>42</sup>

Na segunda etapa, o receptor realiza a interpretação. Esta equivale ao relembrar os acontecimentos anteriores, dados a conhecer pelo texto, agregar conhecimentos pertinentes e resolver questões que não foram respondidas na primeira leitura. A interpretação explícita na segunda fase e em todas as leituras seguintes, os horizontes de expectativas da primeira leitura perceptual.

Nesse caso, ao apreender o texto literário, o leitor percebe o objetivo da leitura e avalia, constantemente, as respostas que obtém a cada pergunta inferida do texto. Separar a interpretação da compreensão só é possível no horizonte de segunda leitura. Nesse nível, o leitor disponibiliza conhecimentos mais apurados para a interpretação.

Interpretar consiste em uma recepção mais abrangente, por isso com mais complexidade do que compreender. Passa do plano primário para um mais elaborado, que só é possível quando o leitor suscita todos os conhecimentos acerca do assunto e cada significante é associado aos significados possíveis, pelo ato que coloca a recepção num nível mais elaborado. Esse processo se evidencia por utilização de conhecimentos multidisciplinares: sociológicos, psicológicos, geográficos, linguísticos. O leitor passa de receptor para produtor do evento discursivo e, desse modo, apropria-se da interpretação. Nesse momento, acontece a fusão de horizontes. A interpretação do leitor se une pelo intermédio da recepção com as ideias do autor. “Enquanto apropriação, a interpretação torna-se um acontecimento.”<sup>43</sup>

No terceiro nível, da leitura histórica, de aplicação, o receptor recupera os níveis anteriores: compreensão e interpretação. Com a atividade de aplicação, o leitor emprega o que apreende e utiliza o conteúdo da obra para sua mudança ou confirmação dos valores e comportamento. O leitor passa de uma atitude passiva para uma auto-reflexiva, que proporciona uma atitude ética e estética diante da vida. A aplicabilidade da aprendizagem, relacionada com a recepção do texto ficcional, se dá quando o leitor procura outros textos: ele compreende a incompletude dos fenômenos e segue em busca de outras obras que lhe complementem o sentido vivencial.

---

42 Jauss, Hans Robert. *A literatura como provocação* (história da literatura como provocação literária). Lisboa-Portugal: Veja Passagens, 2003:121

43 Ricoeur, Paul. *Teoria da interpretação*. O discurso e o Excesso de Significação. Lisboa, edições 70, 2009:129

Ao contestar a historiografia tradicional, Jauss sugere o método baseado na evolução do pensamento recepcional. A estética da recepção consegue valorizar o leitor como polo principal na leitura; para isso, Jauss explicita na estética da recepção todos os passos que o leitor percorre no processo, que envolve o momento antes da leitura, durante a leitura e depois da leitura. São as sete teses que norteiam os estágios da reconstituição do horizonte. O efeito estético libera o receptor, e fenômenos artísticos passam a ser, só então, eventos literários.

O trabalho responde a um duplo interesse metodológico: dá continuidade aos estudos relativos à história da literatura e inaugura vias de investigação, caracterizadas pela tentativa de compreender a natureza das relações entre o leitor e experiência estética<sup>44</sup>.

As experiências estéticas literárias ocorrem em justaposição, em sobreposição, em união e em entrecruzamento com as experiências do receptor. O leitor e obra se completam porque a arte literária consegue compactar várias vidas em uma só.

E, em decorrência, com os níveis de leitura: compreensão, interpretação e aplicação, Jauss (2003) valoriza a intenção e conhecimento do leitor. A obra literária, nesse caso, passa a ser vista como representação da sociedade, a ser lida pelo leitor ativo e comum que vive nessa sociedade ou em qualquer outra.

É intervenção do público que faz entrar a obra na continuidade de um horizonte dinâmico de experiência, na qual se opera a permanente passagem de uma recepção simples a um comportamento crítico, de uma recepção passiva a uma recepção ativa, e das normas estéticas reconhecidas a uma produção nova.

A finalidade da literatura, pelo foco recepcional, é devolver o homem a si mesmo, dando-lhe oportunidade de conquistas. A atividade receptiva o faz valorizar cada pormenor da literatura. Para Karlheinz: “O significado da obra literária é apreensível não pela análise isolada da obra, nem pela relação com a realidade, mas tão-só pela análise do processo de recepção, em que a obra se expõe, por assim dizer, na multiplicidade de seus aspectos.”<sup>45</sup>

Assim como a vida, a literatura participa de um cenário complexo e dinâmico. Ocorre nessa interação dupla influência, da obra sobre o leitor e do leitor sobre a obra, com as várias interpretações. Entende-se por interação o encontro de um ser humano com outro

---

44 Zilberman, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática: 2009.

45 Stierle, Karlheinz. Que significa a recepção dos textos ficcionais in Lima Luiz Costa. *A Literatura e o Leitor: textos da Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002:120.

ser humano ou do ser humano com um objeto. Esse processo é relevante para a construção do conhecimento. Ao interagir, seja com o ser humano ou com o objeto escrito, realiza-se o intercâmbio de informações.

Neste estudo – cujo título é “Horizontes Entrecruzados: recepção da arte literária nas series iniciais” – discute-se a interação do texto literário com o leitor; e nesse relacionamento mútuo tanto o primeiro como o segundo sofrem ação. “O diálogo entre o texto e o receptor só pode ter êxito mediante a mudança do leitor.”<sup>46</sup>

Wolfgang Iser (1999) caracteriza interação como a influência recíproca entre leitor e texto. Esse diálogo leitor-texto é um tipo especial de interação porque o receptor não assegura com exatidão o andamento das respostas na mesma ordem em que as perguntas são realizadas. Acontece a desarmonia entre os dois polos dessa relação. Na obra de arte, o objeto é intencional, pois falta a determinação total. No texto ficcional, há sistemas de combinações conectadas por vazios que devem ser redirecionadas pelo leitor. “O que legitima a relação texto-leitor como interação é a impossibilidade de experimentar-se da experiência alheia.”<sup>47</sup>

Iser (1979) cita a teoria de Ingarden que descreve a indeterminação como um fator relevante para a leitura. São os vazios e as negações que impulsionam o leitor a prosseguir o ato de ler. Essa é uma característica da obra de arte como objeto intencional. A urdidura da trama forma um horizonte de referência que deve ser seguido. “Através dos vazios do texto e das negações nele contidas, a atividade de constituição decorrente da assimetria entre texto e leitor adquire uma estrutura determinada, que controla o processo de interação”<sup>48</sup>.

Ao atingir a concretização do ato de ler, o receptor realiza a composição da compreensão e interpretação. Os vazios provocam a quebra de continuidade que levam ao leitor à atividade de composição. O leitor é forçado a abandonar as imagens e, a partir das circunstâncias textuais, a produzir outras e assim o processo dinâmico se realiza.

O leitor em formação participa desse processo com auxílio de um mediador o qual sabe direcionar a interação leitor-texto, ouvindo as perguntas e ajudando o aprendiz

---

46 ISER, Wolfgang. “A Interação do texto com o leitor”. In: LIMA, Luiz Costa (org.). *A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979: 88

47 ISER, Wolfgang: 1979:88

48 ISER, Wolfgang,: 92

encontrar resposta. Nesse movimento de criar e participar, o grupo de estudantes interage, aprende com o mediador e com os colegas. Essa criação, recriação e apreciação da obra no momento da interação resulta na concretização do objeto estético.

Um aspecto curioso é que, no texto ficcional, os fatos correspondem ao mundo real, porém, com ideias, sequências diferentes e perspectivas diversas. Isso incentiva o leitor a construir sentidos. Iser preconiza que: “O leitor nunca retirará do texto a certeza explícita de que a sua compreensão é justa”.<sup>49</sup>

#### 1.4 Aquisição, ensino e aprendizagem da leitura

Os passos iniciais para a formação leitora ocorrem na primeira infância no instante em que, ainda bebê, a menina ou o menino aponta o dedinho para um objeto e pergunta: “o que é isso?” a criança começa a explorar o mundo e se for estimulada, será sempre curiosa e aos pouco conseguirá conhecer melhor o mundo em que vive.

Em seguida, esses leitores ouvem histórias contadas pelos pais ou cuidadores. Nessa fase, eles interagem, fazem perguntas, fazem conjecturas e pedem que se leia ou se conte a mesma história até uma dezena de vezes.

O desenvolvimento da habilidade de decodificar, compreender e interpretar ocorre passo a passo, de acordo com ritmo de aprendizagem dos leitores. Eles encontram o significado apropriado para cada momento e, pelo exercício da consciência leitora, conseguem transcender os limites dos livros posteriormente e acreditam que podem contribuir para mudança de sua comunidade.

A aprendizagem leitora propicia educação que transforma o homem e o mundo. De acordo com Silva (2003), “o ato de ler inicia-se quando um sujeito, através da sua percepção, toma consciência de documentos escritos existentes no mundo”<sup>50</sup>

No artigo *Para ensinar a ler: traços e as funções nas manifestações de leitura*<sup>51</sup>, Dagoberto Buim Arena considera o ensino da atividade de ler, em busca da produção de leitores competentes, como responsabilidade dos professores. A atividade de ler,

---

49ISER, Wolfgang, : 86.

50 Silva, Ezequiel Theodoro da. *Conferências sobre leitura – trilogia pedagógica*, Campinas, SP: Autores Associados, 2003:95

51 Arena, Dagoberto Buim, “Para ensinar a ler: traços e as funções nas manifestações de leitura”, *Mãos Dadas: rodas de ler*, postado no sítio do Grupo de Pesquisa LER: <http://ler.literaturas.pro.br>, acesso em maio de 2010.

diferentemente da leitura, que se pode fazer só por intuição, deve ser direcionada. A sustentabilidade dessa ação está no diálogo, por isso cada questão será personalizada, atendendo as interrogações que cada leitor elabora no decorrer da apreensão do conteúdo. Nesse caso, cada aprendiz cria suas próprias perguntas acerca da obra. O ensinar ativa e movimenta o pensamento acerca do todo que é o texto.

No processo de fruição textual, que é estético, o ensino inicia-se bem antes do ser humano decodificar letras, e é diferente de verbalizar as palavras do texto; por isso é um tipo de atividade que se realiza eficientemente com auxílio de um mediador. Para dar os primeiros passos na aprendizagem é necessário que seja apontado cada detalhe explícito ou implícito que faz a produção escrita ser uma obra literária. Esse ato de transmitir experiência prática acontece quando o professor desvenda, junto com o aluno, a literariedade do texto: a beleza dos encadeamentos das palavras, a tessitura das ideias, a plurissignificação da obra, a presença de outros textos artísticos, metáforas e metonímias, ambiguidades, sonoridades etc.

A atividade deve ser rotineira e, ao abarcar os vários gêneros e os diversos autores, se torna uma experiência singular e enriquecedora porque o professor compartilha com os estudantes todos os saberes.

Para isso, é preciso ensinar a ampliar e mobilizar o conhecimento temático e linguístico para a atividade de ler, orientada por objetivos e finalidades, conforme as intenções do leitor, a sua relação com o tema e o gênero do discurso sob o qual os enunciados se organizam.<sup>52</sup>

Proporcionar diálogo coletivo com a obra exige intervenção, que ocorre o professor fornece caminhos para a formação estética, para aprender a ler nas entrelinhas. Na situação de ensino, é conveniente iniciar com um levantamento de dados relacionados ao tema da obra. Ao buscar na memória informações a respeito do assunto, o receptor começa a ter curiosidade para saber mais. Depois, com o desenvolvimento da atividade, os estudantes aprendem que existem pensamentos diferentes e divergentes acerca do assunto. O mediador deve ter segurança de todos as nuances e particularidade da obra. Só então, direcionar o aluno para a construção da aprendizagem. “A mediação do professor jamais

---

52 Arena, 2010: 22



substitui o diálogo, fácil ou problemático, entre o indivíduo e a obra de arte. A mediação poderá colaborar e muito, estimular, orientar...”<sup>53</sup>

Nas aulas de leitura literária, o professor guia os alunos para o relacionamento com livros e outros suportes de arte, porque se preparou<sup>54</sup> para essa tarefa: escolhe textos que estimulem a criatividade, planeja, seleciona obras que motivem e, com segurança, passa a incentivar a leitura literária, demonstrando que conhece cada obra. A atividade se torna momento de identificação; por ser arte, proporciona vivência com a realidade, com aspectos intensificados, e prepara o professor para receber o dia com mais poesia. Esse contato é tão imprescindível quanto contar palitos ou utilizar a calculadora na aula de matemática ou observar com a lupa as minhocas na aula de ciências. Nas aulas de leitura literária, os aprendizes passam por momentos de medo, raiva, susto, alegria, tristeza, nojo.

Para alcançar os conhecimentos literários, a orientação deve ser por meio de perguntas e respostas. Ancorar o assunto com as vivências e experiências reais facilita a elencar uma série de hipótese e previsões. Em seguida, os questionamentos encaminham a atividade de ler para que o receptor identifique, na narrativa, os personagens, as características e as funções que cada um exerce na trama. Nos poemas observar o ritmo, a rima e a construção dos versos, que sustentam as imagens.

No momento seguinte, o leitor reconhece, com auxílio do professor, o conflito gerador do enredo. Esse item da trama possibilita a construção do sentido. Responde a pergunta chave da narrativa. Levar o leitor perceber a pessoa da narrativa, desenvolve a parte social da literatura.

Com o andamento da atividade é relevante observar e distinguir as características das expressões que indicam temporalidades e demarcam espaços. Com esses cuidados, os alunos aprendem que o texto literário pode ser plurissignificativo.

Num momento posterior, o professor chama a atenção para a descoberta de intertextualidade como fator de construção de elementos simbólicos de contiguidade (metonímia) e similaridade (metáfora). Com essas orientações o aprendiz começa a distinguir uma lenda de um fabula e de um conto de fadas como outros gêneros textuais. O

---

53 Perissé, Gabriel. *Estética e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009:48.

54 Gabriel Perissé, nesta obra, defende que o professor, para ser um bom mediador, deve se alimentar da estética da arte.

receptor compreende também que, num mesmo texto literário, às vezes, aparecem vários gêneros: carta, receita, reportagem.

O professor consciente dessas benesses reconhece a relevância da aprendizagem literária. Nesse sentido, reforça Arena:

Para que o aluno aprenda a ler literatura é preciso ensinar a ler literatura, a compreender sua configuração, a ver a beleza estética no arranjo das palavras, a apreciar articulação da estrutura da narrativa e de seus componentes, mesmo que todas essas ações não tragam sensação de conforto, de prazer e de sublimidade.<sup>55</sup>

São enormes os ganhos do ensino de atividade leitora, da leitura literária como formadora de cidadão criativo, participativo que se reconhece como sujeito importante das decisões, na sala de aula. Com as multiplicidades de temas existentes em forma de histórias disponíveis na biblioteca ou nas salas de leitura, o professor poderá diversificar sua dinâmica para atender os anseios de cada leitor. Contemplar o poder de escolha é o primeiro passo para começar.

E mais, os estudantes concluem a leitura. Passam por vários momentos, pelos conflitos, pelas resoluções dos problemas e o final pode ser extensivo às atividades rotineiras. Esse fato dá satisfação por começar e terminar a tarefa que foi prazerosa.

O aluno que passou por esse ensinamento consegue atender às expectativas da sociedade. Ele aprendeu as particularidades do texto literário por meio de enriquecedoras discussões coletivas. Ele ouviu o professor lendo por capítulos e também realizou as suas escolhas livres na biblioteca ou sala de leitura. Esse cidadão a quem foi ensinada a atividade de ler dará continuidade ao ato de ler depois que sair da escola.

### 1.5 Leitura em projetos e projetos de leitura

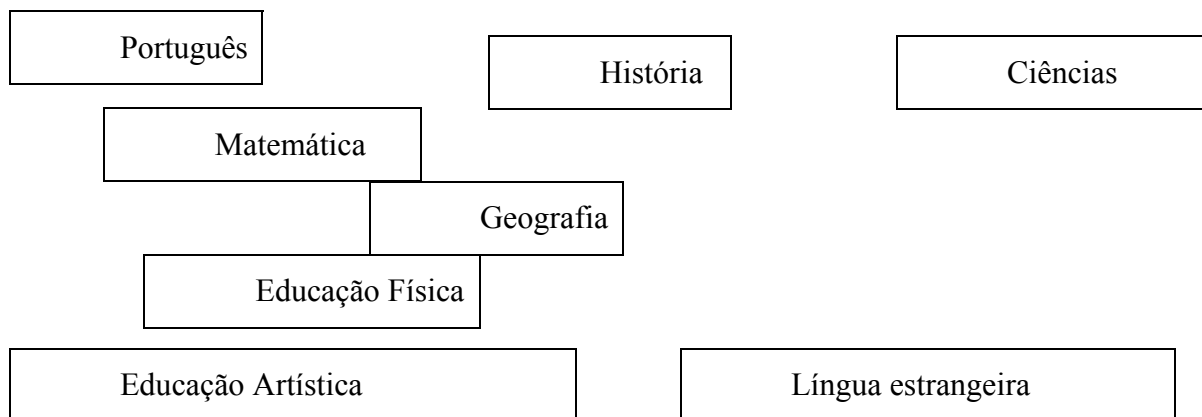
Antes do convencimento de que a aprendizagem se dá como um bloco interligado por esquemas mentais<sup>56</sup>, o ensino se dava como se o aluno abrisse gavetas com os conhecimentos separados. Era uma gaveta para cada disciplina. Então, na percepção

---

<sup>55</sup> ARENA, Dagoberto Buim, “Para ensinar a ler: traços e as funções nas manifestações de leitura”, *Mãos Dadas: rodas de ler*. <http://ler.literaturas.pro.br>, Acesso em maio de 2010:22.

<sup>56</sup> Vernaud, apud Fávero, Maria Helena. *Psicologia e Conhecimento: subsídios da psicologia do desenvolvimento para analisar e aprender*. Brasília: EdUnB, 2005.

educativa, a separação total das disciplinas era proveitosa. O conhecimento acerca de uma disciplina não auxiliava o entendimento de outras. Então, o procedimento era como no desenho a seguir. Esse modelo de ensino, embora criticado, ainda hoje, é uma prática bastante usual.



Com as pesquisas realizadas recentemente, chegou-se à conclusão de que o conhecimento relacionado às ciências poderia ajudar o entendimento da história, e que a mente humana utiliza um esquema de andaime, ou seja, segura-se nos conhecimentos que estão já consolidados para entender os fatos novos que estão por acontecer.<sup>57</sup> E a leitura é importante para esse esquema. Nessa perspectiva, as metáforas da rede<sup>58</sup> servem para justificar a leitura presente em todas as disciplinas.

Muitas vezes, o ensino praticado na escola é fragmentado. E essa ocorrência é devida à diversidade de temas que existem em cada disciplina. A solução para trabalhar de modo interligado é a leitura. Segundo Ademir Assunção<sup>59</sup>, a leitura de todos os textos, com destaque à literatura, é fundamental para a formação de bons leitores de todas as áreas do conhecimento.

No momento em que se discute a implantação do Plano Nacional do Livro e da Leitura é importante que o poder público tenha clara a necessidade do fomento à leitura, mas, também, à criação literária, e não apenas ao seu produto, o livro. O material impresso em forma de livro pode ser qualquer um. Literatura “são outros quinhentos...” Isso é fundamental para que tenhamos um país não apenas de leitores, mas de *bons* leitores. E

57 Vigotsky (2000), em *A Construção do Pensamento e da linguagem*, diferencia: o conhecimento já adquirido, que está na ZDR (zona de desenvolvimento real) do conhecimento por vir, que está na zona de desenvolvimento proximal (ZDP)

58 KLEIMAN, Ângela B. *Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola*, Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.

59 “Fome (zero) de literatura”: propostas para que nos tornemos um país de bons leitores. Disponível em [http://www.vivaleitura.com.br/artigos\\_show.asp?id\\_noticia=7](http://www.vivaleitura.com.br/artigos_show.asp?id_noticia=7) Acesso em abril de 2010.

uma literatura forte, viva, em movimento, que possa se ombrear a de qualquer outro país do planeta. (Assunção, 2010)

Com a prática leitora é possível construir o conhecimento por meio de projetos, envolvendo um só tema em um maior número de disciplinas. O tema a ser enfatizado deve ser escolhido pela turma, e o maior número possível de professores deve participar. Os valores que a sociedade, através da escola, quer desenvolver no aluno, podem ser trazidos através da leitura.

Wander Soares (2010) afirma que “A solução está na escola”<sup>60</sup> e desenvolve seu raciocínio, complementando:

Ao ser alfabetizada, ao aprender a domar as palavras, ao iniciar um relacionamento com os livros, a criança pode começar a ser gradualmente fidelizada como consumidora. Sabemos da forte influência dos professores na formação de seus alunos e, esta influência, no que diz respeito ao gosto pela leitura, vai depender do grau de afetividade do professor com o hábito de ler.

Ler por obrigação, sem “curtir” o texto, só para cumprir um dever escolar, longe de criar leitores, pode até "vacinar as crianças contra o hábito de ler". Essas crianças crescem, e quando se tornam professores, pelo processo de uma geração que forma a outra, continuam com as mesmas deficiências na compreensão leitora.

Se os leitores iniciantes tiverem a formação de hábito e gosto pela leitura literária na educação fundamental, terão muito menos dificuldades em selecionar e se aproveitar do saber que está nos livros; caso contrário, será para eles um grande sacrifício consultar bibliografias e, em muitos casos, procurarão escapar dessa tarefa através da informação oral, da internet ou das cópias xerográficas, sem conseguir chegar ao âmago formador que só o livro tem.

Em disciplinas específicas, nas séries mais adiantadas, pode acontecer a união de vários educadores para realizar projetos. No caso do Ensino Fundamental, anos iniciais, o pedagogo ensina todas as disciplinas, portanto facilita a aplicação da metáfora da rede<sup>61</sup>. Esta permite perceber o conjunto de relações imbricadas no texto. A metáfora da rede em

---

60 Disponível, na íntegra, em [http://www.vivaleitura.com.br/artigos\\_show.asp?id\\_noticia=6](http://www.vivaleitura.com.br/artigos_show.asp?id_noticia=6) Acesso em abril de 2010.

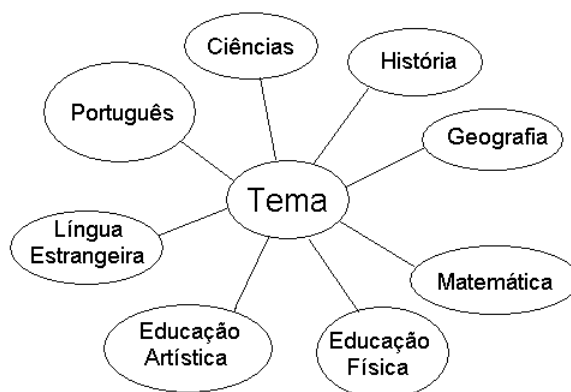
61 KLEIMAN, Ângela B. B. Moraes, Silvia. E. Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola, Campinas, SP: Mercado de letras, 2002.

construção concebe visualizar o dinamismo do processo mental que pode ser promovido pela leitura de apenas um texto. Em contato com texto literário, o leitor inicia um processo de busca mental a outros conhecimentos. O domínio de um aprendizado corrobora para que o receptor alcance e construa os sentidos dos textos. É o leitor que tece as redes: é função do professor mostrar ao aluno como puxar os fios e fazer os nós.

### 1.6 – Leitura: interdisciplinaridade e aprendizagem reflexiva

A interdisciplinaridade dinamiza a aprendizagem de modo que, em um só texto, pode haver possibilidade de se aprender sobre todas as disciplinas, a partir de um mesmo tema. Essa abordagem também pode abrir caminho para que os aprendizes busquem outros textos enriquecedores do assunto tratado, ou seja, em uma única obra pode haver um conteúdo referente a vários conhecimentos.

Com a renovação do currículo<sup>62</sup>, hoje, as provas de concursos e vestibular são realizadas como um só pacote, permeadas com questões inter-relacionadas, sem divisão de disciplinas. E nesse caso há o pensamento interdisciplinar e transdisciplinar, conforme diagrama abaixo.



Essa interligação entre disciplinas pode existir numa carta, novela ou romance; e é o que permite o ensino interdisciplinar. Em uma obra literária como, por exemplo, *Vidas secas* ou a *Bolsa Amarela* estão conhecimentos, relacionadas a várias disciplinas. Essas obras mostram como a literatura abre espaço para o leitor curioso que pode buscar outras fontes de pesquisa para outras aprendizagens formando uma rede de saberes.

<sup>62</sup> No currículo novo, 2006, surgiram dois blocos de conhecimentos - Ciência da Natureza e Ciências Humanas - no lugar das nove disciplinas de antes. Esses dois blocos são interligados pela leitura. Para desenvolver aprendizagem relativa ao bloco da Ciência da natureza deve se integrar, por meio de projetos, os conteúdos com as Ciências humanas formando um todo.

A interdisciplinaridade acontece por intermédio da intertextualidade. O que facilita elaborar o projeto interdisciplinar é a leitura de textos, pois todo texto na verdade é um intertexto, ou seja, contém outros textos. Nesse caso, “A leitura é a atividade que propiciaria a aprendizagem e a integração de novas informações aos conhecimentos e experiências anteriores na construção de significados.”<sup>63</sup>

A interdisciplinaridade abre caminho para a formação do sujeito autônomo, do leitor preparado para questionar as ideias expostas e encontrar modos de aplicar na vida os ensinamentos do texto. A leitura literária deve ocupar o espaço privilegiado nos projetos em todas as disciplinas porque não existe consolidação da aprendizagem sem leitura. “Colocar a leitura como objetivo central nos projetos é uma questão ética, cuja abordagem necessariamente deverá levar em conta a multiplicidade cultural na preparação para a cidadania”<sup>64</sup>. Com a formação interdisciplinar, o aluno passa a aceitar as diferenças e, ao valorizar o pensamento dos pares; passa a se valorizar.

Para as crianças em formação, o ato de conhecer-se, descobrir as vontades e gostos, torna-se primordial. A partir desse autoconhecimento, elas conseguem interagir e respeitar o pensamento dos outros. O leitor desencadeia o desejo de ler ao imitar indivíduos que lêem; paulatinamente toma gosto e esse ato passa a fazer parte do mundo desse ser humano. Quanto mais se lê mais se adentra o texto. Iser, citado por Lontra, “considera que o texto, além de regular as direções da leitura, traz, implícita em sua estrutura, a função do leitor”<sup>65</sup>.

A aquisição da capacidade leitora e, conseqüentemente, da escrita exige do indivíduo habilidades de formular hipóteses a respeito do significado do texto; antecipar o sentido do que está sendo lido, que pode ser confirmado ou refutado à medida que o ato de ler vai se processando; verificar as antecipações que confirmam ou modificam as hipóteses; prever novas hipóteses; inferir, por fim, o que diz o texto. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto

---

63Kleiman, Ângela B. Moraes, Sílvia E. *Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola*, Campinas, SP: Mercado de letras, 2002:50

64 Idem Kleiman, 2002:55

65 LONTRA, Hilda Orquídea Hartmann. *A Leitura pelo olhar da Estética da Recepção*. Apostila do Curso: Leitura de Poesia 2007:64

Na aprendizagem reflexiva, o leitor se torna construtor, e, tomado por essa energia, há a elaboração de novos saberes; verifica-se a difusão do conhecimento que impulsiona as descobertas. Para a interpretação e compreensão de uma obra de forma produtiva, que desenvolve o intelecto e consolida o conhecimento, deve haver entrelaçamento do repertório do texto com o horizonte de expectativa e de conhecimento do leitor.

À experiência estética, conciliando prazer e conhecimento, é atribuída uma função transgressora: devido ao fato de a obra propiciar a contestação do horizonte social, cultural ou político do receptor, intensifica-se a comunicação entre obra e público. A obra convida o receptor a partilhar de seu universo – o tema tratado, a ação das personagens, a tipologia do herói, a ideologia subjacente – contribuindo para a emancipação e libertação do destinatário. Essa é a sua função social<sup>66</sup>.

---

66 LONTRA, Hilda Orquídea Hartmann. A Leitura pelo olhar da Estética da Recepção. Apostila do Curso: leitura de Poesia 2007:70



## 2- A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

*Minha confiança no futuro da literatura consiste em saber que há coisas que só a literatura com seus meios específicos nos pode dar.*

Ítalo Calvino

Literatura é utilização artística da linguagem. Por meio dela o poeta / narrador consegue expressar por escrito, com propósito estético sua visão de mundo. O arranjo artístico difere da linguagem do cotidiano e provoca surpresa: “A admiração pode e deve deflagrar o pensamento, provocar perguntas, sacudir inércias”<sup>67</sup>. A obra literária traz implícita ou explícita as experiências sociais, mudanças e sonhos dos indivíduos.

O conteúdo, a significação e o valor social e ético da literatura dialogam com a época ou lugar da gênese e da circulação da obra. Esses valores entrecruzados estão presentes na literatura em geral, tanto as indicadas para adultos ou quanto para crianças e jovens. O valor literário, desejado com a tessitura elaborada primorosamente em um texto, com o tempo, pode deixar de ser reconhecido e, por consequência, outras obras consideradas não-literárias podem passar a ser assim vistas, se vierem a existir, em outros tempos e outra comunidade.

O leitor, que concretiza a obra literária, passa por três importantes etapas hermenêuticas durante o ato ler: a compreensão, a interpretação e a aplicação. A compreensão é a mais comum porque exige do leitor uma primeira leitura, para se conectar com as partes mais superficiais do texto, com as ideias mais gerais, por isso está ao alcance da maioria dos leitores independente da idade ou da formação educacional. Na fase de interpretação o leitor vivencia o texto concatenado com os conhecimentos sociais e linguísticos, o leitor já alfabetizado, se envolve com as partes mais complexas da obra. Por último, a aplicação, exigindo um leitor competente, com nível instrucional mais elevado, põe o receptor como agente de mudança e transformação do mundo.

Na obra literária há duas dimensões da linguagem: designação, o que realmente representa o objeto, a ação ou o lugar; e a significação, que pode coincidir com o sentido

---

<sup>67</sup>Perissé, Gabriel. *Estética e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009:26.

ou não, pois depende do leitor e de suas idiossincrasias. Nesta segunda dimensão situa –se a leitura da escrita alegórica que exige o mais alta grau de apreensão do texto.

## 2.1 Os enredos da literatura

O imaginário dos leitores em geral começa, quase que em unanimidade, ouvindo ou lendo contos de fadas ou contos maravilhosos<sup>68</sup>. Na obra *Morfologia dos Contos*, o etnógrafo Wladimir Propp (2003) realiza importante pesquisa a respeito dos contos maravilhosos: narrativas com personagens mágicos, com poderes sobrenaturais que realizam ações extravagantes. Morfológicamente, Propp define o conto como uma sequência textual que parte de uma malfeitoria ou falta e se conclui com um enlace. Inicialmente, esse pesquisador argumenta a dificuldade de um estudo inteligível centrado nos tipos das personagens, uma vez que homens, animais ou coisas podem exercer, no conto, as mesmas ações. Desse modo, ele decide encontrar valores constantes em todos os contos. Esses valores invariáveis são as funções das personagens (Veja em anexo a enumeração das trinta e uma funções destacadas por Propp).

As funções são ações de diferentes personagens enredadas ao seu significado no andamento da intriga. Elas se alteram nas sequências, porém há uma regularidade de apresentação. Diferentes contos e de várias origens se inserem nessa composição estável e difundida. Para facilitar a visualização, Propp indica para cada função um substantivo que se refere às ações dos personagens.

No desenrolar da trama, essas funções podem aparecer em sequências diferenciadas, de conto para conto. No conteúdo do conto, na forma de explicar cada ato das personagens, Wladimir Propp enumera cerca de vinte tipos de transformações que procuram adaptar a linguagem para considerar as exigências do leitor contemporâneo à obra: *redução, ampliação, deformação, inversão, intensificação, enfraquecimento*. Essas transformações fazem com que a obra de arte passe a representar as aspirações e as expectativas da sociedade a que deve servir.

Por último, Propp enumera as substituições (recursos utilizados pelo autor) e as assimilações (procedimentos utilizados pelo leitor) às quais podem ser: *internas, realistas, confessional, por superstição, arcaica e literária*. Os modos como o leitor assimila a obra

---

<sup>68</sup> O conto maravilhoso é um gênero literário de origem oriental que se disseminou pelo mundo inteiro.

de arte, está implícito na proposta de leitura e no contexto social em que o leitor está inserido.

Complementando o pensamento de Wladimir Propp, Nelly Novaes Coelho (2008) esclarece as vantagens da leitura analítica dos contos:

O leitor ou ouvinte sente-se projetado num plano em que seus próprios anseios parecem realizar-se: os obstáculos se aplainam, o mal é castigado, o bem é premiado e a vitória dos heróis e heroínas é completa e perene... Daí o prazer interior ou a sensação de auto-realização que os contos de fadas ou contos maravilhosos transmitem<sup>69</sup>.

Os contos, ao longo dos anos, foram se transformando e acompanhando a vontade dos leitores. As funções das personagens representam as constantes e todo o resto pode variar. “As personagens dos contos maravilhosos, embora sendo diferente na sua aparência, idade, sexo, gênero de preocupação, estado civil e outras características estáticas e atribuíveis, durante a ação, realizam os mesmos atos.”<sup>70</sup>

Enquanto algumas funções permanecem, as motivações para realizá-las, ao longo do tempo, sofrerem transformações. Ao ser escrito, o conto acompanha a evolução da sociedade, na qual ele foi criado. Por isso Propp<sup>71</sup> faz um capítulo dedicado ao movimento diacrônico e sincrônico do conto.

A evolução dos contos decorre, assim, da mudança da sociedade, em que vivem os leitores e escritores. Mesmo sabendo que a influência dos contos na vida das pessoas é muito lenta, a realidade influencia com mais rapidez os motivos e assuntos da ficção. Essas transformações são originadas na vida cultural, baseadas em padrões de comportamentos, crenças, conhecimentos e costumes.

O modo de ler e interpretar os contos também sofre transformações acompanhando a evolução do pensamento humano e a importância dada à aquisição do conhecimento; depois da interpretação heróica surge a humorística; depois da lógica a alegórica e após a interpretação universal para a nacional, atendendo as particularidades de cada região.

---

69 Coelho, Nelly Novaes. O conto de fadas: símbolos – mitos - arquétipos. São Paulo: Paulinas, 2008:120.

70 Propp 2003:202

71 A obra a Morfologia dos Contos foi uma marco para outros importantes estudos acerca dos contos, não só os maravilhosos como também os contos de fadas, fábulas, novelas e anedotas, sendo utilizada como ferramenta de análise de narrativas, até os dias atuais.

A obra literária é ao mesmo tempo expressão da realidade, mas também constituída de uma realidade que só existe na obra, sendo a formação de um contexto da obra, ou seja, um mundo. “A literatura pode ser tanto uma questão daquilo que as pessoas fazem com a escrita, como que a escrita faz com as pessoas”<sup>72</sup>

O fato literário apresenta particularidades: narratividade, universo construído com metáforas, metonímias, sonoridades, ritmos, descrição, personagens, símbolos, ambiguidades, alegorias, enfim, recursos que compõem a literariedade do texto. Esses aspectos, porém, só aparecem quando o sujeito receptor consegue alcançá-los.

Nessa dialética de criar e transformar a percepção, a obra literária faz do adjetivo um substantivo, invertendo esse movimento. Quando o efeito resultante da interação entre leitor e obra na interpretação, compreensão e aplicação resultam em prazer estético; o jogo se completa.

Ler literatura é fuga do cotidiano, é alimentar a alma com arte, é conquistar um pensamento autônomo. O leitor toma posição crítica e se sente valorizado em sua singularidade.

Para concretizar o projeto interpretativo do texto plurissignificativo, o leitor deve colocar em jogo todas as vivências. “Como chave básica da educação, a literatura pode também exercer sua função social por outros caminhos”<sup>73</sup>.

## 2.2 Intertextualidade e mediação: formação de leitor crítico

Para fazer sentido, qualquer texto reporta, seja de modo involuntário ou de propósito, a outros textos e a realidades do mundo. Para melhor compreender e interpretar o sentido do texto, o receptor competente utiliza os conhecimentos acerca dessas influências contidas na obra literária. “Todo objeto, personagens ou lugar de uma narrativa, por mais surpreendente que seja, é constituído por meio de deformações, acréscimos, supressões e alterações em relação a aqueles que já conhecemos.”<sup>74</sup>

Um dos recursos narratológicos de muita importância é a intertextualidade. As referências, alusões, epígrafes, paráfrases, paródias ou pastiches são algumas das formas de

---

72 Eagleton 2003:9.

73 Iser Wolfgang, 1979: 930.

74 Reuter, Yves. *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002: 154.

intertextualidade. Os escritores em suas obras realizam diálogos com as heranças culturais. O sentido do signo linguístico, que corresponde ao conteúdo da obra, está ligado às sensações, encadeando significado e vivência.

A intertextualidade ocorre pelo significado da mensagem, pela regularidade crescente da forma, ao criar imagens que suscitam imagens já formadas na mente, expressões e sequências, e também pelo gênero, estilo e personagens. Esse fenômeno se dá num deslocamento de ideias, passando de um espaço para outro, do espaço social para o espaço ficcional, este incorporando aquele num encaixe perfeito.

Para executar essa tarefa, o leitor deve contar com algumas habilidades: conhecimento prévio, manejar decodificação, imprimir os processos de previsão e inferências contínuas. As previsões são facilitadas pela atribuição de características e pelas situações em que os personagens se movem e também pela relação que se estabelece entre a personagem e o objetivo que ele persegue. O leitor deve compreender a confluência dos objetivos contraditórios em uma mesma personagem ou mudança brusca.

No triângulo formado pelo autor, a obra e o público, este último não se torna de forma alguma um elemento passivo, que apenas reagiria em cadeia, mas antes uma fonte de energia que contribui para fazer a própria história<sup>75</sup>.

Metodologicamente, sugere-se o caminho pelo qual se deve expor o conhecimento ao alcance da criança, em situação de aprendizagem: atividades que fomentem a exploração do sistema da língua escrita. Por essa oportunidade de manejo, a literatura suscita nas crianças a construção da consciência metalinguística e, de acordo com a atenção para com a linguagem, formam-se as concepções intertextuais.

As ações reguladas possibilitam ao leitor avançar no caminho adequado para alcançar uma meta que é compreender os propósitos implícitos e explícitos da leitura, ativar e expor os conhecimentos prévios, dirigir a atenção ao fundamental, avaliar a consistência interna do conteúdo, comprovar e elaborar inferências de diversos tipos e, se necessário mudar de caminho.

Para capacitar o leitor literário, é necessário a formação continuada do professor mediador. É com a construção não só do leitor que lê e, mas também do que é lido, num

---

<sup>75</sup>idem p.57

movimento dialético, que o mediador-leitor participará da integração e da diferenciação proporcionada pela leitura literária.

A obra literária oferece ao leitor oportunidade de vivenciar temas relacionados às atividades humanas de modo bem particular. Só no século XVII é que se iniciou a mudança no modo de o adulto perceber e respeitar a criança. Antes as crianças liam os mesmos textos que os adultos. “Rousseau discerniu, há mais de duzentos anos, que o menino não era um adulto em miniatura, mas um ser com problemas peculiares”<sup>76</sup>.

Perceber as prioridades de cada fase do desenvolvimento da criança e como ela realiza os esquemas mentais para adquirir conhecimento, só aconteceu no século XIX. Antes desse avanço, a literatura infantil e juvenil era utilizada para fins didáticos e muitas vezes sem nenhum trato especial, pois não havia concepção nítida do universo infantil.

Atualmente, a aprendizagem da criança acontece de modo bem mais respeitoso, pois o estudo acerca da psicologia experimental abriu caminho para que educadores e pais conheçam como o ser humano, no início da vida apreende a realidade e consegue compreender os conceitos diferentes dos adultos.

Com a expansão tecnológica, diariamente o cidadão convive em inúmeras situações desafiadoras e por isso deve desenvolver a inteligência, nos mais diferenciados campos. É com a leitura literária que o indivíduo poderá conviver com o multiculturalismo. Se ele se torna um leitor crítico poderá valorizar a sua própria cultura e a cultura dos outros.

Hoje, o aspecto lúdico do texto literário aparece como elemento valorizado. Também com o avanço tecnológico, as crianças são competentes leitores intersemióticos, ou seja, conseguem interpretar figuras e palavras. Esse conhecimento não quer dizer que todos os textos com figuras sejam próprios para crianças.

Os textos indicados para crianças e adolescentes pedem análise cuidadosa por parte dos educadores. Os tipos de leitor (pré-leitor, leitor iniciante, leitor-em-processo, leitor fluente e leitor crítico) merecem especial análise, pois estão vinculados com a experiência leitora e essa relação pode ser para qualquer idade, de acordo com nível de leitura do indivíduo. Esses cinco tipos de leitores são equivalentes às fases do desenvolvimento da criança, defendida por Piaget. O período pré-operatório equivale ao pré-leitor, que é a criança da educação infantil com idade de um a três anos. Nessa fase ela precisa de

---

<sup>76</sup> - CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade* (1965). São Paulo: Ouro sobre azul, 2006: 51.

orientação, mas segue muito o exemplo dos adultos, por isso é importante que ela veja os pais e professores lendo.

Quando se trata da leitura literária, existe a possibilidade de adultos não-alfabetizados demonstrarem competência equivalente ao desenvolvimento de pré-leitor. Esses tipos de leitores podem estar representados em todas as fases da formação humana. Às vezes, o indivíduo apresenta leitura de mundo e não consegue decifrar as letras. Nessas situações eles precisarão ser orientados com mais atenção.

A orientação adequada pode formar leitores apaixonados e competentes. O bom mediador deve utilizar recursos para conhecer cada leitor em formação. E depois indicar o livro certo que levará o leitor a uma prática criativa, motivadora e que desperte o desejo de procurar outras obras.

O raciocínio lógico do leitor ativo, seja ele professor ou aluno, avoluma-se; o leitor se torna independente. Ele sabe comunicar e argumentar acerca dos pontos de vista com propriedade. E o mediador saberá valorizar a importância da ficção para a vida e da leitura para manter o raciocínio e a memória. Então, o aprendiz será um frequentador das bibliotecas. Poderá assim, o mediador habituar as futuras gerações a frequentarem esse espaço cultural e aprenderem a escolher um livro, analisar o título, a capa e o conteúdo, e exercendo os direitos do leitor defendidos por Daniel Pennac:

- 1) O direito de não ler.
- 2) O direito de pular páginas.
- 3) O direito de não terminar um livro.
- 4) O direito de reler.
- 5) O direito de ler qualquer coisa.
- 6) O direito ao bovarismo.
- 7) O direito de ler em qualquer lugar.
- 8) O direito de uma frase aqui e outra ali.
- 9) O direito de ler em voz alta.
- 10) O direito de calar.

### 2.3 - Breve reflexão acerca de gêneros literários <sup>77</sup>

Os gêneros literários conhecidos atualmente evoluíram dos gêneros lírico, dramático e épico. Do gênero lírico conhecemos os vários tipos de poemas modernos que são arrumações de palavras que levam em conta, além do valor semântico e do valor cultural, outras características distintivas, tais como ritmo, o metro, a sonoridade. Do gênero épico (das epopéias) se ramificaram diferentes espécies do gênero narrativo, que são mostrados em várias formas: romances, novelas, contos e fábulas. Por fim, os textos que se destinam à encenação teatral vieram do gênero dramático.

#### 2.3.1.O conto

O conto, por sua vez, é um tipo de narrativa curta que apresenta um único conflito gerador que se desenrola num só núcleo, apropriado para o leitor em construção na arte de ler e interpretar. “Daí o conto ter como características justamente esta possibilidade de ser fluido, móvel, de ser entendido por todos, de se renovar nas suas transmissões, sem se desmanchar: caracterizam-no, pois, a mobilidade, a generalidade, a pluralidade.” <sup>78</sup> Alguns traços do conto estão presentes no romance ou na novela, por isso o conto prepara o leitor infantil para leituras mais complexas.

No conto <sup>79</sup>, a trama se enreda de forma linear. Geralmente ocorre em uma hora ou alguns minutos. O conteúdo do conto pode ser real ou imaginário; o relevante é atender à necessidade do leitor. Nessa estrutura se enquadram também as fábulas e as lendas.

#### 2.3.2 Os poemas

Poemas são textos com uma construção específica, geralmente escrita em versos e estrofes. Ao leitor, cabe perceber que no poema existem particularidades na forma de expressão com maior densidade do que na prosa, com menos explicações e com a utilização de metáforas e metonímias. Às vezes, poemas são compostos em versos que podem ser rimados ou brancos.

---

<sup>77</sup> Neste subtítulo, focalizaremos apenas os gêneros literários que serão trabalhados na situação de experiência que será relatada.

<sup>78</sup> Gotlib, Nádia Battella. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 2006:1.8

<sup>79</sup> Maiores informações acerca desse gênero textual já foram apresentadas na abordagem teórica da pesquisa.



Essa composição singular do poema oferece ao leitor a possibilidade de convívio com o lúdico pelo aspecto musical, sonoro, pelo jogo de alternância entre sílabas fortes e fracas ou pelas aliterações e repetição de letras e palavras. “O poema pode sugerir múltiplos sentidos, dependendo de como se perceba o entrelaçamento dos fios que o organizam.”<sup>80</sup>

Os poemas, musicados ou não, atendem bem ao leitor mirim, leitor em formação, pois conseguem brincar com sons, ritmos, formas e composições de palavras da prosa. Conseguem, além de absorver o sentido da obra, observar os elementos constitutivos do texto: estrofe e versos. Esse tipo textual, por sua estrutura e riqueza de linguagem, merece atenção especial do leitor.

### **2.3.3 As fábulas**

As fábulas são acontecimentos literários curtíssimos que eram escritos com objetivo de ensinar algum conceito moral. Dependendo do leitor, a fábula pode tomar uma estrutura alegórica, isto é, enredos aparentemente simples que trazem submersos outros significados. Nas fábulas, os animais assumem comportamentos humanos e no final transmitem uma moral, ou seja, um conselho ao leitor. Vigotsky cita duas causas que justificam o fascínio que os animais e seres inanimados exercem nos poetas e nos leitores. A primeira é “a possibilidade de isolar e concentrar algum momento afetivo nesse herói convencional”. E segunda causa “consiste em que eles representam as figuras convencionais mais adequadas, que criam imediatamente um isolamento da realidade absolutamente necessária e indispensável à impressão estética.”<sup>81</sup> Agregado a isso, a fábula apresenta narrativa lacônica.

### **2.3.4. A lenda**

A lenda é muito parecida com a fábula. A diferença é que a lenda retoma temas de raízes culturais e tenta elucidar a origem de alguns fenômenos da natureza ou ações de alguns animais que as pessoas tentam explicar. No Brasil temos várias lendas que explicam de maneira fantasiosa o aparecimento de alguns mitos como o Saci, A mula sem cabeça, o Lobisomem.

---

80 Goldstein, Norma. *Versos, sons, rimas*. São Paulo: Ática, 2005: 6.

81 Vigotsky, L.S. *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1999:120

A lenda tenta dar conta da explicação de alguns elementos da natureza e ao mesmo tempo em que apresenta uma explicação de vida, indutora de maiores reflexões, prevalecendo uma moral, um ensinamento.<sup>82</sup>

O texto literário infantil pode abranger todos os gêneros literários referidos, inclusive outros como carta, receitas. Apresenta distribuição gráfica diferenciada, o que contribui para a valorização dessas criações. Além disso, o leitor conta com as ilustrações que complementam, acrescentam e oferecem momentos de reflexão acerca da história escrita.

Os textos utilizados nessa pesquisa estão nas formas de poemas, contos, fábulas e lendas para atender ao leitor em formação, principalmente os receptores que necessitam de mediação.

#### 2.4 - Imagem e recepção estética

Os avanços tecnológicos desviaram o olhar de exclusividade da escrita para outras formas de registro. Alguns gêneros se adequaram ao estilo atual ou se modificaram e outros se uniram para atender ao desejo do leitor moderno. As imagens, que estão presentes em diversos textos, começaram ocupar espaço bem mais amplo, como item da pós-modernidade.<sup>83</sup> “Os textos requerem, além de aparato tecnológico, cores variadas e sofisticados recursos visuais”<sup>84</sup>

No entanto, é necessário explicitar alguns termos que estão ocultos sob a palavra imagem. Figura é a representação da imagem, estampada no papel, na parede ou na tela. Interpretada pelo receptor, a figura aguarda o momento de se tornar imagem. Desse prisma, imagem é o encontro da figura com a experiência do leitor: “a imagem é o modo da presença que tende a suprir o contato direto e a manter, juntas, a realidade do objeto em si e a sua existência em nós”<sup>85</sup>.

Das figuras grafadas nas cavernas até os dias de hoje, as imagens ocupam o seu espaço não só em suportes materiais como no intelecto das pessoas. Por isso, imagens

---

82 Brandão, Helena Nagamine e Jesus, Luciana Maria. Mito tradição indígena in *Gêneros discursivos na escola*: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica. São Paulo: Cortez, 2003: 52.

83 Neste trabalho não se discute o conceito de pós-modernidade; emprega-se o termo como sinônimo de contemporaneidade.

84 Vieira, Josenia Antunes...[et al] *Reflexões sobre a língua portuguesa*: uma abordagem multimodal. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007: 9.

85 Bosi, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das letras: 2000:19.

revelam o pensamento da sociedade em vários locais: na televisão, na rua, nos livros. As imagens das obras literárias são variadas e ricas em nuances de cores, pois na infantil há uma fusão da arte espacial - pintura, estampa, gravuras e desenhos - Como expressões da arte temporal: narrativa, poesia. A primeira recorre às cores, ao traçado, à forma e a segunda às palavras.

A imagem pode aparecer em vários momentos da atividade leitora. Por isso, ao longo das vivências com produções verbais e não verbais, deve-se observar quais são as possibilidades de apreensão dos significados desses tipos de textos que misturam palavras e ilustrações.

A ilustração, imagem que acompanha a escrita, aparece como informação elucidativa ou complementar para que o leitor possa usufruir duplamente do prazer estético. Manguel<sup>86</sup> (2001) apregoa que algumas ilustrações condizem melhor com a forma de um personagem ou um lugar, ou fornecem mais detalhes para auxiliar a leitura. Esse recurso visual substitui palavras e esclarece alguns detalhes necessários para a obra ser inteligível e viável.

A fim de acompanhar as mudanças da sociedade contemporânea, consumir, analisar e criticar as produções vigentes, é prudente obter capacitação. Vieira (2007) em *Reflexões sobre a língua Portuguesa: uma abordagem multimodal*, considerando que as culturas produzem símbolos e imagens distintas, discute a formulação de nova perspectiva comunicacional que valorize as várias feições textuais. A esses modos de comunicar deu-se o nome de texto multissemiótico ou multimodal. O texto multimodal combina vários modos de símbolos, letras, cores, figuras e imagens relacionadas às ideologias sociais.

A vantagem do texto multimodal é que as imagens, combinadas às cores, são extremamente fortes e facilmente absorvidas, compreendidas e memorizáveis e, por esse motivo, perpetuam-se velozmente na cognição social, alterando, modificando ou transformando ideologias e paradigmas.<sup>87</sup>

A ilustração deixou ser um simples enfeite e passou a influenciar a compreensão e interpretação com valores composicionais. Então, analisar um texto, hoje, exige conhecimentos amplos acerca da textualidade e também do poder ideológico imposto pela

---

86 Manguel, Alberto. Lendo *Imagens*: uma história de amor e ódio. São: Paulo: Companhia das Letras, 2001:19.

87 Vieira, Josenia Antunes...[et al] *Reflexões sobre a língua portuguesa: uma abordagem multimodal*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007: 29.

sociedade. Para que o leitor acesse seu potencial de compreensão e interpretação, necessita fazer interagir criativamente os traçados dos desenhos, o jogo de cores, o contraste de luz e sombra e, conjugado a isso, perceber que os significados ficam mais claros. Para essa abordagem multimodal “a linguagem deve ser direta, objetiva e, sobretudo, visual.”<sup>88</sup>

Essa prática social de aproximar palavra e ilustração para a comunicação, segundo Bakhtin (1997) deve ser compreendida como histórica, intertextual e interdiscursiva. Histórica, porque passa de geração para geração; intertextual, devido à presença de outros textos e interdiscursiva por apresentar várias vozes. “O olhar é fruto da experiência individual, mediado por afetos, rancores, preconceitos, padrões morais e posturas ideológicas.”<sup>89</sup>

Para compreender a comunicação multissemiótica, Vieira (2007) sugere o multiletramento que significa a instrumentalização do indivíduo aos conhecimentos computacional, visual e tecnológico.<sup>90</sup> Esses conhecimentos dão liberdade ao leitor de mover-se entre várias linguagens.

Ao analisar um texto multissemiótico, o leitor deve ultrapassar o aspecto formal, para considerar o contexto linguístico, o situacional e, sobretudo, o cultural. As imagens tanto quanto as palavras comunicam importantes aspectos. A interação - imagem e leitor - ocorre dependendo do estilo de texto imagético.

A obra de Maria Alice Faria, *Como usar a literatura infantil na sala de aula* (2007), parece dialogar com a de Vieira (2007), porque enfoca a questão da imagem como forma de promover melhor interação do texto com o leitor infantil. “a articulação equilibrada entre texto e imagem, portanto, provém do uso ideal das funções de cada linguagem: a escrita e a visual”<sup>91</sup>.

Essas imagens podem aparecer com duas funções, a de reforçar o que já foi dito ou como acrescentar informação. Assim texto e imagem se fundem para facilitar a recepção. Isso explica Faria (2007:41):

---

88 Vieira, 2007:14.

89 Vieira, idem:19.

90 No dia vinte e três de maio de 2010, A folha, conceituado Jornal, lança um novo projeto gráfico que atende as necessidades do leitor contemporâneo. As mudanças são especificamente visuais: as letras e as fotos ficaram maiores e mais coloridas. Num texto sintético e analítico, as notícias mantêm a qualidade das ideias, que proporciona uma leitura arejada e moderna.

91 Faria, Maria Alice. *Como usar a literatura infantil na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2007: 39.

no caso de complementaridade, o texto e a ilustração apresentam contribuições específicas para a leitura integral da história, e, portanto, têm funções diferentes no conjunto do texto/imagem. As contribuições específicas do texto escrito se concentram nas articulações indispensáveis à narrativa, como os articuladores temporais (momento ou dia exato em que se passam as ações, por exemplo), nos elementos que explicam causa e efeito (os porquês e os como), e demais articuladores.

Outro aspecto importante é a revelação; o texto visual designa as personagens, os ambientes, os objetos, e assim cumpre, por sua vez, sua função de complementação, preenchendo lacunas e dissipando ambiguidades da imagem.

A linguagem visual, quando bem explorada pelo leitor, torna-se obra à parte, porque recria, elucida e associa elementos ao texto escrito. Essa linguagem concentra elementos da narrativa e da descrição: De acordo com Faria, os desenhos com propósito de descrição são elementos estáticos, que carregam o objetivo de indicar os lugares, as cores, tipos de vestimentas. Os elementos dinâmicos da ilustração aparecem ligados à narrativa para “expressar com clareza a ação, os gestos e as expressões motivadoras das personagens, além de marcar o ritmo da ação e a progressão da narrativa.”

Os textos imagéticos exigem que o leitor pós-moderno consiga perceber os recursos multimodais para compreender e interpretar. Para realizar a leitura dos signos deve-se juntar o significado, o significante e a ideologia. Significante é o signo que impresso chega à memória do leitor; significado é o sentido que essa imagem gráfica desperta no leitor e ideologia é o poder desse signo para a sociedade.

O leitor da narrativa literária deve educar o olhar para as várias particularidades contidas no texto. As imagens são figuras ajustadas ao contexto literário, histórico, social e ao imaginário do leitor. O aparecimento da imagem depende do significado que o receptor agrega à figura no ato da leitura. E, mesmo sem figura, o leitor forma as imagens a partir da escrita, por isso, os “signos das coisas, se podem conservar independente das coisas”.<sup>92</sup> E essas estampas engendradas pela subjetividade do receptor podem ser gráfica, ótica, perceptiva, mental e verbal. Veja a representação e classificação dessas imagens.<sup>93</sup>

---

92 Abbagnano, Nicola. Dicionário de filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

93 Gráfico retirado da obra de Góes, Lúcia Pimentel; Alencar, Jakson (org). A alma da imagem. A ilustração nos livros para crianças e jovens na palavra de seus criadores. São Paulo: Paulus, 2009: 20:

Gráfica	Ótica	Perceptiva	Mental	verbal
figuras	espelhos	dados dos sentidos	sonhos	métáforas
estátuas	projeções	aparências	memórias	descrição
			ideias	

A leitura literária é um processo especial de linguagem que desperta o imaginário e, portanto,

promove a interação da escrita e imagem em diversos sentidos: a imagem propriamente dita; a que ilustra textos verbais; aquela construída pelo leitor quando lê que tanto pode restringir-se ao momento real da produção de sentido, como pode ser base para outras criações.<sup>94</sup>

Os significados que o texto imagético carrega, enlaçam a imagem que o leitor reflexivo e crítico já possuía, a respeito do tema e formam um novo todo. A ilustração e a imagem formada pela leitura, e pelo aspecto lúdico que apresenta, visam ao divertimento, ao momento mágico. A “literatura lê imagens e/ou fabrica-as com palavras.”

O papel do mediador é de relevância indiscutível. “No campo da literatura, podemos, pois, ver que tudo são imagens, linguagens que se faz figura a desafiar o investimento do leitor no texto”<sup>95</sup>. Trabalhar textos com imagens significa desenvolver competência para perceber os recursos visuais e, portanto, compreender o mundo.

---

94 WALTY, Ivete Lara Camargo et alii. Palavra e imagem: Leituras cruzadas. Belo Horizonte: Autêntica, 2001:7.

95 Walty, idem:51.

### 3 - EXPERIMENTAÇÃO PRÁTICA

*Sua voz quando ela canta  
Me lembra um pássaro mas  
Não um pássaro cantando:  
Lembra um pássaro voando.  
Ferreira Gullar*

#### 3.1 Considerações Preliminares

A prática leitora é relevante para formação de uma sociedade justa e do cidadão autônomo.<sup>96</sup> Para desenvolver esse assunto há quatro pontos importantes: o leitor na escola, a formação do professor leitor, o destaque da leitura nos currículos escolares e a função da biblioteca como incentivadora de leitores.

No que se refere à escola, para desenvolver as competências exigidas, os alunos desenvolvem muitas atividades. A leitura permeia todas essas práticas, portanto deve ser colocada em primeiro lugar todos os dias. Para expandir e consolidar os conhecimentos, as escolas brasileiras devem priorizar muito mais que a simples decifração dos códigos e investir na efetiva construção de leitores competentes. Com a leitura literária, a escola prepara o aluno, também, para resolver conflitos de convivência e oferece momentos de lazer.

Ao interagir com o texto literário, o estudante se prepara para vida. Essa conexão viabiliza as relações pessoais, valoriza sua identidade, e sensibiliza para a importância das diferenças. Há também o contato com a língua materna e as variantes linguísticas, peculiares a cada região. Com esse tipo de texto, o literário, o leitor desenvolve a capacidade de convencer, de persuadir, emocionar, divertir, e interage socialmente.

A aquisição da leitura interpretativa exige uma formação elaborada a qual acontece passo a passo. Essa atividade é a leitura de textos literários, que normalmente exige conhecimento de outros textos. A criança bem acompanhada e com livros disponíveis, em casa, demonstra mais facilidade de adquirir tal habilidade. Porém o foco em questão são todos os seres humanos que devem construir competência leitora para toda a vida, ou seja, além da escola.

---

<sup>96</sup>SILVA, Ezequiel Theodoro da. Conferências sobre leitura – trilogia pedagógica, Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

A prática se concretiza com professores bem preparados que saibam escolher textos, os quais atendam os anseios e expectativas dos receptores. Essa construção acontece ao longo da vida e também nos cursos de licenciaturas. Além de conhecer as etapas de construção leitora, os formadores de leitores devem direcionar os alunos na busca dos significados das obras. Os educadores precisam apreender de forma conclusiva, boas leituras.

O mediador bem preparado saberá que o verdadeiro líder consegue viabilizar em sala: tempo e espaço para leitura literária. Ele também entenderá que a apropriação de conhecimentos pela leitura leva o cidadão por caminhos mais seguros em relação aos apropriação de direitos que por ventura venha adquirir.

### 3.1.1 A formação do professor

O enfoque desse trabalho de pesquisa é a formação do leitor literário, seja aluno ou professor que durante o ato de ler, estará em constante formação. Esse processo está pautado na Estética da Recepção como forma de várias leituras. A cada passo, o leitor pode aprofundar e fazer uma leitura mais adequada ao texto e chegando à reflexão que acarreta a aplicação da aprendizagem.

Pesquisas recentes comprovam que os adultos, após saírem da escola, se distanciam dos livros e da leitura (especialmente da leitura literária). Em média, são lidos quatro livros ao ano por brasileiro, o que faz do Brasil um país de analfabetos funcionais. Isso pode acontecer também com os professores: muitos não cuidam da formação continuada. O professor leitor é aquele que, ao sair bem preparado, coloca a leitura em primeiro plano, reconhecendo seu poder libertador.

Os elaboradores do currículo devem ser conhecedores do processo da leitura no universo escolar. Por isso, é preciso registrar de forma incisiva a importância da leitura literária e organizar cursos com profissionais competentes para auxiliar o trabalho docente. A atualização dos conhecimentos teóricos e pedagógicos não deve ficar restrito às pessoas, que trabalham em gabinetes, distantes das práticas. É essencial priorizar e incentivar, nos currículos da educação básica, a leitura literária, a fim de convencer os professores e pais de que a literatura é veículo essencial na aprendizagem da cultura e de toda riqueza natural desse país.



Para que a criança comece a desejar ler livros literários, ela precisará tê-los ao alcance das mãos. Assim, na escola, no bairro onde reside deve haver esses objetos para a fim de despertar a curiosidade. Além disso, ela precisa ver outras pessoas lendo para que sinta vontade de imitá-las. Esse lugar pode ser biblioteca, onde o leitor irá exercitar o poder de escolha.

### 3.1.2 A literatura e a formação do leitor-cidadão

Na escola, a leitura literária, muitas vezes, fica relegada ao último plano. Percebe-se que na vida da criança há espaço para todas as diversões possíveis: para a televisão, para o vídeo game e outras ocupações. E a leitura literária fica esquecida?

Por meio da arte literária o homem se encontra, pode conhecer e experienciar outros tipos de arte. A fim de consolidar conhecimento abrangente na escola, nas séries iniciais do ensino fundamental, aconselha-se desenvolver projetos de leitura literária, com variados gêneros textuais,<sup>97</sup> que englobem os diversos tipos de textos sugeridos pelo currículo de educação básica. Este capítulo apresenta o desenvolvimento do projeto *Formiga, formiguinha e formigão: Interdisciplinaridade e Contextualização*, desenvolvido em 2005, na Escola Classe 316 Norte.

Para desenvolver as habilidades leitoras no projeto: construir ou revelar aptidão para decifrar, compreender e interpretar a palavra escrita utilizou-se as estratégias de leitura de Solé (1998). Essas ações ordenadas e dirigidas desencadearam vários procedimentos a fim de realizar com êxito a tarefa mediadora da leitura, pelo professor, e de ler, pelo aprendiz.

A sequência de ações sugeridas por Solé<sup>98</sup>, as quais não funcionam como receita, mas permitem selecionar, avaliar, abandonar ou persistir com determinadas ações para conseguir a meta a que nos propomos. O importante é ter autodireção. As estratégias sugeridas por Solé são:

- 1- Compreender os propósitos implícitos e explícitos da leitura.
- 2- Ativar e aportar à leitura os conhecimentos prévios relevantes para o conteúdo em questão, além de outros conhecimentos a respeito do autor, do gênero e o tipo do texto.

---

<sup>97</sup> “Os gêneros textuais surgem, situam-se e se integram funcionalmente nas culturas em que o desenvolvem.” Marcuschi (ano: 20).

<sup>98</sup> Solé, Isabel. *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

3 - Dirigir a atenção ao fundamental em detrimento do que pode parecer mais trivial.

4- Avaliar, por meio de questões desafiadoras, a consistência interna do conteúdo expressado pelo texto e sua compatibilidade com o conhecimento prévio e com o sentido comum. “As ideias expressadas no texto têm coerência? É discrepante com o que penso?”

5- Comprovar, continuamente, se a compreensão ocorre mediante a revisão e a recapitulação periódica e a auto-interrogação – ideia principal de cada parágrafo, estrofe ou capítulo.

6- Elaborar e provar inferências de diversos tipos, como interpretação, hipóteses e conclusões.

Assim, passamos a relatar experiências pedagógicas realizadas há cerca de 5 anos, com crianças da primeira fase do ensino fundamental, na Escola Classe 316 Norte do DF, utilizando, com as devidas adequações, os procedimentos sugeridos por Solé.

### 3.2 Retrospectiva

#### 3.2.1 - **FORMIGA, FORMIGUINHA E FORMIGÃO: INTERDISCIPLINARIDADE E CONTEXTUALIZAÇÃO.**

Mediar leitura requer cuidado especial com os interesses dos alunos em cada faixa etária e em cada contexto. Nesse caso, é conveniente ressaltar que, em contato com os animais, principalmente os de jardim, o leitor mirim libera o imaginário de forma afetiva e prazerosa. Detectou-se que a expectativa de cada aluno acerca dos bichos alimenta a curiosidade e os incentivava a buscar mais conhecimentos, foi o que aconteceu em relação às formigas.

Assim aconteceu a primeira leitura: todas as vezes, que os dez meninos e doze meninas, da segunda série verde, Escola Classe 316 norte, sentavam na rodinha, na hora da história, apareciam pelo chão formigas pretas de pernas longas. Esses curiosos estudantes de oito e nove anos paravam e ficavam observando-as. Faziam barreira com a mão para apanhá-las. De repente, todos contagiados com o bichinho começavam a comentar.

Com essas atitudes, o conhecimento de mundo ficou patente: eles observavam e interagiam de diversas maneiras com os animais. Divertiam-se com as diferenças que

existem entre o homem e os outros seres vivos. Leram na *Revista Recreio* que as formigas podem carregar até vinte vezes o seu peso; que existem, no mundo, 12 mil espécies de formigas e cerca de 2.500 moram no Brasil, que Elas dispersam sementes, limpam e arejam o solo.

Para intensificar a discussão a respeito das formigas, começaram, durante a consolidação do projeto, as perguntas. O que a formiga come? Onde elas vivem? Por que elas vieram parar aqui? A formiga enxerga? Com base nesses questionamentos, os alunos realizaram pesquisas. Primeiro com lupas, divididos em grupos, observaram as formigas que passeavam na sala de aula, e depois no jardim da escola. Os alunos constataram que, na divisão de tarefas, existem as formigas coletoras, as jardineiras, as limpadoras e as babás, cada uma com as funções bem definidas. “As coletoras saem em busca de comida e, em algumas espécies, as jardineiras criam fungos nas folhas, para que todas se alimentem. As limpadoras empurram a sujeira para fora do formigueiro e as babás mastigam alimentos e passam a papinha para os filhotes.” *Revista Recreio* (2001:47).

Em outra oportunidade, no parque localizado nas imediações da quadra da escola, os alunos viram alguns formigueiros. Esses acontecimentos foram essenciais para consolidar outras aprendizagens, porém, para os conhecimentos linguísticos e textuais, o fato de ler literatura todos os dias, desencadeou com certeza, um avanço saborosamente melhor.

Aproveitando o interesse dos alunos por formigas, encontrou-se na biblioteca o texto literário de Cristina Porto, *Azulão*. Nessa primeira fase de contato com a obra, o leitor realizou a estratégia de leitura: de antecipar as pistas que a capa fornece.

Posteriormente, seguiu a atividade de enumerar os fatos que podem ser o resumo da história. A parte exterior da obra é um *link* importante com indicações para o leitor acessar a compreensão e a interpretação eficaz.

Para concatenar logicamente ideias da obra literária de modo a formar um todo coerente, a interdisciplinaridade acontece pela oportunidade de explorar o tema em diversas disciplinas e propiciar uma discussão ampla. Porém, aproveita-se para enfatizar a importância da leitura literária para consolidar, de forma prazerosa, essa viagem.

Nos diversos textos, lidos, compreendidos, analisados e interpretados, foi focalizado um tema comum: a vida das formigas. O conto, os poemas, a fábula, a lenda, reportagens de revistas e o filme escolhido, todos retratam a vida desses pequenos animais.

Trabalhar tematicamente, em projetos de leitura, é o mais recomendável. O tema surge como maneira de favorecer o aprendiz nas suas expectativas.

### 3.2.1.1 - Sinopse de Azulão

*Azulão começa com a descrição rimada do objeto azul que fica em cima da mesa. Essa é a visão de Ritinha, a formiguinha operária, que estava com uma ideia fixa: afinal, quem é Azulão? Porque ele se movimenta tanto em cima da mesa? Por que ele passa de mão em mão?*

*Atenta aos acontecimentos em volta da mesa, Ritinha descobre que em algumas horas do dia aquele burburinho cessa e Azulão fica sozinho.*

*No outro dia, enquanto descansa no formigueiro, Ritinha ouve alguém dizer que Azulão deve permanecer fechado para formiga não entrar. A partir disso, seu interesse aumentou, ela quis logo saber o mistério que eles escondiam.*

*Na manhã seguinte, sai de casa, antes do pôr do sol, anda por várias horas, passa por debaixo da porta e finalmente chega à cozinha. Espera um pouco para o lanche acabar e segue em frente. Passa por apuros: foge de chinelos, de vassouras e quando chega embaixo da mesa, fica surpresa com a altura. Descobre que há muito para percorrer. Assustada e persistente inicia a imensa escalada. Ao alcançar a mesa respira profundamente e continua a missão. Ela anda por entre os talheres, xícaras, pires e atinge o objeto desejado.*

*Exausta e quase sem forças, Ritinha observa ao redor para se certificar que está sozinha e sobe no “Azulão”. Pelo buraquinho, onde está a colher, não enxerga quase nada, porém sente um cheiro agradável, o aroma é delicioso e familiar. Imediatamente seus olhos se adaptam e escorrega para dentro do Azulão. Diante de agradável surpresa, mergulha numa imensidão de açúcar.*

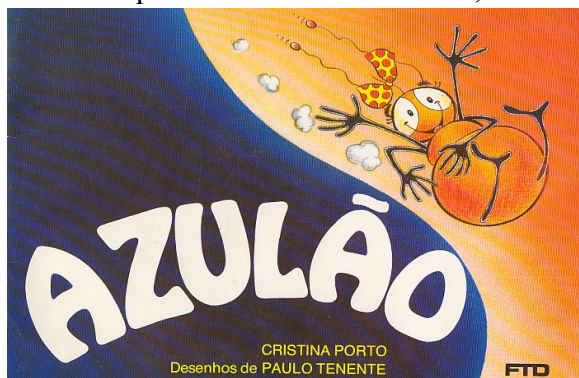
*Ela realiza um sonho. Diverte-se tanto que não vê o tempo passar. De repente, se assusta com azulão se movimentando. Vista pelas pessoas, se esconde rapidamente. Felizmente consegue escapar.*

*Alegre e eufórica para contar a novidade, volta ao formigueiro, narra a suas amigas a façanha e tudo que encontra. Nesse momento, todas se preparam para no dia seguinte conhecer Azulão. Diante do excesso de animação, Ritinha pede calma e explica que a aventura merece cuidados. Jandira, a irmã de Ritinha, sugere organizar grupos e revezar a ida ao Azulão. Todas chegam à conclusão que terão açúcar para sempre.*

### 3.2.1.2 – Procedimentos de mediação.

No primeiro passo para apreender a história, os leitores observaram os elementos gráficos que formam a capa. Eles conversaram a respeito do significado das imagens e depois do título.

A palavra “Azulão” suscitou, nos leitores mirins, a imagem de pássaros, de vasos e os estudantes falaram até de carro.



Nessa fase, os participantes realizaram as estratégias de leitura: anteciparam as pistas que capa fornecia. Viram que a formiguinha desceu do azulão como se fosse um escorregador e isso sugeriu aventura. Posteriormente, os alunos

deduziram e enumeraram os fatos que podem ser o resumo da história.

Até, então, a descrição do objeto não lembra em quase nada a formiga. *“Ele era azuuul, azulão! Tinha duas asas e não tinha mão. Mas não era passarinho, não. O que é que era, então?...”* Com essa introdução poética, o narrador mostrou a visão da personagem, Ritinha, que ainda não sabia que objeto é esse.

Eles continuaram a leitura e, com as descobertas imagéticas, desvendaram o mistério e descobriram que Azulão é um açucareiro em cima da mesa. Ficaram contagiados com a curiosidade de Ritinha e prosseguiram a leitura, percebendo que o desafio do animalzinho era grande. Para os leitores infantis, também era grande o desafio da leitura da nova história.

Os leitores descobriram que os objetos da mesa se tornaram enormes perspectivados pela visão de Ritinha. Com a ilustração, eles tiveram a ideia exata dessa diferença de tamanho. Também construíram a ordenação temporal e compreenderam que a narrativa se passou em dois dias. O itinerário que a formiga percorre até alcançar o topo da mesa oferece ao leitor momentos de reflexão, porque o leitor infantil necessita ser instigado constantemente até finalizar a leitura. Na história aparece bem marcado o tempo: *um belo dia, na manhã seguinte, na hora do café da manhã e na hora do lanche da tarde.*

Ao prosseguir a leitura, descobriram que Ritinha, a formiguinha, construiu todo o suspense necessário ao leitor curioso. Ela também está curiosa para descobrir o que há nesse *Azulão*. A personagem se mostra persistente, corajosa, companheira, por isso compartilha com todo o formigueiro a sua descoberta.

Com referência ao conto, a professora pôde destacar que as repetições de letras *i* na palavra *subiiiiiu* e das *o* em *andooou*, do *u* na *açúúúucar* e das onomatopéias: *Zupt*, *Zapt* sugerem movimento e deslocamento da formiga ao longo da história.

A leitura se completa quando cada aluno teve oportunidade de manusear, folhear, observar cada imagem e ler quantas vezes quisesse essa obra. Os pormenores descritos mexem com o imaginário infantil, surge a impressão de humanizar a formiga.

Os alunos compreenderam que os sinaiszinhos que envolvem o discurso das formigas são as aspas. Elas servem para delimitar e separar a fala do narrador e da personagem principal. Com alguns recursos dos quadrinhos, o ilustrador consegue dar movimento ao diálogo das pessoas à mesa e da Ritinha com ela mesma.

Para complementar o significado da obra, as leituras de cunho informativo que eles fizeram ao longo do projeto foram suscitadas. Quando Ritinha volta ao formigueiro, para buscar as companheiras, os leitores lembraram e comentaram que

todas se comunicam liberando substâncias com cheiros detectados pelas antenas. Assim elas identificam formigas da mesma colônia, avisam que encontraram comida e até acham o caminho de casa, seguindo o rastro deixado pelas outras e andando em fila, sem fazer bagunça.” *Revista Recreio*, 47 (2001:3)

O segundo texto foi “A formiga” de Ferreira Gullar. Essa obra, por ser escrita especificamente para criança, possibilita visualizar, em pequeno espaço, as características do poema narrativo.

### **A formiga<sup>99</sup>**

Ferreira Gullar

*A menina olhava  
aquele bicho miúdo  
que na mesa passeava  
e perguntou-lhe: - Que bicho  
é você, amiga?  
E o bichinho, com voz fininha:  
-Que bicho é você, menina,  
que não conhece formiga?*

---

<sup>99</sup> “A formiga” é um dos vinte poemas da obra de Ferreira Gullar: *Doutor urubu e outras fábulas*, todas falam de bichos.

Os alunos receberam o poema “A formiga”. Eles fizeram a leitura e em seguida dividiram o texto em duas partes, seguindo a linha da folha (veja poema na página anterior). Alguns alunos disseram que cada parte se chama estrofe e os outros aprenderam que esse vocábulo significa divisão do poema. Eles visualizaram a palavra estrofe, escrita no quadro de giz.

Em seguida, os participantes leram mais uma vez, recolocaram na ordem as estrofes e fizeram leitura em coro. De um lado só narrador, do outro a menina e no meio a formiga. Os leitores, por meio de perguntas da mediadora, descobriram que as duas frases que terminam as estrofes são perguntas (ponto de interrogação). E essas duas frases que começam com travessão marcam o diálogo. Finalizando, eles transformaram esse poema numa tirinha: representaram por meio de desenho e colocaram as falas das personagens em balões.

Com tom humorístico, esse poema provoca na criança o pensar de um leitor que não conhece formiga e suscita a discussão acerca da extinção de alguns animais.

Na etapa seguinte, os estudantes receberam o poema de Vinícius de Moraes: *A Formiga*.

<b><i>A formiga</i></b>
<i>As coisas devem ser bem grandes</i>
<i>Pra formiga pequenina</i>
<i>A rosa, um lindo palácio</i>
<i>E o espinho, uma espada fina.</i>
<i>A gota d'água, um manso lago</i>
<i>O pingo de chuva, um mar</i>
<i>Onde um pauzinho boiando</i>
<i>É navio a navegar.</i>
<i>O bico de pão, o Corcovado</i>
<i>O grilo, um rinoceronte</i>
<i>Uns grãos de sal derramados,</i>
<i>Ovelhinhas pelo monte.</i>

Inicialmente leram o poema inteiro, coloriram o final das palavras pequenina/ fina; boiando/ corcovado; rinoceronte/ monte. Ouviram a explicação que as coincidências de sons nos finais dos versos se chamam rima.

Para aumentar o grau de dificuldade, eles recortaram o poema em versos, seguindo a linha indicada. Ficaram com treze pedaços de papel na mesa. Leram novamente e, em duplas, colocaram o poema em ordem. Fizeram a sequência que achavam certo. Conversaram, trocaram ideias e aos pares seguiram as experiências leitoras e realizaram a tarefa. Descobriram a visão das formigas para cada aspecto e exercitaram comparações. Os leitores entraram em contato com as figuras de linguagem. Através das comparações metonímicas, descobriram que, para a formiga, uma migalha de pão se torna o Corcovado que é um morro que fica no Rio de Janeiro, o ponto turístico famoso, onde fica o Cristo Redentor. Eles esboçaram cara de surpresa com o palácio da formiga, uma flor.

Eles queriam saber se as formigas enxergavam. Então, eles descobriram, com a leitura, que o mundo observado pela perspectiva das formigas apresenta tamanhos diferentes. *As coisas devem ser grandes/para a formiga pequenina*. O que era pequenino para o homem, era enorme para ela. Estabelecer a significação de cada texto foi o mais relevante.

Em seguida, compararam o conto com o poema e visualizaram as diferenças e semelhanças entre esses textos. Com o debate houve oportunidades de intercâmbio oral, para compartilhar experiências. Por último ouviram o poema cantado. Cantaram várias vezes.

Na próxima etapa os alunos leram o poema “As formigas”, de Cecília Meireles

### **As formigas**

*Em redor do leão de pedra,  
As beldroegas armam lacinhos  
vermelhos, roxos e verdes.  
No meio da areia,  
um trevo solitário  
pesa a prata do orvalho recebido.  
As areias finas são de ouro,  
E, as grossas, como grãos de sal.  
Cintila uma lasca de mica,*



*Junto ao cadáver de um cigarro  
que a umidade desenrolou.  
E o cone torcido de um caramujo pequenino  
Pousa entre as coisas da terra  
O vestígio e o prestígio do mar,  
que elas não viram.  
Nessa paisagem tranquila,  
Umas formigas pretas,  
De pernas altas,  
Atravessam num tonto zigue-zague  
as areias grossas e finas,  
e vêm pesquisar por todos os lados  
Cada folha de beldroega,  
roxa, vermelha e verde.*

Depois da primeira leitura, eles descobriram que esse poema não tem rimas e que não estava separado por estrofes. Falaram da presença dos pontos e das vírgulas nos finais de versos. Eles perguntaram o que era beldroega, orvalho e pesquisaram nos computadores e no dicionário o significado de algumas palavras importantes para o entendimento do texto: mica, vestígios, prestígios.

Os alunos fizeram uma fila e andaram em zigue-zague e se divertiram com as travessuras da formiga no jardim. Ao lerem o poema de Cecília Meireles os leitores interagiram com poesia repleta de encadeamento e puderam entender como a poeta construiu os versos. Visualizaram a sequência de fatos e, para compreensão, eles representaram o jardim com massinhas de modelar.

O leão de pedra, símbolo de resistência, contrasta com as sensíveis e carnosas beldroegas, planta nativa do Brasil. Essa planta sobrevive na adversidade, e as formigas aproveitam dela para se alimentar. A autora ressalta a imensidão da areia, que lembra o mar, o abrigo do solitário trevo que esse recebe, democraticamente, o orvalho. Num jardim, a luminosidade da mica se contrapõe ao lúgubre cadáver de um cigarro. E esse, juntamente com o resto de animais do mar, depositados ali pelo homem, fecha o ambiente em que as formigas, com toda adversidade, conseguem sobreviver.

Nessa fase do trabalho, os alunos, preocupados com as questões ambientais, fizeram análise das sujeiras que existem nos jardins. O contato das formigas com esses lixos pode ser prejudicial ao homem e principalmente para os alunos que pegam nas formigas.

A fábula: *A formiga e a mosca*, de Monteiro Lobato

*Essa fábula, contada por Dona Benta aos netos diz que enquanto carrega uma folha com muita rapidez, uma formiguinha ouve uma voz debochada que diz ser fidalga. A nobre figura era uma mosca que continua a intriga se vangloriando de não precisar trabalhar, e ainda usufruir de todos os saborosos manjares, de levar uma vida maravilhosa.*

*A formiga responde que não se importa e gosta da vida que leva. Mesmo assim, diz umas boas verdades para a mosca. E a mosca sai afirmando que a formiga mente, na verdade quer ser mosca.*

*Passa o tempo, a formiga encontra a mosca em dificuldades, presa e sem saída. A mosca pede ajuda. A formiga aproveita e se vinga: repete com menosprezo as palavras que ouviu da mosca. A formiga segue o seu trabalho, sem auxiliá-la.*

*No final da fábula, Visconde de Sabugosa, em diálogo com Emília lembra que nem sempre quem planta colhe. Emília responde com olhar de desgosto. Visconde se cala. E a vida segue.*

Para continuar a interação, os alunos receberam num pedaço de papel o título da fábula *A mosca e a formiga*. Houve um debate para descobrir o que sabiam a respeito das moscas. Formigas já era um tema conhecido. Perguntaram e responderam: Qual é diferença entre esses dois insetos?

Os alunos exploraram os significados da palavra fidalga, filantes e empáfias. Eles comentaram que a formiga e mosca são personagens animais que agem como seres humanos; no final, os leitores descobriram que se intenciona uma reflexão a respeito das atitudes humanas na sociedade. Atualmente, quando alguém se refere a palavra formiga comparando uma pessoa, significa que ela é cumpridora de suas obrigações e quando a pessoa é chamada de mosca quer dizer que é pegajosa, insistente, folgada.

Eles acharam interessante verificar que a formiga tomou aspectos de pessoa. Descobriram a diferença de conto para fábula.

### ***A lenda da formiga cortadeira***

*A formiga-mãe costureira dá um duro danado para conseguir cumprir os compromissos. Sua filha também quer ser costureira por isso fica de olho na tesoura. A mãe pede para esperar quando crescer. Explica que é perigoso, que ela pode se machucar com a tesoura.*

*Um dia, quando a mãe vai fazer uma entrega, Miguinha desobedece, pega a tesoura e corta tudo que vê pela frente.*

*Quando a formiga mãe toma conhecimento do estrago, fica furiosa e esconde a tesoura.*

*No outro dia, ao ver a mãe sair, Miguinha encontra a tesoura e recomeça a proeza. Ela repete a desobediência muitas vezes até que um dia a mãe perde a paciência e amarra Miguinha, pela cintura, na perna da mesa.*

*Miguinha quer sair e faz muita força por isso o nó da corda aperta muito a sua cintura afinando-a. A mãe tira a do castigo e dá mais uma chance. Miguinha desobedece mais uma vez.*

*Quando a mãe chega vê aquele estrago, percebe que não há jeito. Solta Miguinha e a manda morar sozinha, construir seu formigueiro. Minguinha vai e vira a formiga cortadeira de cinturinha fina.*

Com a leitura da Lenda *A formiga desobediente*<sup>100</sup>, os alunos descobriram porque a formiga passou a cortar folha. Alguns leitores mirins acharam essa história triste, porque a formiguinha ficou curiosa. Outros concordaram, em parte com o castigo. Eles discutiram a respeito dos direitos e deveres da criança. Com essa história, eles compararam o jeito com que os pais deles alertam para alguns perigos. Viram que antigamente a educação dada pelos pais era bem mais rígida.

Realizaram uma entrevista com os pais para saber como seria a postura deles na mesma situação. Realizaram a comparação da educação de antigamente com a educação de hoje.

### O filme: ***Lucas, um intruso no formigueiro***

*Na primeira imagem do filme, as formigas que carregam enormes objetos para o formigueiro. Enquanto isso, uns meninos bem maiores, maltratam Lucas, batem e o empurram no chão. Lucas, perverso, desconta toda a sua fúria nas formigas. Em relação às formigas ele se sente maior.*

*Para aumentar o sofrimento das formigas, Lucas, com uma pistola d' água, inunda o formigueiro, que fica todo destruído. As formigas se afogam. Um dos líderes do formigueiro, começa a trabalhar num invento para neutralizar o destruidor, que é o Lucas.*

*Ele fica mais revoltado ainda quando a mãe sai para viajar e contrata um detetizador para acabar com o formigueiro. Joc desenvolve uma poção, vai até o quarto de Lucas. E como castigo, ele diminui de tamanho até ficar pequenino como uma formiga. É levado para o formigueiro e forçado a viver como uma formiga.*

*Ele se vê em apuros quando descobre que o detetizador vem para matar as formigas e agora ele é uma delas. Ele se junta com duas formigas e entram em casa. Com muita dificuldade conseguem*

---

<sup>100</sup> West, Rose *A formiga desobediente*. São Paulo: Editora Kultus, s/d

*alcançar a mesa e telefonam para desmarcar a dedetização. Eles não conseguem.*

*Para sobreviver ele tem que se defender e defender o formigueiro do exterminador de formigas. Começa a grande corrida quando o homem começa borrifar veneno nas formigas. Um monte delas morre. Eles se livram do exterminador quando Joc e Lucas conseguem injetar nele o diminuidor de gente. Depois para se redimir, ajuda a reconstruir o formigueiro. Em retribuição, Joc dá a porção ao Lucas e ele retoma tamanho normal.*

*Lucas volta para casa. Ele aprende com as formigas a ser mais solidário e corajoso. Melhora o relacionamento com a família. E resolve os problemas com colegas que o humilhavam.*

O filme *Lucas, um intruso no formigueiro*, da Warner Bross, elenca uma série de comparações entre a forma de conviver das formigas que são solidárias, companheiras e trabalhadoras, com a vida de Lucas, um menino medroso, egoísta e destruidor. No desenrolar da trama, o menino começa a desenvolver a consciência ecológica e conhece a modalidade de vida das formigas, aprendendo a viver em comunidade.

Os alunos construíram a ideia de simultaneidade, anterioridade e posteridade. Viram que apesar de terem visto o filme em 88 minutos, a trama ocorre em dois dias. O tempo real é diferente do tempo ficcional. Eles comentaram que, nesse tempo, o menino conseguiu se transformar numa pessoa melhor por meio de uma experiência ímpar, dentro do formigueiro.

Eles escreveram uma frase da cena que mais gostaram no filme e demonstraram compreender que as diferenças que existem entre os seres só enriquecem as relações; “seria muito chato se fossemos todos iguais”.

Os alunos viram que existem semelhanças entre o filme *Lucas, um intruso no formigueiro*, o conto *Azulão* e o poema *A formiga* de Vinicius de Moraes. Neles há a necessidade de transpor obstáculos para alcançar um objetivo. O momento em que Lucas e as formigas vão buscar jujubas em cima da mesa, tem em comum com o conto *Azulão*, as circunstâncias de lugar e de matéria adocicada. Essa relação está no sabor doce e no espaço que dificulta as ações. Entrelaçam com o poema de Vinicius de Moraes, quando os textos comparam os tamanhos e as dificuldades de ascensão das formigas.

Assim como na vida, a literatura participa de um cenário complexo e dinâmico, adicionando a possibilidade de fantasiar, imaginar e simular. Ocorre nessa interação dupla influência: da obra sobre o leitor e do leitor sobre a obra, com as várias interpretações.

O tema formiga foi um caminho divertido de falar de vida, de natureza, da organização social, de direitos e deveres, de solidariedade, de companheirismo.

Com esse trabalho sequenciado, os alunos tiveram oportunidade de desenvolver além dos conhecimentos linguístico, os conhecimentos literários: o conflito gerador da trama, as personagens, o tempo, o espaço e; por fim poder se expressar acerca dos conhecimentos de mundo.

### 3.2.2. A CORUJA SARITA

#### a) Leitura: Voo impregnado de realidade e imaginação

Por muitos e muitos anos, a leitura e a escrita estiveram ligadas ao livro didático, principalmente, no ensino de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental. Longe de ser uma construção reflexiva, a escrita esteve sempre baseada em fatos fora da vivência da criança. A infância foi caracterizada de diferentes formas, dependendo de cada época, de acordo com os valores do momento. Atualmente, a criança se coloca como sujeito de potencialidade, dotado de capacidades cognitivas e afetivas que a torna única.

Como diz Silva (1996), entende-se por experiência o conhecimento adquirido pelo indivíduo nas suas relações com o mundo através de suas percepções e vivências específicas. Ao se interessar em compreender o mundo das crianças, é necessário começar a ouvi-las, elas darão o caminho para a melhor aprendizagem.

No cotidiano dos alunos, existe uma enorme diversidade de recursos para realização de projetos com o objetivo de ensinar conhecimentos. De acordo com Ferreiro (1999:32), o sujeito ativo é aquele que compara, exclui, ordena, categoriza, reformula, comprova, formula hipótese e reorganiza a situação de aprendizagem em ação interiorizada (pensamento) ou ação efetiva (segundo seu nível de desenvolvimento).

Como em qualquer outra atividade, para desenvolver o conhecimento, o primeiro passo consiste em procurar conhecer a criança, o espaço onde vive, o evento a ser focado e como esse evento está se desenvolvendo.

O contexto, da forma como é hoje entendido no interior da Linguística Textual abrange não só co-texto, como a situação de interação imediata, a situação mediata (entorno sóciopolítico-cultural) e também o contexto

sociocognitivo dos interlocutores que, na verdade, subsume os demais. Ele engloba todos os tipos de conhecimento arquivados na memória dos actantes sociais, que necessitam ser mobilizados por ocasião do intercâmbio verbal. (Koch, 2003:24).

Ninguém pode desejar o que não conhece. Para encantar com a arte literária, o leitor deve descobrir a sua existência e usufruir dela por prazer. Cabe ao educador oportunizar esses conhecimentos. Segundo Ferreiro (1999:32), o ponto de partida de toda a aprendizagem é o próprio sujeito.

Desenvolver as habilidades intelectuais e sociais na criança de maneira eficiente revela aspectos desafiadores para o professor preocupado em desenvolver leitores críticos. Principalmente hoje, com a infinidade de atrativos imagéticos existentes no mundo moderno, para acompanhar essa corrida de evolução rápida, que se distancia muito das pinturas rupestres e adentra no livro virtual, o professor necessita considerar o aluno.

#### b) Arrumando a bagagem...

Os alunos envolvidos são crianças de oito e nove anos que, devido ao momento em que estão inseridos, são leitores que se colocam como sujeitos de potencialidades, dotados de capacidades cognitivas e afetivas que os tornam únicos. Atendendo às expectativas leitoras desses estudantes, no planejamento anual, montou-se: *Projeto Coruja-Buraqueira: existência, interação e aprendizagem*, na segunda série da Escola Classe 316 Norte em 2005. Participaram oitenta estudantes de quatro turmas.

Uma coruja vinha chamando a atenção das crianças desde 2004. Elas comentavam e queriam conhecer os hábitos desse animal que habitava nas imediações da escola, na quadra 116 Norte, numa enorme área verde, com frondosas árvores que abrigam outras aves.

O projeto foi montado com o objetivo de pesquisar os hábitos da coruja e sua importância para o equilíbrio do ecossistema, propiciando o conhecimento acerca de sua existência, interação com o homem e outros animais. Areladas a esse aprendizado, houve uma grande quantidade de leituras como reportagens de jornais e revistas, enciclopédias, imagens e principalmente livros de literatura.

As crianças que participaram do projeto, em sua maioria, foram alfabetizadas nessa escola com textos variados, portanto já sabem ler e escrever, estão todos no nível alfabético<sup>101</sup>. Pertencem à classe social média, contam com recursos áudios-visuais em casa, são filhos de pais leitores e possuem livros em seus lares.

O início das atividades aconteceu com uma visita das turmas ao local, onde estava o ninho da coruja. Vimos a moradia da coruja, que nos recebeu pacificamente, apesar da preocupação de alguns colegas, que a viam de maneira folclórica. Muitas crianças que não a conheciam ficaram maravilhadas. Em seguida, surgiram algumas questões a respeito do comportamento da coruja que deram início ao processo de pesquisa.

Diferentemente de outras aves que fazem seus ninhos na copa das árvores, a coruja constrói o seu ninho num buraco no chão, por isso é chamada de coruja buraqueira. Segundo o dicionário de símbolos, essa ave foi maltratada em nossa civilização por uma lamentável reputação de ladra e transformou-se em emblema de feiúra.

O passo seguinte ocorreu com a leitura da situação, descrição do espaço, dos seres vivos existentes nesse espaço e de outros componentes importantes do habitat da coruja.

Os estudantes, pelo menos a maioria, compreenderam que o fato de a coruja comer ratos e outros animais de pequeno porte é um processo natural e importante para o equilíbrio ecológico. Antes da construção de Brasília, aqui só era cerrado, o ambiente natural das corujas e de outros animais que foram extintos.

Houve um encantamento dos alunos pelo tema. Por ser novidade, a pesquisa acerca desse animal e as visitas ao ninho provocaram muitas investigações teóricas. Logo, havia muitos textos científicos e ficcionais. Acerca do assunto. Aconteceu trabalho com dobraduras e com papel machê. Eles conheceram a legislação acerca da proteção dos animais. Cada aluno, cada professor abriu a sua bagagem e todos compartilharam e valorizaram o que cada um pode contribuir.

### c) Viajando na literatura infantil...

Nessa grande viagem que é viver, compreender que a natureza se constitui em harmonia, um ser-vivo depende do outro, ecologicamente, criando equilíbrio, é necessário

---

<sup>101</sup> De acordo com a psicogênese da língua escrita existem três níveis: pré-silábico, silábico e alfabético. O aluno alfabético compreende que a escrita reproduz a fala. A maioria compreende o emprego de vogais mudas, escrevem com segmentação correta com alguns problemas de trocas: s/z e ss/ç. A leitura pode ocorrer antes ou paralela.

O homem necessita participar desse processo com sabedoria, usufruindo desse poder para aprender o conhecimento sistematizado. Sob o enfoque interdisciplinar, o aluno leitor entende, criticamente, as relações dos conceitos e saberes. Esses saberes se sustentam na memória em forma de rede. O acesso das crianças aos textos literários depende de suas possibilidades de compreensão linguística, da adoção de temáticas próximas e de suas experiências vitais (Colomer 2002) Na linguagem, o texto literário apresenta criatividade, esteticamente elaborada levando o leitor à criação de imagens.

O *Projeto Coruja-Buraqueira* teve início com a leitura da situação e a continuação se desenrolou quase que magicamente. Na biblioteca encontrou-se o livro *Concurso das Aves*, de Telma Guimarães Castro Andrade, que trata das diferenças e da impossibilidade dos seres vivos serem iguais. Nessa história, no auge do conflito, quem encontra a solução é a coruja. Ela demonstra a famosa sabedoria que lhe é atribuída.

Outra história lida foi a *Corujinha Curiosa*, de Ivan Engler. Nela, crianças que saem da escola maltratam as corujinhas. Um senhor aparece e explica a elas a importância da coruja para o ecossistema. Com essa história, que tem dez capítulos, houve a introdução do marcador de livro, para mostrar às crianças a importância da continuidade da leitura, a qual elas não estavam familiarizadas porque liam histórias curtas.

Depois foi lida a polêmica história *Dita-Cuja, a Coruja*, de Silvia Orthof, que questiona o modo diferente da coruja enxergar o mundo. Os olhos dela vêem em duas dimensões ao mesmo tempo e ela, preocupada, procura especialista para resolver a questão, mas quando descobre que seu filho acaba de nascer, larga tudo e vai cuidar só dele.

E também leu-se *Corujices*, obra de Márcia Batista, história em que a criança convive com a morte de duas corujinhas e, ao conseguir salvar a vida da terceira, aprende que ela deve viver livre em contato com a natureza.

Com a leitura dessas obras literárias, o aluno aprendeu que essas histórias estão eternizadas pela escrita. Com elas, assimilaram o pensamento de escritores distantes, de gerações passadas e de narrativas antigas que descrevem temas atuais. Houve deslocamento, ou seja, saíram dos conhecimentos científicos e, pela a imaginação, voaram por instâncias ficcionais. Transitaram, num vôo rasteiro, da torre da igreja ao oftalmologista e ao otorrinolaringologista. Eles assistiram ao nascimento da corujinha de *Dita-cuja*.



Participaram da proteção que a personagem, também criança, ofereceu à corujinha da história “Corujices”. Com satisfação, fizeram fantoches das personagens da história *Concursos das aves* e dramatizaram para outra turma. Naquele momento, os alunos se transformaram em periquito, garça, papagaio, coruja e urubu.

d) Dando notícias da Coruja...

Para escrever ou começar um processo de escrita é necessário praticar quase diariamente, ter muita persistência para adquirir expressão própria para o entendimento dos leitores. Quando ingressa na escola, ela já assimilou uma infinidade de técnicas e habilidades que lhes facilitarão a aquisição da escrita.

Os educandos envolvidos nesse projeto escreviam frases relativamente bem elaboradas, considerando a idade deles. Conseguiram realizar a escrita de texto com partes lógicas e, de acordo com os PCN, fizeram a leitura crítica do próprio texto. Alguns alunos ainda cometem omissão de letras e, muito raramente, inversão. Mas com a ajuda do professor conseguem rever e corrigir o texto.

Toda vez que se escreve há uma intenção clara da necessidade de comunicação, com a qual o indivíduo poderá expor seu pensamento elaborado a respeito de um determinado assunto. Quanto mais se escreve mais se aperfeiçoa uma técnica e se desenvolve uma habilidade.

Devido a sua complexidade, a escrita deve ser treinada, para o redator obter bom nível de desenvoltura na hora de produzir qualquer texto. Para escrever, às vezes, é necessário envolver os cinco sentidos acompanhando o raciocínio lógico, o equilíbrio e a sensatez. Segundo Lucília Garcez (2001), escrever é uma das atividades mais complexas que o ser humano pode realizar.

Se ler é um ato de grande complexidade, escrever também exige capacidade bem trabalhada. Conforme Luria (2001), se pararmos para pensar na surpreendente rapidez como uma criança aprende esta técnica, extremamente complexa, ficaremos surpresos

Para escrever com desenvoltura, a criança deve anotar aquilo que seja do seu interesse ou necessário para alcançar algum objetivo que lhe seja relevante. O primeiro grande motivo da escrita foi um bilhete que redigiram para os pais contando da existência da Coruja-Buraqueira, o tema que seria desenvolvido no bimestre. Foi de grande afetividade esse início. Depois anotaram tudo e escreveram, em duplas, peças de teatro

com curiosidades a respeito da coruja, as quais foram apresentadas em setembro do mesmo ano.

e) Nas asas da (coruja) imaginação...

Professores e alunos voaram nas asas das corujas. Todas as atividades desenvolvidas dentro do projeto tinham a interdisciplinaridade, como objetivo. Foi trabalhada a leitura e a escrita e, principalmente, a pesquisa em enciclopédias, computadores e dicionários. Os estudantes perceberam que, nesses suportes, os temas são organizados em ordem alfabética. Evidenciaram as ideias principais de cada parágrafo para construir um pensamento acerca do assunto. Novas histórias e novas moradas de corujas foram descobertas e todos querem conhecer ainda mais.

Quanto mais participativa é uma escola, mais o aluno é formado para a cidadania. A formação da consciência cidadã é resultado do ambiente no qual se vive, das conversas que se ouve, das quais se participa e das relações que se estabelecem entre as pessoas. Ela supõe seriedade de vida, percepção da realidade e da história, da sequência e consequência de nossas ações.

A prática ou exercício de cidadania é inerente à convivência cotidiana. O aluno deve perceber que o exercício cidadão refere-se às práticas sociais, políticas e culturais, mas refere-se, também, à vida pessoal e à convivência, que são os contextos mais próximos e mais fáceis de serem explorados para dar significação aos conteúdos de ensino.

O valor estético se realiza no momento em que o contemplador está dentro do objeto contemplado; no momento que ele vivencia a vida do objeto de dentro do próprio, contemplador e contemplado coincidem extremamente. (Bakhtin, 2003: 58)

As atividades assim desenvolvidas têm favorecido, nos alunos e professores, nova leitura de mundo e refletido eficientemente como instrumento de aprendizagem pelo qual o leitor dá sentido e significado ao texto. Dizemos que o leitor dá sentido, ao compreender o texto, e dá significado, ao modo como reage pessoalmente a essa compreensão. Essa é a ideia defendida por Roland Barthes (2002) ao referir-se a uma “co-existência” que o texto produz no leitor: quando o que está escrito consegue escrever fragmentos da própria cotidianidade de quem lê.

### 3 - EXPERIÊNCIA ATUAL

*Todo o processo  
educativo deve-se  
transformar porque ele só  
pode ensinar o que ao  
mesmo tempo aprende.*  
Eliana Yunes

#### 3.3 1. A primeira história: *A princesa que escolhia*<sup>102</sup>

Para encaminhar a leitura dessa obra de Ana Maria Machado ( anexo 2), usarei as sete teses de Jauss (2003), complementadas por estratégias de Solé (1998).<sup>103</sup>

##### **Primeiro dia**

1-Rememorar o que ouviu falar, ou já leu a respeito do tema que o título suscita. Verbalizar a experiência prévia acerca desse assunto (a historicidade da literatura).

No início da sequência literária, (anexo 3) os alunos trabalharam com algumas imagens. Para avivar a memória, separei as trinta e duas crianças em seis grupos. Cada componente do grupo recebeu um envelope. Nele continha uma chave ou uma trança ou um de sapatinho ou um coração ou um espelho, ou um travesseiro. Eles expressaram oralmente o que sabiam e lembraram a respeito desses objetos e qual a relação deles com as histórias infantis.

---

102 MACHADO, Ana Maria. *A princesa que escolhia*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2006.

103 Passo a relatar a atividade realizada com alunos e professores na sequência diária, introduzida pelo recorte teórico que estava sendo demonstrado.



A chave poderia abrir a porta para Cinderela escapar da repressão. Na história do “Barba Azul” a chave funcionou ao contrário, gerava o castigo.

Para eles a trança lembrava Rapunzel. Eles explicaram que a bruxa subia na torre pela trança. E quando o príncipe conheceu Rapunzel também fez a mesma coisa, só que a bruxa cortou as tranças para castigá-la. Nem todos conheciam essa história a partir da leitura de livros, mas sim da televisão.

Os alunos que estavam com o espelho gostaram e se olharam, lembraram do conto de fadas: Branca de neve e os sete anões, quando a bruxa perguntava “espelho, espelho meu, diga se há alguém no mundo mais linda do que eu”. Os professores falaram do patinho feio, que descobre sua diferença olhando no espelho d’água.

Os leitores que estavam com o sapatinho de cristal comentaram a respeito de *Cinderela*. O sapatinho simbolizava uma maneira de ligar o príncipe à princesa.

Quando chegou a hora dos alunos falarem do travesseiro, alguns tiveram dúvidas se era um mini colchão, mas esclarecidas as incertezas fizeram uma recordação da *Bela Adormecida* e também da *Linda Rosa Juvenil*, uma cantiga de roda.

Eles teceram observações acerca do caçador que, para enganar a bruxa, retirou o coração do veado e conseguiu poupar a vida da *Branca de Neve*. Em todas as histórias mencionadas havia princesas salvas por príncipes.

## Segundo dia

Na segunda parte da sequência eles leram a história: *A princesa que escolhia*.

### Sinopse de *A princesa que escolhia*

*Na situação inicial do conto “A princesa que escolhia”, os fatos ocorrem de acordo com a vida real, os pais mandam e os filhos obedecem. A princesa concorda e segue as ordens, sempre. O conflito se instala quando a princesa discorda do rei com uma resposta negativa.*

*O rei interdita a princesa e como castigo a coloca na torre.*

*Isolada da família, a princesa busca alternativas, para enfrentar a vida. Conhece pessoas que vivem nos bastidores do palácio, especificamente o filho e a filha do jardineiro. Ela aprende a subir em árvores num jardim cheio de atrativos. Ela expande os horizontes, olha pela janela e descobre que pode ver além dos muros do palácio. Ela também experimenta comidas diferentes.*

*Na busca para preencher o tempo, ela encontra um lugar repleto de obras ficcionais, com computador e internet, mapas, e outros materiais de experiências. A mãe vem e pergunta se ela ia ficar obediente. Ela responde “quero escolher”. Ela também ouve e fala com as pessoas que cuidam dela. Nesse diálogo, toma conhecimento que existe um problema no reino. Uma doença preocupa o rei.*

*Por essa situação, pede para falar com o pai. Quando ele chega à torre ela diz que sabe como acabar com a doença. O rei decide ouvi-la. Ela explica tudo. Mostra a evolução do mosquito e como exterminar o problema. O rei volta ao castelo e utiliza a estratégia da filha para barrar a doença o que dá certo. Tira a princesa do castigo e oferece um prêmio: sugere uma coroa de brilhante. Ela recusa. E reafirma: “eu quero escolher”.*

*O rei cumpre a palavra. A princesa escolhe estudar numa escola normal e aprender coisas do povo. Aprende matemática, astronomia, estatística, assiste filmes, lê revistas, livros, faz amigo. A vida segue. Para algumas situações ela diz sim, para outras ela diz não.*

*A princesa cresce. Chega a hora de escolher um noivo. O pai prepara uma grande festa, com pessoas de todo jeito, de todas as classes, de muitas culturas. Ela encontra vários rapazes disponíveis. A cada um indica um destino: Rapunzel ficou com atleta; Cinderela ficou com o sapateiro; o outro foi acordar A bela adormecida; mais um foi dar tapinhas nas costas da Branca de Neve; e o assustador Barba Azul foi para a cadeia.*

*Depois de tudo ela resolve não casar agora e sim estudar, conhecer o mundo. Ela se forma em arquitetura e conhece outro arquiteto, o filho do jardineiro. E se casam. O narrador fala com leitor que a história continua, ela se torna rainha. Como gosta de escolher, dá ao povo a chance de também fazê-lo.*

*A princesa tem alguns dias felizes e outros nem tanto. Ela conquista a felicidade a cada dia ao lado do marido que é um príncipio, não um príncipe.*

### 3.3.1.1. Leitura das ilustrações

Junto com a leitura da narrativa, os estudantes realizaram, com a mediação da professora, a leitura das imagens, conforme abaixo apresentadas<sup>104</sup>.

*Capa: Na capa a princesa, de cabelo azul e coroa transparente, brinca num balanço.*

O cabelo azul destaca indicação de diversidade.

*Num fundo escuro está o rei carrancudo. A princesa, diante do pai, está com os olhos ligeiramente baixos. A rainha, num tamanho menor, está distante.*

O significado da postura da princesa, o posicionamento e o tamanho da rainha foram identificados pelos estudantes adultos, mas as crianças só construíram sentido por que receberam explicação da professora. Em muitas famílias, e principalmente na realeza, as mulheres devem ser submissas.

*No terraço da torre, a princesa com cabelo mais azul, avista enorme e novo horizonte: as montanhas e, o mar com duas embarcações.*

Nessa imagem começa a possibilidade de viagem, de expansão de horizonte. A torre simboliza a elevação, neste espaço a princesa encontrou os objetos mágicos que a ajudaram no rito de passagem.

*Ela brinca em cima de uma árvore, há animais ao redor. A coroa está mais transparente.*

A princesa aproveita esse momento para conhecer pessoas e também fazer a leitura da vida. A transparência da coroa sugere que o leitor também é nobre, e/ ou a princesa nesse momento vive como uma criança normal.

*Vários balões representam diálogo. Enquanto arruma o cabelo a princesa lê uma revista.*

---

<sup>104</sup>Há a seguir, uma breve descrição das imagens, em itálico. A cada descrição, acompanha-se exposição dos aspectos que foram destacados.

O dialogo é a melhor forma de encontrar soluções para os problemas. A imagem destaca a possibilidade de ler, enquanto as cuidadoras fazem outra atividade em sua cabeça.

*Há uma imagem na parede, e a princesa explica ao rei como erradicar o problema.*

O conhecimento é poderosa arma para solução de problemas.

*Por trás da princesa uma há uma página de livro. Ela diz: Eu quero escolher. Na ilustração seguinte há vários livros de diferentes assuntos e a princesa diz: eu quero escolher.*

O conhecimento é poderosa arma contra a repressão. Essas ilustrações indicam que a leitura possibilita a formação de pensamento crítico e desenvolve a firmeza de caráter.

*O reino fica repleto de pessoas, de todos os jeitos.*

Essa parte mostra que a valorização do ser humano deve ser ampla e irrestrita.

Na recepção desta história, uma participante adulta conta sua história dizendo que foi ignorado pela professora quando chegou do campo para estudar na cidade.

*A festa é toda azul. A princesa adulta continua com a coroa transparente.*

As crianças reforçaram a ideologia vigente: as meninas gostam de azul, mas os meninos disseram que não apreciam a cor rosa, porque é cor de mulher.

*Várias placas indicam caminho de acesso a Rapunzel.*

A página toda amarela significa que sempre haverá outro dia, outra possibilidade de solução dos problemas.

*As imagens mostram as princesas dos contos de fadas recebendo os príncipes sem questionar.*

Como num jogo, ela, educadamente, soube como dispensar os seus pretendentes.

*A princesa dirige, viaja de avião, de navio.*

Aqui se constata a representação da mulher independente.

*O povo, em fila, deposita o voto na urna.*

Um importante momento que destaca a democracia: os estudantes falaram que querem votar.

### 3.3.1.2. Leitura das palavras

No segundo momento da sequência, iniciando a leitura das palavras, os receptores analisaram o título:

***A PRINCESA QUE ESCOLHIA.***

Formularam-se perguntas e eles responderam: Por que a princesa que escolhia? Onde ela está?

No início do primeiro capítulo, disseram que esperavam um conto de fadas, porque o “era uma vez” e a princesa deixavam uma pista que sugere o começo do conto de fadas. Antes de passar para a próxima página, houve uma parada para antecipações. Há a presença de dois pontos que indicaram, para a próxima linha, fala da personagem principal. Eles disseram que a previsão era de contrariedade.

Na segunda página, eles leram a instalação do conflito. Analisaram a mudança de comportamento e viram que a princesa havia abandonado o estilo Maria-vai-com-as-outras.<sup>105</sup>

No segundo capítulo, descobriram que a princesa ficou de castigo na torre. Recordaram que a torre é do conto de fadas Rapunzel. Ficaram surpresos porque nesse espaço de repressão a princesa tinha muita liberdade. Aparecem dois objetos mágicos:<sup>106</sup> o livro e a janela.

No terceiro capítulo, os leitores compreenderam o aparecimento de personagens importantes para a interação da princesa com mundo, quando ela brincava pelo jardim. Fez amizade com os filhos do jardineiro.

No quarto capítulo, os leitores ficaram surpresos ao constatar que a princesa lia muitos livros, até na internet. Com a leitura da lista das personagens e em resposta à pergunta, eles manifestaram que as conhecem ao verem filmes na televisão. Poucos alunos

---

<sup>105</sup> Maria-vai-com-as-outras é uma história e desenho de Sylvia Orthof. Coleção Lagarta. Pintada. São Paulo: Ática, 1998. Dizer que uma pessoa é Maria-vai-com-as-outras significa dizer que ela é facilmente influenciável e se deixa levar pela opinião de outras pessoas. A Maria da expressão é Dona Maria I, rainha de Portugal no final do século XVIII. Ela é conhecida tanto como “A Piedosa” - por sua devoção religiosa - como por “A Louca” – por ter sofrido uma doença mental após a morte de um dos seus filhos. Por causa de sua condição mental, D. Maria vivia reclusa e só saía acompanhada de damas – as outras da expressão. [www.lexiophiles.com/](http://www.lexiophiles.com/) pesquisado Acesso em 22 de julho de 2010.

<sup>106</sup> Essa nomenclatura foi retirada da obra Morfologia do Conto de Propp.



se familiarizaram com os contos de fadas pela leitura de livros literários. Houve a repetição da palavra *lia* quatro vezes. Eles aproveitaram para falar que na escola existem computadores, mas eles não usam. Eles não têm internet.

Nesse momento, eles pediram para ver a ilustração mais um pouco e fizeram comentários a respeito do dragão e do chapéu de bruxa. Viram que na estante há livros da Ana Maria Machado e outros autores, que eles não conhecem.

No quinto capítulo, eles viram que a princesa conversa com as cuidadoras. Ela recebe mais dois objetos mágicos: a leitura e o diálogo com as pessoas.

Os leitores reconheceram o desejo da princesa: poder escolher. Eles constataram que ela vê televisão, meio pelo qual descobre que existe uma doença que preocupa o reino. Com isso, perceberam que se podem ler notícias na televisão. A leitora crítica utiliza seu poder de escolha e pede para chamarem seu pai.

Os estudantes responderam que o mosquito que a princesa descobriu lembra dengue. Uns alunos falaram que conheceram o assunto pela televisão, outros disseram que aprenderam na escola com a professora.

No sexto capítulo, os receptores riram da desenvoltura e do poder de convencimento da princesa. Eles ficaram em silêncio por um instante.

No sétimo capítulo, os leitores compartilharam da tripla vitória da heroína: sair do castigo, rejeitar uma coroa nova e receber o direito de poder escolher.

No oitavo capítulo, começaram a perceber como ela sabia escolher. Escolhia os amigos, o que comer, escolher o que ler e tomava várias decisões demonstrando autonomia.

No nono capítulo, os alunos gostaram do diálogo em que o rei tenta impor mais uma vez a sua vontade, propondo à princesa o casamento para cumprir o protocolo da nobreza.

No décimo capítulo os leitores se surpreenderam com a mudança de cores, pois passa a ser o fundo todo azul. Eles notaram que a princesa falava com todos.

Os receptores leram nos capítulos décimo primeiro, segundo e terceiro que a princesa, na festa, dispensou os pretendentes com ajuda das leituras que ela havia realizado. Ela encontrou a solução do problema por conhecer as outras princesas dos

contos de fadas. Os receptores identificaram as princesas pelas cores e gostaram quando *A princesa que escolhia* chamou a polícia.

Depois de ela ter se negado a casar, os leitores seguiram no décimo quarto capítulo com a princesa para a formação profissional e depois para viagens.

No décimo quinto capítulo, os leitores interagiram com o narrador e com uma pergunta que os encorajou para prosseguirem com leitura. Há oportunidade de fazerem mais reflexão a respeito da escolha do voto e, então, receberam explicação do que é parlamentarismo.

Com o fechamento da história, os estudantes confirmaram os novos rumos do conto, pois a princesa não ficou só esperando, mas fez a diferença, com sua conduta.

2- Compor a experiência que se relaciona com o tema, ou seja, traçar os horizontes de expectativa em relação à leitura que irá iniciar. Como será a ocorrência dos fatos?

A partir da leitura do título *A princesa que escolhia*, as crianças traçaram um panorama de princesa. Eles representaram com desenho a princesa. E essa exposição por imagens comprovou que para eles as princesas são loiras. Nas discussões evidenciou-se que a princesa que escolhia não é submissa. Ela é diferente das princesas dos contos Rapunzel, Cinderela, a Bela Adormecida, Branca de Neve e os sete anões dos filmes de Walt Disney.

Ao relatarem as expectativas em relação ao andamento da história houve antecipações acerca das escolhas da princesa: roupas, comidas, jóias e brinquedos.

3-Confirmar o efeito estético, que se configura como hiato entre o que o leitor esperava e o que realmente ocorreu ao longo da recepção da obra. Mudança de horizonte.

Ao ler a história vê-se que a situação inicial lembra os contos tradicionais com as palavras: *Era uma vez*. As expressões seguintes expõem a menina boazinha, obediente que

nunca questiona. O narrador declara que a personagem compartilha de subserviência. Acontece então a transgressão: ela muda de comportamento e surpreende o leitor. Ela diz NÃO. Aqui há espaço para o leitor colocar em jogo as experiências de vida, pois a trama se encaminha deixando a cargo dele o que a leva a dizer não. Ela diz educadamente, com pedido de desculpa. Todos os leitores ficam espantados.

Aparece o anti-herói. Nesse caso, é pai da princesa. Ela surpreende ao pai e ao leitor. Princesas existem para esperar. Esse segmento quebra a visão do leitor contemporâneo em relação às mulheres, principalmente a princesa contemporânea como, por exemplos: Lady Diana que viajava, andava a cavalo; e outras princesas de carne e osso: Máxima da Holanda, Victória da Suécia, a Isabel da Espanha e a leitora. Cada pessoa pode ser princesa para os outros.

Nos segmentos posteriores, a princesa se revela como a heroína da trama. Na torre ela encontrou uma biblioteca. Então aparece o primeiro objeto mágico: a leitura. No castigo ela se distrai e expande os horizontes com o segundo objeto mágico: a janela. Aparecem outras crianças que ficavam atrás do castelo e então ela compartilha as leituras e participa de interações com o terceiro objeto mágico: os pares.

No decorrer da leitura, os receptores vivenciaram a ascensão da princesa que soube negociar sua liberdade de escolha. Ela construiu um caminho para poder ampliar os conhecimentos.

4-Reconstituir (readaptar) o horizonte de expectativa em relação à essência do texto. Expor o que surpreende o leitor, como efeito de atemporalidade e atualidade. “Compreender é sempre um processo de fusão”.
---

O fato de a princesa ficar de castigo na torre e poder brincar, experimentar muitas comidas gostosas e fazer amizades deixou no leitor certa dose de perplexidade. Outro motivo de surpresa foi unir a princesa ao espaço com muitas maneiras de se informar: livros, computador, acesso à internet e projetor de imagens.

A vida da princesa transcorre de modo que o leitor vivencia mudanças significativas para buscar autonomia e emancipação. Ela, filha única de uma família tradicional, participa na trama da evolução da mulher que passa da vida privada para a vida pública se tornando rainha e promovendo mudança em toda sua comunidade.

Os alunos descrevem, tangencialmente, essas mudanças, porém eles não conseguem precisar ainda a dimensão histórica dessa modificação.

5-Apreender o sentido, a forma e a significação da obra literária. Perceber o grau de inovação que é a obra (dimensão da experiência histórica).

A obra mostra como a personagem da história *A princesa que escolhia* vive diferente; expõe a evolução por que a princesa passa desde o momento que fica de castigo até o desenlace, que não é o final da história. Depois do casamento, a princesa continua a ampliar os conhecimentos. Constata-se que essa história tem um significado muito maior do que a sequência narrativa, que é o significante: o significado é a conquista da cidadania.

Em toda a obra, os personagens constroem interação, valorizam o conhecimento adquirido a partir da convivência com livros, com o uso consciente da tecnologia e com outras pessoas. A obra desconstrói o jeito das princesas dos outros contos de fadas.

6- Determinar e delimitar a significação da obra. Situar a obra na evolução e explicação do mundo, nas interseções diacrônicas e sincrônicas.

Diacronicamente, vida de princesas, as dos contos de fadas e as dos contos modernos, mostra como acontece a evolução do ser humano, especialmente da mulher, antes cerceada de exercer atividade fora de casa, de estudar e até de votar, para a mulher que toma decisões e chega a chefe de estado.

Sincronicamente, os leitores vivenciaram que há evolução da princesa, que era a criança passiva para se transformar em uma jovem que estuda, sabe articular a possibilidade de obter êxito. Eles fizeram um paralelo com a vida deles, como eles aprenderam mais uma história e que o ser humano aprende novidades quase todos os dias.

Os alunos concluíram que o importante é que a princesa conquista a estabilidade sem nenhuma violência.

7- A função social da literatura só manifesta genuinamente as suas possibilidades quando a experiência literária do leitor intervém no horizonte de expectativa da sua vida cotidiana, orienta ou modifica a sua visão de mundo e age conseqüentemente sobre o seu comportamento social.

Com a leitura dessa obra, os receptores puderam reconhecer a linguagem poética como meio de engrandecer e refletir acerca da vida. A literatura se torna uma das grandes consolações da vida e um dos modos de elevação do ser humano sobre a precariedade da sua condição. É uma oportunidade de compreender temas mundiais, regionais e locais. Fornece caminhos para o homem e a mulher interagirem entre si. E mais: é um modo de perceber e vivenciar as variantes linguísticas, respeitar os modos de expressão e usufruir de momento lúdico relacionando o real e o imaginário.

“Quanto às experiências significativas, avulta a literatura para crianças e jovens, porque possibilita à criança o contato com o aspecto lúdico da linguagem, a convivência com a arte literária e o despertar.” (Joseane Maia, 2007: 19).

### 3.3.1.3 - A recepção com crianças

O texto é longo para as crianças, por isso ele deve ser lido em várias etapas. Os leitores infantis precisam de mediação em cada página com alertas para observarem cada detalhe da narrativa escrita e também das ilustrações. Eles tiveram oportunidade de relatar episódios da vida deles, das brincadeiras de rua. Nessa turma havia oito alunos que não

sabiam decodificar, mas eles participaram da leitura imagética e compartilharam com as interpretações realizadas pelos colegas.

#### 3.3.1.4 - A recepção com adultos

A - Os alunos do curso de Letras da Universidade de Brasília.

Eles conheceram o resumo das teses de Jauss, de Aguiar/Bordini e Solé. Discutimos como seria cada passo da leitura. A recepção dos objetos foi surpresa porque receber um tratamento infantilizado parece engraçado para eles. Somente um terço do grupo declarou que ouvia histórias em casa.

Todos os vinte e dois alunos presentes participaram até o fim da leitura. A princesa foi lembrada como uma subversão às outras princesas dos contos de fadas. Eles se lembraram de intertextualidade com o Jardim Secreto.

B - A experiência com os professores da rede pública do DF e da rede municipal de Formosa-Goiás.

Os professores falaram da importância da leitura literária, porém admitiram que não é prática muito valorizada por eles; na maioria das vezes os alunos passam a aula toda fazendo cópias do quadro. Cerca da metade falou que, quando crianças, não recebiam livros de literatura na escola. Os relatos mostraram que as mulheres são as maiores incentivadoras da disseminação de histórias, seja escrita ou oral. O papel emancipador da leitura literária também foi ponto defendido pelos professores.

#### **Terceiro dia** da sequência literária

Os alunos, direcionados por perguntas e respostas orais, lembraram que *A princesa que escolhia* aparece na história com oito anos e termina quando já estava casada. Os leitores falaram que a personagem principal é a princesa, que morava com os pais, num castelo. E continuaram: ela fica de castigo na torre e consegue resolver as questões por meio da leitura e no final escolhe seu marido, a forma de governo de seu país e seus amigos.

Finalizada essa parte, os alunos participaram ativamente da leitura do conto de fadas: *Rapunzel*.<sup>107</sup> Primeiro um aluno contou rapidamente alguns trechos da história. A maioria não se lembrava de nenhum detalhe. Começou a leitura.

---

<sup>107</sup> Apresentamos sinopse dos outros contos de fadas trabalhados, pois pode acontecer que não sejam conhecidos por leitores deste texto, com diferentes horizontes de experiências.

No término da leitura, os alunos fizeram uma comparação entre *Rapunzel* e *A princesa que escolhia*. Eles falaram que a diferença consiste na maneira de resolver a prisão da torre, nas tranças. Para sair da torre, Rapunzel, princesa de antigamente, precisou de um príncipe; e a princesa, moderna que escolhia, conseguiu encontrar a saída por meio da leitura. Além disso, a princesa que escolhia desafiou o pai; e Rapunzel foi presa pela bruxa.

Os receptores discorreram também a respeito do computador e dos livros que não são mencionados em *Rapunzel*. Esses mediadores modernos de informações não faziam parte da vida.

### Quarto dia

No início das atividades lembrou-se a história do dia anterior: *Rapunzel*. Os leitores comentaram que, ao sair da torre, foi levada para outro lugar; *A princesa que escolhia* voltou para casa dos pais. Enquanto a primeira aceitava as propostas sem questionar, a segunda exigia seus direitos e exercia bem o seu papel de cidadã.

Nesse quarto encontro aconteceu a leitura de *Cinderela*<sup>108</sup>. Depois da leitura os alunos comentaram que *Cinderela* foi prejudicada pela madrasta e as duas filhas; no conto

Era uma vez, um casal que almeja muito ter uma filha. A mulher fica grávida e fica com desejo de comer umas verduras que está no quintal do vizinho. O marido não pretende pegar, mas diante do pedido da esposa atravessa a cerca e pega os rapunzeis. Quando esta saindo aparece uma bruxa e pergunta:

-O que você está fazendo?

Ele explica, mas não adianta. Ela negocia a troca da verdura pela criança quando nascesse.

A criança nasce, a bruxa pega e leva para a casa dela. O tempo passa. Rapunzel faz doze anos. A bruxa a prende na torre bem alta. Todos os dias, ela leva comida para Rapunzel. Chegando lá, diz:

- Jogue-me suas tranças Rapunzel!

Rapunzel joga e ela sobe.

Um dia, um príncipe passa por ali e vê aquela cena. Fica escondido. Quando a bruxa vai embora ele chama: “Jogue-me suas tranças, Rapunzel”!

Ele sobe. Eles se apaixonam. A partir desse dia o príncipe vai sempre lá.

A bruxa descobre, fica escondida lá em cima esperando o príncipe. Quando chega para visitar Rapunzel, a bruxa corta as tranças de Rapunzel e joga o príncipe lá de cima. Ele cai em uns espinhos e fica cego.

A bruxa leva Rapunzel para bem longe. O príncipe mesmo cego procura e encontra Rapunzel. Ao ver o amado cego ela lhe dá um abraço e uma lágrima o faz ver de novo. Eles vão para o reino, se casam e vivem felizes para sempre.

108 Era uma vez um casal de fidalgos que tiveram uma bela filha a quem deram o nome de Rosalinda. Um dia o pai ficou viúvo e se casou de novo com uma mulher que tinha duas filhas. Logo depois do casamento, o pai teve que viajar para trabalhar fora. Aproveitando a situação, a madrasta colocou Rosalinda para fazer todas as atividades domésticas. Ela dormia no chão ao lado das cinzas, por isso as filhas da madrasta começam a chamá-la de *Cinderela*.

Rapunzel, foi a Bruxa; em *A princesa que escolhia*, o pai que queria que ela dissesse sempre sim.

### Quinto dia

Neste dia houve uma mudança, seria a leitura da história *A Bela Adormecida*, mas logo no início da aula os alunos disseram que a professora da classe pediu-lhes que copiassem essa história, como castigo. Eles falaram que teia escrito quatro páginas. Por eles já saberem a história, identificarem início, meio e fim desse enredo, mudou-se para a *Branca de Neve e os sete anões*. Depois dessa leitura, alguns alunos recontaram a história com fantoches.

Os receptores determinaram a importância de cada personagem para continuação da trama. Enumeraram diferenças e semelhanças entre as histórias que haviam lido. Apontaram que Branca de Neve deveria ter sido mais esperta para descobrir que a rainha se disfarçava. E também seguir o conselho dos anões quando pediram para ela não abrir a porta. Eles comentaram que os pais pedem para eles não conversarem nem receberem objetos de pessoas estranhas.

Os leitores destacaram a maneira como *A princesa que escolhia* resolveu os problemas que teve durante o percurso e também o perfil das personagens mais importantes em cada trama. Perguntaram e foram esclarecidos a respeito de como aparecem os príncipes. Eles se identificaram com a maneira contemporânea de comportamento que *A princesa que escolhia* demonstrou durante a história.

Falaram das cores das roupas, dos lugares onde cada uma ficou e quem as salvou, destacando como foi a interdição de cada princesa.

Certo dia, o príncipe resolve dar um baile para escolher uma noiva. Cinderela faz roupas para as filhas da madrasta e fica sem nada para ir à festa. Todas foram e ela fica sozinha. De repente, aparece a fada madrinha que transforma as vestimentas de Cinderela em um belo vestido, converte uma abóbora em carruagem e os ratinhos em cavalos e, mas avisa que a magia termina à meia noite.

Quando chega ao baile Cinderela chama atenção de todos com sua beleza. O príncipe a convida para dançar. E ela se diverte tanto que se esquece do relógio. Quando ouve as badaladas da meia noite leva um susto e sai correndo. Na saída perde o sapatinho de cristal, nas escadarias do palácio.

Para encontrar a sua amada, ou seja, a dona do sapatinho, o príncipe ordena que todas as moças experimentem-no. As filhas da madrasta experimentam e mesmo empurrando bastante o sapatinho não serviu. Quando o empregado do príncipe já ia embora, vê Cinderela limpando o chão e pede para ela experimentar. O sapato serve. Ela se casa com príncipe. E perdoa a madrasta e suas filhas pela maldade e vive feliz para sempre.



## Sexto dia

### 3.3.2. Apresentação de *O príncipe que bocejava*

#### Sinopse

*No início da narrativa o era uma vez conduz o leitor ao príncipe bem educado. Bem preparado para ser perfeito rei. Ele cresce com discernimento para os assuntos do reino e com ampla capacidade para exercer as funções de líder. Numa perspectiva do sujeito contemporâneo sabe desde informática até mecânica.*

*Chega a hora de escolher a noiva. Para isso, a família providencia uma grande festa. Convida toda nobreza. No palácio aparecem as mais belas princesas. No início, tudo corre as mil maravilhas, porém quando o príncipe começa a dialogar com as princesas acontece um vexame. Ele começa a bocejar sem parar. Foi um mal estar geral e incontrolável.*

*Todas as pessoas presentes na festa ficaram constrangidas e vão embora. Para agravar a situação, os jornais estampam em letras garrafais a ocorrência.*

*Passaram alguns dias, e o rei dá outro baile, dessa vez convida moças de outras linhagens. Contudo, o bocejo vem uma, duas, três vezes... Todas as vezes que conversa com as moças começa tudo de novo.*

*Sem ter o que fazer os médicos sugerem uma viagem. Quando escuta, os bocejos voltam. Então ele dá um basta e diz que a viagem vai ser do jeito que ele escolher.*

*Muda o visual e sai de moto.*

*Na viagem de trem ele conhece uma leitora. Ele começa a perguntar a respeito do livro e os dois interagem. Compartilham varias experiência. Seguem juntos por muitos dias em varias passeios. A interação entre eles é perfeita.*

*Ele descobre que ela ganhou um premio por isso está viajando. Ela pergunta e ele conta que é um príncipe. Ele esclarece que é mais uma coisa em comum, ela também é princesa da uva. Descobre que vivem na mesma cidade. Anos depois casam e vivem felizes em alguns momentos, em outros nem tanto, mesmo assim vivem juntos até hoje.*

#### 3.3.2.1 Leitura das ilustrações

Nesta história aparecem dez ilustrações<sup>109</sup>

Capa: *A imagem da capa exhibe um príncipe leitor que está sozinho. O formato da boca em linha reta e os olhos estão sem expressão.*

Tal semblante parece contraditório pelo seu aspecto, ou seja, ele não demonstra alegria e satisfação. Com o livro aberto nas mãos, indicaria, supostamente, interação leitor-texto, mas essa imagem revela indiferença, ausência de emoção, apatia.

<sup>109</sup> A seguir será feita a mesma sequencia anterior: descrição da imagem e comentário interpretativo.

*1- O príncipe lendo um livro sentado no trono, sua boca esta reta demonstrando indiferença. Ao redor as imagens de todas as atividades que ele faz durante o dia.*

O que falta ao príncipe, disse uma participante do grupo de adultos, é interagir com outras pessoas, ter amigos, para compartilhar as suas experiências leitoras.

*2 - O príncipe sentado no trono, uma fila de princesas com os mais variados aspectos.*

A ele é dada essa enorme responsabilidade de escolher.

*3 - Várias imagens do príncipe bocejando em diversos veículos com manchetes de jornais.*

Essa imagem é uma crítica à vida moderna e à invasão de privacidade. As pessoas públicas e famosas são perseguidas, porque as imagens delas valem dinheiro.

*4-Aparecem trinta e seis imagens de princesas e vários assuntos tratados por elas; massagem, costureiros peeling, cauterização, alongamento, silicone, modelo e manequim, lipoaspiração, tintura, bronzeamento, shopping, malhação, aeróbica, festas, sapatos, roupas, cremes, alisamento, permanente, etc..*

Esses assuntos são considerados banais e fúteis.

*5-O príncipe motoqueiro aparece irreconhecível: de cabelo azul com brinco, estilo roqueiro. Vê-se o caminho com placas em vários idiomas, denotando viagens pelo mundo e participação em aventuras. Isso tirou o príncipe da mesmice.*

*6- Outra viagem de trem: o encontro com a leitora.*

O príncipe abandona a solidão, pega um veículo com muitas pessoas, passa a conhecer o mundo de diferentes relações humanas; nesse ínterim, ele encontra a leitora.

*7-O príncipe numa festa acompanhado com a leitora.*

A vida do príncipe ficou totalmente movimentada, a interação com outras pessoas.

*8- Mostra o príncipe e a leitora dialogando, falando das leituras que os dois compartilharam.*

A leitura possibilita a interação e, por meio dela, pode-se ter várias ideias e argumentos para conversar.

*9- Por fim, os dois já bem idosos com livros por todos os lados, lendo e compartilhando juntos.*

Apesar da idade, eles conseguem continuar com as leituras e os interesses pelas artes.

### 3.3.2.2 A leitura das palavras

Antes da leitura das palavras escritas, os leitores receberam o vocábulo príncipe destacado em oito pedaços e em seguida colocaram em ordem. Alguns leitores mirins precisaram de auxílio.

P	R	Í	N	C	I	P	E
---	---	---	---	---	---	---	---

Prosseguindo a tarefa, eles ouviram a pergunta “o que vocês sabem a respeito de príncipes?”, a partir da qual responderam que príncipes são pessoas que vivem em castelo, são ricas, bem educadas, usam coroa e são filhos de rei.

Quando eles viram a capa e o título do livro, *O príncipe que bocejava*, todos ficaram surpresos. Falaram que não conheciam a história. Houve um desvio (desconstrução) do que realmente esperavam. Um príncipe deve apresentar uma postura “engessada”, e não bocejar, ato considerado uma expressão incontrolável, praticada na intimidade.

Eles realizaram a primeira leitura da obra inteira, os comentários ficaram para depois. Com essa leitura eles conheceram o início, meio e fim da história. Identificaram a personagem principal e as secundárias, o narrador em terceira pessoa, o episódio gerador do conflito, o tempo de acontecimento da história, que se estendeu desde a infância até a velhice. Viram que as personagens não têm nome, dando liberdade para o leitor entrar na trama.

#### *O príncipe que bocejava*

1- Rememorar o que ouviu falar, ou já leu a respeito do tema. Verbalizar a experiência prévia acerca desse assunto (a historicidade da literatura).
---

Depois que todos conseguiram descobrir a palavra, passou-se para a segunda etapa. Então os receptores falaram a respeito do que pensavam e sabiam sobre príncipes. As crianças comentaram as outras histórias que já apareceram nesta sequência pedagógica.

Algumas professoras falaram que estavam “esperando um”. Foi um momento de descontração e muita risada. Outras questionaram o que seria realmente ser príncipe. Em

seguida, lembraram de alguns príncipes ficcionais e outros reais: príncipe Charles, Willian e Felipe.

Depois todos viram no telão algumas imagens de príncipe: o pequeno príncipe (ausência de coroa), o príncipe do Egito, o príncipe do cavalo branco, o príncipe feliz e por último uma criança bocejando. Todos riram e lembraram que toda criança pode ser príncipe. (Anexo 4)

2 - Compor a experiência que se relaciona com o tema, ou seja, traçar os horizontes de expectativa em relação à leitura que irá iniciar. Como será a ocorrência dos fatos?

Na segunda fase, eles viram o título da história: **O príncipe que bocejava**. Alguns falaram que não esperavam esse título. Não conheciam. Eles se surpreenderam porque a realeza deve se comportar diferente. E perguntaram por que ele está bocejando. Foram várias respostas: sono, doença... Nessa página, a mediadora chamou atenção pelo destaque da coloração quase toda vermelha. O leitor se lembrou que essa cor significa proibição (por exemplo, no semáforo), sangue. O vermelho é estimulante em algumas situações. Eles citaram a questão vermelho de vergonha ou do “cartão vermelho”.

Nesse momento, aconteceu a troca de opiniões, um estranhamento pelo inusitado e também identificação das ações da personagem.

3 - Confirmar o efeito estético, que se configura como hiato entre o que o leitor esperava e o que realmente ocorreu ao longo da recepção da obra. Mudança de horizonte.

Com a ilustração que complementa a primeira página, os leitores confirmaram que o príncipe faz atividades totalmente impossíveis a eles, devido ao poder aquisitivo e a comunidade em que vivem. Montaria para eles é um árduo trabalho, alguns dos pais são

carroceiros. Andar de skate, tocar instrumento musical, aula de golfe é algo do imaginário. Existe um detalhe que os aproxima do príncipe: a leitura. Na imagem em que ele aparece com um livro aberto, abre-se a possibilidade de comunhão entre os dois universos: o vivencial e o narrado. Eles têm livros, mesmo que seja o livro didático que o professor oferece.

4 - Reconstituir (readaptar) o horizonte de expectativa em relação à essência do texto. Expor o que surpreende o leitor, como efeito de atemporalidade e atualidade. “Compreender é sempre um processo de fusão”.

Ao encaminhar para a segunda e terceira páginas, os acontecimentos confirmam o que seria a vida de um príncipe. O efeito estético harmoniza a expectativa do leitor com o nexos da trama. Quando prossegue a leitura e o príncipe vai escolher uma noiva, parece habitual. De repente, acontece o inesperado. A vida da personagem movimenta a imaginação do leitor. Eles perguntam “com será a vida dele daqui para frente”? E se eles não conseguirem se casar? Ao mesmo tempo, alguns alunos ficam em silêncio, só pensando.<sup>110</sup> Eles chegam à conclusão que a história continua. E depois, o que poderá acontecer?

O leitor compartilha a mesma ideia do príncipe: quando as coisas estão muito difíceis, deve-se procurar uma saída. Para ele, a solução foi sair em viagem. E o leitor viaja com o príncipe. Antes ele disse “chega de escolher noivas” e “chega de bocejar”. Agora, os receptores descobrem que ele diz “chega de viajar sozinho” e troca a moto pelo trem, um meio de transporte coletivo. Os leitores entenderam que, para conhecer alguém, teve que se expor. E o leitor se arrisca, passando para a página seguinte da aventura.

Acontece o imaginado: ele conhece uma leitora. Nessa fase da trama tudo começa a fazer nexos, o leitor se associa aos fios da história que se encaminham para o desenlace. Os leitores ficam mais entusiasmados porque o enredo fica mais interessante. O príncipe

---

<sup>110</sup> Uma das crianças comentou baixinho: esse príncipe é gay.

descobre que a leitora é princesa. Nesse ponto os leitores riram do ajustamento perfeito: um príncipe leitor encontra uma princesa leitora. Porém a trama prega uma peça no receptor. É princesa da uva<sup>111</sup>: houve aquela gargalhada. Será que ele se casa com uma pessoa que é princesa sem nobreza:

E no final tudo termina quase bem. Outra surpresa para o leitor. As coisas são conquistadas a cada momento. E o tal de *feliz para sempre*, não existe nessa história. Aqui houve mais espaço para reflexão. O príncipe é real ou imaginário?

5 - Apreender o sentido, a forma e a significação da obra literária. Perceber o grau de inovação que é a obra (dimensão da experiência histórica).

No final, eles viram que o príncipe é uma personagem que consegue construir a vida contornando muitos obstáculos sociais. Muitas vezes, quando se fica desanimado, até mesmo para terminar a leitura, é bom procurar alguém que consiga ajudar. Quando o príncipe consegue encontrar alguém que gosta de ler e compartilha de algumas experiências parecidas com as dele, é um exemplo para o leitor. O receptor se vê impulsionado a compartilhar com os colegas suas leituras e conhecimentos.

6 - Determinar e delimitar a significação da obra. Situar a obra na evolução e explicação do mundo, nas interseções diacrônicas e sincrônicas.

Príncipe significa um homem que se veste bem e se comporta com fineza, ou o indivíduo que ocupa lugar de destaque na sua comunidade. Na ficção, existem diferenças entre o comportamento do príncipe de hoje e o dos príncipes de antigamente. Ao longo dos

---

<sup>111</sup> Em Caxias do Sul acontece a escolha da rainha e duas princesas da uva. Em Formosa-Goiás acontece a escolha da rainha e três princesas do expoagro, durante a exposição agropecuária que acontece geralmente no mês de julho.

tempos, o príncipe participa mais das atividades junto com os outros e não fica só esperando uma princesa dormir para ser acordada.

A mesma coisa aconteceu na urdidura de o *Príncipe que bocejava*. Durante a ficção, ele passou de um passivo indivíduo ao homem que decide a sua própria vida. O que o transformou? A leitura, que possibilitou se sobressair nos momentos de dificuldades.

Na vida real, atualmente em alguns países, o homem que era educado para a vida pública, empurrado pela evolução da mulher, colabora com a vida privada, cuida dos filhos e faz outras tarefas domésticas que até pouco tempo eram inconcebíveis para o homem.

7 - A função social da literatura só manifesta genuinamente as suas possibilidades quando a experiência literária do leitor intervém no horizonte de expectativa da sua vida quotidiana, orienta ou modifica a sua visão de mundo e age conseqüentemente sobre o seu comportamento social.

A mudança não é perceptível imediatamente, mas as discussões foram amplas. Além do exercício de decodificar, houve oportunidade de criatividade. Ao antecipar o que viria na próxima página, inferir o que aconteceria a cada personagem, eles falaram a respeito das tarefas dos homens e das mulheres. Os homens, por terem, em certa situação, privilégios sociais; têm relação à mulher, vantagens. Mas hoje as diferenças são menores, porque as mulheres conquistaram direitos que os homens. Se a mulher já conquistou direitos, ainda está longe de obter justiça total.

O desenrolar de *O príncipe que bocejava* tece uma reflexão a respeito das facilidades que o homem tem para escolher, na atual sociedade ainda paternalista. Enquanto isso, a mulher necessita lutar a cada dia por esse direito: ela, mesmo que estude mais, geralmente ganha menos.

Os alunos da graduação lembraram-se de *O príncipe feliz* de Oscar Wilde. Uma das alunas falou de *O pequeno príncipe*. Eles recordaram, ao ver a imagem do motoqueiro, do

filme que retrata a vida de Che Guevara. E também que as manchetes de jornal remetem às princesas e príncipes que são perseguidos por paparazzos.

Ao traçar o contraponto entre os dois personagens com colocações (visões) de mundo distintas, constata-se que um desvenda para o leitor o lado feminino e outro o masculino, ambos marcados por contradições que se complementam. Nas duas narrativas, a mulher é colocada como um ponto importante para a evolução da sociedade. É uma metáfora à possibilidade de interação com o outro, por meio da leitura literária. E a aventura que a leitura literária oferece.

### **Sétimo dia**

#### Avaliação

Foi solicitado aos alunos que desenhassem uma princesa ou um príncipe e escrevessem uma frase dizendo de qual história eles gostaram mais. O desenho comprovou que eles mudaram a visão de príncipe e princesa. As aparências que antes são eram todas loiras agora são diversificadas.

Nas frases pode-se verificar que dez alunos falaram que gostaram mais *da princesa que escolhia* porque ela lia muitos livros, disse não ao pai, tinha o cabelo azul, brincava muito no jardim. Três escolheram o príncipe que bocejava, oito escolheram *Rapunzel*, dois escolheram *a Bela Adormecida* e os outros nove não entenderam a tarefa de escolher e colocaram os nomes de todas as histórias.

Durante a leitura desses contos os alunos tiveram oportunidade de conhecer e confirmar o que já sabiam a respeito da leitura literária. Vivenciaram por meio das personagens conflitos que os rodeia no dia-a-dia.

Os horizontes de expectativa, em grande parte, ficaram na subjetividade, mas os horizontes de experiência foram compartilhados.

#### **3.3.3. O contexto**

Os leitores que participaram da recepção literária desses últimos livros, são da Escola Municipal Pastor Otaídes Alves dos Santos, localizada na zona urbana periférica de



Formosa – Goiás, na VIA 07, no Setor Sul. Esse estabelecimento atende crianças que cursam o Ensino Fundamental de primeira à quarta série. Todas as quinze turmas da escola são superlotadas, por isso obter uma discussão acerca da recepção das experiências feitas torna-se um pouco complicado.

O bairro não conta com farmácia nem supermercado, há somente uma padaria e alguns bares (conforme costuma acontecer em comunidades muito carentes, o bar – em torno das mesas – é o ponto de encontro e lazer dos adultos). Para comprar certos mantimentos é necessário se deslocar até o centro da cidade. Na região há transporte coletivo que trafega com precariedade.

No primeiro contato com a professora regente da classe, a propaganda dos alunos não foi nada animadora. Existem oito alunos que não decifram o código escrito, e o comportamento exige cuidados. Entre os considerados alfabetizados, nem todos conseguem interpretar. Vários problemas foram elencados, e houve esperança de resolvê-los nesse curto tempo.

A responsabilidade pelo fracasso quase sempre recai sobre os alunos. Com medo de ser acusado pelo fracasso, o professor se apressa em tecer justificativas, enumerando uma série de motivos para o baixo rendimento escolar. Os professores da região são fruto dessa mesma dinâmica de construção de conhecimento, porque estudaram nas mesmas escolas – e com as mesmas dificuldades – em que “dão aula”.

A diretora indicou a turma do terceiro ano B, do turno da tarde, com trinta e quatro alunos, sendo dezesseis meninas e dezoito meninos. São vinte alunos com oito anos, oito com nove anos, cinco alunos com dez anos e um com onze anos.

A comunidade a que pertencem esses alunos é de assalariados que trabalham em serviços domésticos, ou diaristas que exercem o ofício de arrancar feijão ou outros tipos de serviço de atividades rurais. Ganham salário mínimo e moram em lugar sem saneamento básico. Muitos pais são analfabetos.

Além de tais problemas, as três bibliotecas públicas que existem na cidade ficam muito longe dessa comunidade. Para chegar até lá, eles devem caminhar cerca de uma hora ou esperar o ônibus que passa com intervalos de igual duração.

A escola oferece estrutura razoável, embora as mesas sejam desconfortáveis, com tamanho incompatível perante as estaturas dos alunos. Observa esses detalhes quem chega

de fora e conhece outras escolas mais bem equipadas. Mesmo assim, para essa comunidade, a escola funciona como um oásis. É um lugar mais arejado do que a maioria das casas, e também o lugar onde se pode adquirir conhecimento.

A escola não possui quadra de esporte, mas há uma grande área que pode ser ampliada para essa finalidade. Há uma horta da qual os professores cuidam. Na sala de leitura existem livros de literatura, e uma professora readaptada anota os empréstimos para as crianças. Na semana em que desenvolvemos a pesquisa, os empréstimos não aconteceram porque a professora estava de licença há um mês. Essa é uma situação recorrente, pois o profissional responsável pelos empréstimos se afasta do cotidiano escolar por motivos de saúde com certa frequência.

A maioria dos professores é graduada em pedagogia e continua estudando. Duas professoras estão frequentando a Universidade Estadual de Goiás. E, segundo relatos, as estudantes que estão finalizando o curso de pedagogia até aquele momento não haviam estudado uma matéria específica relativa à aprendizagem da leitura em geral, sequer da literária.

A discussão com os professores foi satisfatória. Eles ficaram interessados na teoria que seria demonstrada. Agradeceram a oportunidade de reflexão e disseram que já começaram a ter ideias para as futuras aulas. A professora da turma que participou da experiência não pôde estar presente.

Devido ao nível de conhecimento, os alunos e seus pais não reivindicam mudanças, pois não reconhecem os direitos cidadãos de usufruírem de melhores condições de vida. Estão acostumados com tais condições e não conhecem outra realidade.

A proposta de experiência está centrada na recepção, por isso as trinta e duas crianças que compareceram ficaram durante sete dias em contato com a leitura literária e investigação. Embora sejam alunos do terceiro anos do ensino fundamental, eles demonstraram que falta um trabalho eficaz para desenvolver melhor a leitura. A produção escrita que eles fizeram para evidenciar o entendimento do que foi lido demonstra o baixo nível de conhecimento acerca do código escrito e de como produzir um texto.

A chegada desta pesquisadora na escola parecia mágica, porque os alunos estavam esperando a hora de conhecer mais uma história. Eles corriam, rodeavam o carro, e se

prontificavam a ajudar. Na hora da aula, eles queriam ficar com todos os objetos materiais de estimulação.

Houve em alguns momentos grande dificuldade de diálogo, pois qualquer novidade lhes tirava a vontade de continuar a atividade. Ora as crianças estavam atentas, concentradas; no momento seguinte estavam agitadas, falando sobre outros assuntos que não estavam em pauta e pedindo atenção. Quando estava perto da hora do lanche, eles direcionavam a atenção a perguntar se ia demorar.

Pelo descrito, depreende-se que o contexto escolar é o comum e constante em grande parte deste país de contrastes, em que, nas zonas periféricas de pequenas cidades e em ambiente rural, o mínimo de atenção e de presença de um adulto mais esclarecido parece um prêmio, e não o exercício do direito à educação e à cultura. Por isso, esse desafio enfrentado, que não foi fácil, pode ser estendido a grande quantidade de crianças e jovens que anseiam por um lenitivo, um imaginário de felicidade que se torne real.

## CONSIDERAÇÕES QUE PARECEM CONCLUSIVAS

*Os olhos captam o que a alma sente...*

Alice Góes

No percurso da pesquisa focalizou-se a leitura literária. Por ser um item primordial nas aprendizagens em geral e não só com o objetivo de desenvolver os conhecimentos literários, mas também para atender o aprendiz em suas particularidades, as experiências com a leitura literária foram abordadas pelo viés da estética recepcional, a qual valoriza o leitor. Compreender o contexto dos alunos que participaram da atividade leitora, bem como eles dialogaram depois de decifrar as partes do texto, ampliando seus horizontes de experiência, foi nossa preocupação constante.

Durante a realização das experiências não nos desviamos das perguntas de base: A leitura literária contribui para formar o leitor crítico? E para ampliar a sensibilidade estética? Essa modalidade de leitura faz com que o receptor infantil leia melhor textos informativos?

A teoria recepcional escolhida ofereceu-nos, na situação de professora, a oportunidade de realizar uma reflexão a respeito de como o leitor infantil recebe(u) a arte. Constatei, nesse caso, que, antes de ensinar, o professor deve apreender a obra e antecipar alguns dos possíveis caminhos que os alunos percorrerão. Com a bagagem técnica escolhida, na qualidade de professora, compreendi a multiplicidade de opinião dos teóricos quanto aos três níveis de leitura e percebi como a criança aproveita a obra literária, chegando à estética, dentro de sua percepção de mundo. A interação texto-leitor transcorreu como se previa.

No início, eles ficaram meio desconfiados, perguntando a todo o tempo se era para copiar. Mas no prosseguimento das atividades começaram a entender que era para ler. A recepção da leitura literária pôde ser formadora de novos leitores e proporcionar prazer com uma aprendizagem lúdica.

Nos diálogos do cotidiano, o professor sempre percebeu que esses pequenos aprendizes sabiam o que queriam. As crianças apresentavam preferências por animais, mesmo aquelas que ficavam mais dentro de casa vendo televisão ou jogando vídeo games.

Elas se encantaram com pequenos bichinhos e com as cores existentes na natureza. Outra preferência desses leitores foram textos que tratam de princesas, príncipes, fadas e bruxas.

Defendemos que esse é o caminho: aproveitar a curiosidade espontânea da criança para servir de âncora aos textos literários. Com temas de interesses do leitor, a compreensão e a interpretação fluíram, mesmo para os alunos que necessitavam de ajuda para decifrar. Então, a aprendizagem foi a partir do contexto (leitura de mundo) para o texto (leitura da palavra), e a interação aconteceu, pois, da interpretação da obra (leitura do texto), voltou-se, sempre, à ampliação do horizonte de vivência dos aprendizes (leitura do contexto). Defende-se também que o mediador deve ouvir as expectativas do momento, o que os aprendizes querem falar, o que querem ler.

Para o ato de ler, deve-se considerar o desenvolvimento de cada estudante, por isso o leitor mirim requer textos em pequenas dosagens em cada página. O virar a página, o observar as ilustrações, o construir as imagens são necessidades do leitor em formação, que devem ser levadas em conta. Eles necessitam do breve silêncio do espaço em branco, para que os olhos pisquem demoradamente e retomem logo em seguida a leitura.

Acreditamos que em outras vezes, quando o mediador coordena as passadas de páginas, deve esperar o tempo de pensar a respeito do assunto, exercitar o imaginário dos alunos, pois esse é um momento de praticar o monólogo, de se questionar internamente. O que será que vem depois?

As variações, as surpresas impedem que a leitura na sala de aula se torne uma atividade enfadonha e sem graça. Ler vários gêneros literários faz parte dessa estratégia. Em algumas obras literárias aparecem carta, entrevistas, receitas e textos dramáticos. Mas isso pode ser planejado para que o leitor possa interagir com diferentes gêneros e que seja estimulado a perceber as diferentes nuances desses gêneros. A distinção entre poema e prosa; entre fábula e piada; entre lenda e cordel, pode chegar ao estudante de maneira acessível, agradável, prática.

Cabe ao mediador incentivar a leitura de poemas. Esses gêneros de pequena extensão, dão a sensação de leitura fácil, permitem a discussão e o diálogo acerca do seu significado e possibilitam a retomada de quantas leituras forem necessárias para concretizar a recepção.

Quando em diferentes gêneros o mesmo tema é recorrente, a qualidade da leitura vai gradativamente se aprimorando. Ao ler várias versões da mesma história ou diversas histórias com o mesmo tema, o aprendiz – durante o processo - vai desenvolver sua compreensão leitora. Por intermédio da obra literária, por sua riqueza, o leitor agrega a cada leitura, a cada mediação, um item importante para consolidar sua plena formação. É necessário continuidade e persistência para que o receptor vá, pouco a pouco, desenvolvendo o gosto e o prazer em ler textos literários. Quanto mais treino, mais destreza ele terá, mais intertextualidade observará.

Preocupados em obter dados numéricos – quantificados em provas e testes de avaliação –, alguns educadores ficam presos somente em fichas literárias. Quando o aluno participa de atividades variadas e pode indicar um livro de que gostou aos colegas, explicar por que a obra está sendo recomendada, é prova de que ele leu e sabe o que existe na trama. Explicitar a opinião acerca de uma história ou escolher entre várias a de que mais gostou, tudo isso já é o bastante para que o mediador conte com a certeza que o(a) menino(a) está se formando leitor crítico.

Quando o leitor enumera, por escrito, com desenhos ou oralmente, diferenças ou semelhanças entre os gêneros, entre personagens, lugares, tempo, ele está desenvolvendo o senso crítico e aprendendo a ler. Portanto, ao criar oportunidades diversas de ouvir, ler, contar, desenhar, dramatizar e adquirir dados para a aprendizagem significativa, o mestre desperta o envolvimento do aluno e de várias maneiras ele estará sendo avaliado.

Com o entrecruzamento de pontos de vista, com os diálogos durante a leitura em grupo, os debates serviram para que os horizontes de experiências se entrelaçassem, e para que se fortalecessem a compreensão e a interpretação textual. A leitura, seguindo os passos propostos pela estética recepcional, combinados com os desenvolvidos por Sol[, foi de extrema valia, como auxiliares do trabalho docente. O diálogo acerca do título e da ilustração da capa deram início ao levantamento do horizonte de expectativas do leitor em relação à leitura. Esse começo indicou caminhos para atingir uma plena compreensão do texto e uma recepção satisfatória da leitura. Com a concretização do ato de ler, o leitor chegou ao sentido; ao desvendar cada parte, mostrou que pensamento existia a respeito da história que estava sendo seguida.

Cada rosto, cada semblante, cada palavra, cada comentário mostrou que o leitor confirmou ou desviou o sentido do texto para avançar e conseguir terminar a apreensão.

Nessa atividade de ler, o receptor vislumbrou em cada personagem um ponto de convergência com que esperava ver, um aspecto convergente com sua situação de vida.

Então, com os horizontes dos vários leitores que, instigados pelo mediador, participaram das opiniões acerca dos textos, atingiram-se os estágios da compreensão, interpretação e aplicação da leitura. Incentivar a participação significa deixar momentos para o exercício do imaginário, na busca do equilíbrio e valorização de alguns silêncios.

Alcançar os conhecimentos contidos no texto, compreender as relações internas que contribuem para o bom andamento da trama, perceber cada particularidade da linguagem literário, comparar gêneros (os contos modernos com a interação da personagem com os contos de fadas tradicionais), todos foram passos no sentido de valorizar a obra e a autora escolhida. Ao realizarem essas tarefas, as crianças se apossam de recursos e se fortalecem para enfrentar situações que o modelo de vida atual exige.

O educador pode, com atitude de leitor, promover, fomentar, ocasionar, produzir oportunidades de fazer com que a sensibilidade dos alunos seja ativada e eles comecem ver o lado positivo da leitura e avançar com os conhecimentos. O ser humano imita uns aos outros; por isso, se o professor disponibiliza livros em sala todos os dias e começa a ler, logo haverá vários alunos o imitando. No início os estudantes vão perceber que o objetivo é pura diversão, mas depois, de modo prazeroso, participam, fazem antecipações, inferências, estabelecem coerência, identificam o início, meio e fim. Realizam leitura de qualidade.

O leitor infantil deve contar com a tolerância e o respeito ao seu modo de pensar. Pela singularidade do receptor e pela estrutura de cada narrativa, para cada um(a) há um processo de mediação diferente. Esses encontros de distintos modos de pensar a respeito dos assuntos tratados fazem com que cada pequena aprendizagem seja compartilhada.

Entender o código é um item a ser considerado, porém o leitor realiza essa atividade sem necessariamente precisar decifrar. Por falta de entendimento dessa concepção do que seja ler – Pode-se ler imagens, desenhos, condutas, fisionomias etc. –, ouvem-se e cometem-se muitos equívocos. E, por conta disso, os livros ficam presos em estante sem serem utilizados, manuseados, consumidos.

Para obter bom resultado com a leitura do texto literário, o leitor crítico – e principalmente o mediador – procura conhecer a obra integrando ao plano estético, o

simbólico, o descritivo e a dimensão social. As obras literárias são frutos da conjuntura sociocultural na qual estão inseridas, seja no momento da criação ou no da recepção. Por isso é essencial a compreensão do seu significado pelo leitor, com suas particularidades e vicissitudes, a fim de que possa usufruí-la com prazer.

Quando os leitores, parceiros dessa experiência, compartilharam as leituras, manusearam os ícones, suscitaram suas lembranças, comprovou-se que, seja lendo a respeito de formiga, de coruja ou de príncipes e princesas, a interação foi satisfatória. Os assuntos de vivência, de ordem social, emocional, constitucional, ética vieram à tona. Esses receptores expressaram seus horizontes que se entrecruzaram, entrelaçaram-se com outros horizontes, abrindo caminho para que o próximo texto literário, a próxima tela, a próxima estante de livros seja recepcionada de forma diferente. Com esse tipo de leitura o aluno-criança-receptor exercita sua liberdade de pensamento, como exercício de ir e vir, sem que se sinta coagido para um só caminho. Assegura-se que muitos saberão que escolher, bocejar, visualizar um formigueiro e ouvir um piado de coruja será, no mínimo, sentimento estético.

Quantos alunos não conseguiram alcançar o entendimento? Em respeito a eles, deve-se ficar bem atento e continuar a pesquisa. O mediador comprometido sabe que está longe de ser satisfatória a questão da leitura, principalmente nas séries iniciais. Os órgãos responsáveis pela educação no Brasil vêm incentivando a pesquisa no ensino fundamental. Esse movimento acontece graças ao reconhecimento de que a solidez da educação básica vai melhorar o desempenho dos alunos nas séries seguintes. Com um bom lastro de leitura, as pessoas buscam por outros conhecimentos com segurança. E se eles forem leitores autônomos conseguirão descobrir caminhos, enfrentar seus obstáculos com discernimento e resolver seus problemas.

Por fim, assumindo, deliberadamente, a simplicidade de linguagem com que se redigiu este relatório de pesquisa, em busca de um diálogo facilitado, mas instigante, com os colegas de profissão do magistério, espera-se que os professores, principalmente os que ensinam nas séries iniciais, possam enriquecer suas ideias a partir da leitura deste texto. Dessa forma, com uma parcela mínima, dou minha contribuição para a melhoria do desempenho em leitura no país.



## Bibliografia

- ABBAGNAMO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ARENA, Dagoberto Buim, “Para ensinar a ler: traços e as funções nas manifestações de leitura”, *Mãos Dadas: rodas de ler*. <http://ler.literaturas.pro.br>, Acesso em maio de 2010.
- ÁRIES, Philippe. *História Social da Criança e da Família*, Rio de Janeiro LTC, 1978.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Livraria Martin Fontes, 1992.
- BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito de leitura*. Editora Ática, 2002.
- BARTHES, R. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BELINKY Tatiana [e outros ] e org. Zilberman Regina *A produção cultural para criança* Porto Alegre Mercado Aberto 1986.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das letras: 2000
- BRANDÃO, Helena Nagamine e Jesus, Luciana Maria. Mito tradição indígena in *Gêneros discursivos na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. São Paulo: Cortez, 2003
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade (1965)*. São Paulo: Ouro sobre azul, 2006.
- CÍCERO, Antonio. *Finalidades sem fim*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.
- COELHO, Nelly Novaes. *A literatura infantil – história, teoria, análise*. 3. ed. São Paulo: Quíron, 1984.
- COLOMER, Tereza. *A formação do leitor literário*. São Paulo: Editora Global, 2003.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes *literatura infantil teoria e Prática* Ed. Ática 1986
- Currículo de Educação Básica das Escolas Públicas do Distrito Federal. Ensino Fundamental. Língua Portuguesa - 1ª a 4ª série. 2002
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução tradução*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FARIA, Maria Alice. *Como usar a literatura infantil na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2007.
- FÁVERO, Maria Helena. *Psicologia do conhecimento*. Brasília, Editora UnB, 2005.
- FERREIRO, Emilia. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- FOUCAMBERT, J. *A Leitura em Questão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1982
- GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. *Técnica de redação: o que é preciso saber para bem escrever*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- GENETE, Gerard. (2006) *Palimpsesto, a literatura de segunda mão*. Belo horizonte: UFMG.
- GÓES, Lúcia Pimentel e Alencar, Jakson (org). *A alma da imagem: a ilustração nos livros para crianças e jovens na palavra de seus criadores*. São Paulo: Paulus, 2009.
- GOTLIB, Nádía Battella. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 2006:18.
- GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons, rimos*. São Paulo: Ática, 2005.
- GUEDES, Paulo Coimbra. *Formação do professor de português: Que língua vamos ensinar?* São Paulo: Parábola editorial, 2006.

- HELD, Jacqueline. *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*, São Paulo: Summus, 1980.
- <http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0217/aberto/ler-poesia-395044.shtml>
- [http://www.pensador.info/conceito\\_de\\_leitura/](http://www.pensador.info/conceito_de_leitura/)
- <http://www.youtube.com/watch?v=xHgFln2dApI>
- ISER, Wolfgang. “*A Interação do texto com o leitor*”. In: LIMA, Luiz Costa (org.). *A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979. P. 83-132
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.
- JAUSS, Hans Robert. *O texto poético na mudança de horizonte da leitura* in Lima, Luiz Costa Teoria da literatura em suas fontes, v.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002
- \_\_\_\_\_. “*O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis*”. Em: LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- \_\_\_\_\_. “*A estética da recepção: colocações gerais*”. Em: LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- JOUVE, Vincent. *A leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- KLEIMAN, Ângela. *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. SP, Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- KLEIMAN, Ângela B. B. Moraes, Silvia. *Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola*, Campinas, SP: Mercado de letras, 1999.
- KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*, Campinas, SP: Pontes, 2000.
- KOCH, Ingedore Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2003.
- KOCH, Ingedore Villaça Elias, Vanda Maria. *Ler e Compreender: os sentidos do texto*. São Paulo, Contexto: 2006
- LAGE, Micheline Madureira. *Ler sem doer: perspectivas para a leitura do Texto Literário no ensino médio*. Coronel Fabriciano, Unileste-MG, 2003.
- LAJOLO Marisa e ZILBERMAN Regina literatura infantil brasileira histórias & histórias editora Ática 1987 São Paulo
- LONTRA, Hilda Orquídea Hartmann. *A Leitura pelo olhar da Estética da Recepção*. Apostila do Curso: leitura de Poesia 2007
- LONTRA, Hilda Orquídea Hartmann. *A leitura da literatura em segundo grau*. Universidade de Brasília- CESPE: 1996 p.
- LURIA, Alexander Romanovich in linguagem, desenvolvimento e aprendizagem São Paulo: ícone, 2001
- MACHADO, Ana Maria. (2001) *Textura: sobre leitura e escritos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- MANGUEL, Alberto. *Lendo Imagens: uma história de amor e ódio*. São: Paulo: companhia das Letras, 2001.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*: São Paulo: Brasiliense, 2003.
- PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca. Discursos da paixão: a leitura literária no processo de formação do professor das séries iniciais. In: PAIVA, Aparecida. *et al.* (Orgs.) *Leituras literárias: discursos transitivos*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

- Parâmetros Curriculares Nacionais: - Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental – Língua Portuguesa – Ensino de primeira à quarta série. Brasília: MEC; SETEC, 2002.
- PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- PERISSÉ, Gabriel. *Estética e Educação* Belo Horizonte: Autentica Editora, 2009
- PROPP, Vladimir Iakovlevich. *Morfologia do conto maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1984.
- RESENDE, Vânia Maria. *Literatura Infantil e Juvenil. Vivências de leitura e expressão criadora*. RJ: Saraiva, 1993.
- REUTER, Yves. *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Conferências sobre leitura – trilogia pedagógica*, Campinas, SP: Autores associados, 2003.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura em curso – trilogia pedagógica*, Campinas, SP: Autores associados, 2003.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura na escola e na biblioteca*. Campinas, SP: Papyrus, 1986.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia de leitura*, São Paulo: Cortez, 1996.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Unidades de leitura – trilogia pedagógica*, Campinas, SP: Autores associados, 2003.
- SILVA, Vera Maria Tietzmann org. *Mundos e Submundo Estudos sobre Ana Maria Machado*. 2004
- SOARES, Magda Becker. A escolarização da Literatura Infantil e Juvenil. In: de EVANGELISTA, Aracy, et al. (Orgs.). *A Escolarização da Literatura: O Jogo do Livro Infantil e Juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- SOARES, Magda Becker. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). *Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001*. 2. ed. São Paulo: Global, 2004a.
- SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*, Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- STIERLE, Karlheinz. Que significa a recepção dos textos ficcionais in Lima Luiz Costa. *A Literatura e o Leitor: textos da Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002
- TURCHI, Maria Zaira e Silva, Vera Maria Tietzmann literatura infanto-juvenil Goiânia Ed. Da UFG 2002
- VERNAUD apud Fávero, Maria Helena psicologia e conhecimento: subsídios da psicologia do desenvolvimento para analisar e aprender. Brasília: EdunB, 2005.
- VIEIRA, Josenia Antunes...[et al] *Reflexões sobre a língua portuguesa: uma abordagem multimodal*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- VIGOTSKY, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*, São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- VIGOTSKY, L.S. *Psicologia da Arte*. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Pena, 1999.
- WALTY, Ivete Lara Camargo. et alli *Palavra e imagem: Leituras cruzadas/* Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- WERTHEIN, Jorge: *Fundamentos da Nova Educação*; Brasília: UNESCO, 2000.
- YUNES, Eliana; PONDÉ, Glória. *Leitura e Leituras da Literatura Infantil*. São Paulo: FTD, 1989.
- ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1991.

## BIBLIOGRAFIA DE LITERATURA EMPREGADA

- FERREIRA Gullar. *Doutor urubu e outras fábulas*. Rio de Janeiro: José Olympio: 2005
- LOBATO, Monteiro. *Fábulas*. São Paulo: Círculo do Livro
- MACHADO, Ana Maria. *Texturas: sobre leitura e escritos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- MACHADO, Ana Maria. *A princesa que escolhia*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2006.
- MACHADO, Ana Maria. *O príncipe que bocejava*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2006.
- MEIRELES, Cecília. *As Formigas* in obra Completa, v.1, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- MORAIS, Vinicius. *Formiga*. Cd Arca de Noé
- PORTO, Cristina. *Azulão*. São Paulo: FTD, 1986.
- Revistas Recreio. Ano 2001, números 47, 54, 58 e 77. Ano 2002, número 111.
- WEST, Rose A formiga desobediente. São Paulo: Editora Kultus, s/d

## ANEXOS

## Anexo 1

**Funções das personagens do conto maravilhoso**

As funções elencadas por Propp são as seguintes:

- 1-Afastamento ( $\beta$ )- um dos membros da família ausenta-se de casa.
- 2-Interdição ( $\gamma$ ) – ao herói impõe-se uma condição impeditiva.
- 3-Transgressão ( $\delta$ )– a interdição do herói é transgredida.
- 4-Interrogação ( $\epsilon$ )– agressor tenta obter informações a respeito da vítima e do herói.
- 5-Informação ( $\zeta$ ) – O agressor consegue esclarecer suas dúvidas.
- 6-Engano ( $\eta$ ) – o agressor tenta ludibriar a vítima para se apoderar dela ou dos bens.
- 7-Cumplicidade ( $\theta$ ) – a vítima deixa-se enganar pelo agressor e torna-se cúmplice do inimigo.
- 8-Malfeitoria (A)– o agressor pratica a maldade com um dos membros da família do herói. Esta parte é a mais importante por que é ela dá o movimento ao conto.
- 8ª Falta ( $\alpha$ ) um dos membros da família sente carência de alguma coisa.
- 9-Mediação (B ) Esta função introduz em cena o herói. Dirige-se ao herói um pedido ou uma ordem.
- 10-Início da ação contrária (C) - o herói decide agir.
- 11-Partida do herói ( $\uparrow$ ) o herói deixa a casa
- 12-Herói passa por uma prova – doador(D) primeira função do doador: auxilia o herói a superar seu obstáculo.
- 13-Reação do herói (E) o herói, ajudado pelo doador, sai-se bem da prova.
- 14-Recepção do objeto mágico(F) o objeto mágico é colocado a disposição do herói.
- 15-Deslocamento no espaço(G) o herói é transportado para perto do seu objetivo.
- 16-Combate (H) logo após essa função vem a vitória do herói ao vencer parcialmente ou definitivamente o agressor.
- 17-Herói recebe uma marca (I) o agressor fere o herói.
- 18-O agressor é vencido(J) vitória do herói

- 19-A malfeitoria inicial foi reparada(K) pela ação do herói
- 20- O herói volta (↓)
- 21- O herói é perseguido (Pr) ação do agressor
- 22-Socorro (Rs ) os objetos mágico ou mediador
- 23-Chegada incógnita (O) o herói retorna ao local da partida.
- 24- Pretensões falsas(L) ações diversas atrapalham a ação do herói.
- 25-Tarefa difícil(M) sempre após vem a tarefa cumprida como complementação.
- 26- Tarefa cumprida (N) finalmente.
- 27- Reconhecimento(Q) do valor do herói.
- 28- Descobertas (Ex) dos vilões ou anti-heróis.
- 29- Transfigurações(T) do herói, mudança de aparência
- 30- Punição do Agressor (U)
- 31- Desenlace (W) Os problemas ficam resolvidos, o herói casa-se e sobe ao trono.

## Anexo 2

### Ana Maria Machado: revisão bio-bibliográfica

A criação literária por ser de caráter humano, portanto, trás implícita em sua linguagem os fatores tanto internos quanto externos da vivência do escritor. “O escritor, numa determinada sociedade, é não apenas o indivíduo capaz de exprimir a sua originalidade (que o delimita e especifica entre todos), mas alguém desempenhando um papel social.”<sup>112</sup> Por intermédio dos textos os leitores conhecem o pensamento da sociedade em que ele atua, seja com seus pares ou com os receptores de sua obra. Essa escritora participa de muitas atividades relacionadas a difusão da leitura e como o povo brasileiro necessita de textos que tratem de temas que façam parte do cotidiano próprio para o tipo de vida peculiar de cada região. A influência que exerce na sociedade infantil e infanto-juvenil vem da confiança que a sólida obra exerce sobre os conhecedores de sua obra. E também provenientes das declarações na imprensa que desperta nos grupos de pessoas que podem influenciar leitores, que são pais e professores. Ao compreender bem o povo do Brasil ela consegue falar verdades que o leitor que ouvir. Decorre daí o diálogo mais menos vivo entre a obra e o público que faz da obra dela um sucesso de vendagem. Os acontecimentos acerca das produções literárias são complexos e merece certos cuidados. “Se a obra é mediadora entre o autor e o público, este é mediador entre o autor e a obra.”<sup>113</sup> A autora Ana Maria demonstra valor ao leitor porque sabe que por meio dele que ela recebe o reconhecimento e oportunidade de autoconhecimento.

Por ser bastante dinâmica, a evolução das tecnologias, a leitura com uma expressão humana, está sempre em evolução. Tanto o escritor quanto o leitor participa do dinamismo que a criação e recepção literária exigem.

### O papel da imprensa e do computador na divulgação da obra?

Para desenvolver essa sequência de leitura literária escolheu-se a obra de Ana Maria Machado, renomada e respeitada escritora brasileira. Durante a adolescência estudou pintura. Depois na faculdade cursou, inicialmente, geografia, logo depois decidiu mudar. Com formação teórica na área de letras, foi professora e paralelamente pintava e realizou várias exposições. Por fim, resolveu se dedicar às palavras e com dedicação na área de jornalismo se interessa e influencia a política livreira do Brasil. Com quarenta anos de

---

112 Cândido, Antonio. Literatura e Sociedade P:84

113 P: 85

carreira desde que escreveu o seu primeiro livro, possui extensa obra literária cerca de duzentas obras publicadas, indicada para todos os tipos de leitores e de todas as idades. Suas histórias estão traduzidas em alemão, francês, sueco, dinamarquês, espanhol, inglês, português de Portugal, japonês e norueguês. Alguns autores afirmam que escrever para criança é mais difícil do que escrever para adulto, mesmo assim muitos escritores dirigem-se a leitores iniciantes com muito bom gosto e eficiência. Ana Maria Machado conseguiu essa imprescindível façanha: sempre com textos ricos e divertidos, essa brasileira já publicou cerca de cento e cinquenta livros infantis e infanto-juvenis. Na verdade, a trajetória e as obras dessa carioca divulgam brilhantemente o Brasil, em cerca de dezessete países pelo mundo. Por sua relevância no cenário intelectual foi eleita para ocupar a cadeira número um da Academia Brasileira de Letras. Ela compreende bem as questões educacionais, tanto que possui algumas obras que tratam da leitura literária e a recepção.

Em entrevista no dia onze de julho de 2009 para o programa Ação da Rede Globo, ela afirmou que as crianças necessitam de exemplos para se tornarem leitoras eficientes e autônomas. Mesmo sem tradição leitora, as crianças leem muito. Tanto que, a tiragem de livros infantis no Brasil é altíssima. Na verdade são os adultos que necessitam de ler mais para incentivar a criança.

Já vendeu cerca de dezoito milhões de livros no Brasil e no mundo. Participa ativamente de projetos culturais que se encarregam da melhoria do público leitor brasileiro. Por relevância para o cenário educacional, existem, hoje, inúmeras pesquisas acerca das suas obras. Em declaração publicada no livro *Do outro mundo* Ana Maria Machado diz que é fã de Narizinho personagem das obras de Monteiro Lobato. A preferência e admiração que Ana Maria machado nutre por esse escritor é demonstrada em algumas obras que retrata a mulher forte. A obra dessa escritora, a dedicada ao público infantil respeita o critério de qualidade que veem as crianças como produtoras de cultura e capaz de compreender o texto bem elaborado com a escrita em alto nível. “*Literatura infantil não é aquela que se destina exclusivamente a ser lida pelas crianças, mas sim aquela que pode ser lida também pelas crianças.*”<sup>114</sup> Essa declaração demonstra que também o adulto sente prazer em ler a obra dessa escritora. Ela retrata a criança menino ou menina com característica de autonomia em suas ações, repudia injustiça de qualquer natureza e trata das diferenças com muita maestria sem levantar mais preconceitos.

---

114Comentário feito por Ana Maria machado paginaderostos.blogspot.com/



Em suas obras se encontra a desconstrução de preconceitos relacionados à mulher e, portanto auxilia a construção no fortalecimento da identidade feminina respeitada e com certa firmeza. Ela declarou que a produção realizada na década de repressão “vejo que esses contos falam de exílio, de reafirmação de rebeldia frente ao poder, de confiança na capacidade de autoconstrução do personagem, de solidariedade, de esperança, de respeito ao indivíduo e de valorização do que é brasileiro”<sup>115</sup> p:27

Em cada história lida, percebe-se o fascínio pela vida, demonstra sensibilidade para os acontecimentos mais trivial que se torna a mais intensa experiência quando colocada no papel. “Quando estou escrevendo alguma obra de ficção mais complexa, sempre fico assim, me sentindo muito ligada a tudo que está se criando na natureza”<sup>116</sup>. Então é por isso que os leitores mirins se fixam com entusiasmo pela obra da Ana Maria Machado.

Em sua obra, há o rico entrelaçamento de obras do passado como os contos de fadas, cantiga de rodas, lendas, fábula e mitos.

A obra mais estudada foi *Bisa Bel* pela Universidade Federal de Goiás<sup>117</sup> conta com estudos acerca das obras de Ana com o livro organizado pela professora Doutora Vera, intitulado *mundo e submundo*.

#### Obras

Numa linguagem recheada de recursos literários, a obra de Ana Maria machado desperta no leitor de qualquer idade. “A obra exige necessariamente a presença do artista criador”p: 35, por isso que Ana representa de enorme importância, principalmente acerca da literatura infantil.

*A jararaca, a perereca e a tiririca* chamaram *A arara e o guaraná* para ver *A batalha dos monstros e das fadas* por ocasião da *descoberta da América Latina*. No caminho encontrou *A galinha que criava um ratinho* e participou *A grande aventura de Maria Fumaça que atravessou A maravilhosa ponte do meu irmão. A princesa que escolhia (2006), A velhinha maluquete (1986) A velha misteriosa (1994) pediu carona na zabumba do quati (1988) e foi Abrindo caminho (2003) encontrou Beto, o carneiro (1993) Ele mostrou o lado De fora da arca (1996) e disse: Adivinhe se é capaz. O Currupaco papaco (1996), só em pensamentos disse Ah, cambaxirra se eu pudesse (2003)*

115 Entrevista por Heloisa Buarque de Holanda. *A literatura infantil nos anos 70* in literatura infanto-juvenil Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1980.

116 Retirado do texto *O tão da teia* da obra Machado, Ana Maria. (2001) *Textura: sobre leitura e escritos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira

117 Organizadora Vera Maria Tietzmann silva

reconheceu, então *Alguns medos e seus segredos* (1984). Nesse instante ouviu dos *Amigos secretos* (2004): *Amigo é comigo* (1999). *As cartas não mentem jamais* *Avental que o vento leva* (1994) *Balas, bombons e caramelos* (1980) *Banho sem chuva* (1998) *Beijos mágicos* (1992) *Bem do seu tamanho* (1980) *Bento-que-bento-é-o-frade* (1981) *Besouro e prata* (1999) *Bisa Bia, Bisa Bel* (1982) *Boladas e amigos* (1984) *Brincadeira de sombra* (2001) *Cabe na mala* (1983) *Cachinhos de ouro* (1996) *Cadê meu travesseiro* (2004) *Camilão, o comilão* (1996) *Com prazer e alegria* (1998) *De carta em carta* (2002) *De olho nas penas* (2003) *Dedo mindinho* (1993) *Dia de chuva* (2002) *Do outro lado tem segredos* (1985) *Do outro mundo* (2002) *Dona Baratinha* (1996) *Dorotéia, a centopéia* (1994) *Era uma vez três...* (1986) *Era uma vez um tirano* (1982) *Esta casa é minha* (1999) *Eu era um dragão* (2001) *Festa no céu* (1997) *Fiz voar o meu chapéu* (1999) *Fome danada* (col. *Mico Maneco*) (1984) *Gente bem diferente* (1996) *Gente, bicho, planta: o mundo me encanta* (1984) *História de jaboti sabido com macaco metido* (1981) *História meio ao contrário* (1979) *Histórias a brasileira 1* (2002) *Histórias a brasileira 2* (2004) *Hoje tem espetáculo: "As cartas não mentem jamais" e "No país dos Prequetés"* (1984) *Isso ninguém me tira* (1998) *Jabuti sabido e macaco metido* (2001) *Jeca, o tatu* (1993) *Jeremias e Dona Ming* (1998) *João bobo* (1997) *falou um língua diferente* *La rana e la sabana el perro del cerro* *Lugar nenhum* (1987) *Mandinga da ilha* *Quilomba (o mistério da ilha)* (1993) *Manos malucos 1* (1993) *Manos malucos 2* (1993) *Maria Sapeba* (1996) *Maré baixa, maré alta* (2001) *Mas que festa!* (1999) *Melusina: dama dos mil prodígios* (2000) *Menina bonita do laço de fita* (1986) *Menino Poti* (col. *Mico Maneco*) (1988) *Meu reino por um cavalo* (1997) *Mico Maneco* (col. *Mico Maneco*) (1983) *Mistérios do mar oceano* (1992) *Na praia e no luar, tartaruga quer o mar* (1993) *No barraco do carrapato* (col. *Mico Maneco*) (1987) *No imenso mar azul* (col. *Mico Maneco*) (1988) *No país dos prequetés* *O Natal de Manuel* (1980) *O barbeiro e o coronel* (1980) *O canto da praça* (1986) *O circo no quintal* *O distraído sabido* (1999) *O domador de monstros* (2003) *O elefantinho malcriado* (1980) *O elfo e a sereia* (1996) *O gato Massamê e aquilo que ele vê* (1994) *O gato do mato e o cachorro do morro* (1980) *O menino Pedro e seu boi voador* (1979) *O menino que espiava pra dentro* (1984) *O menino que virou escritor* (2001) *O palhaço espalhafato* (col. *Mico Maneco*) (1988) *O pavão do abre-e-fecha* (1998) *O príncipe que bocejava* (2004) *O que é?* (2000) *O rato roeu a roupa* (col. *Mico Maneco*) (1988) *O rei careca* *O segredo da oncinha* (1998) *O tesouro da raposa* (col. *Mico Maneco*) (1988) *O tesouro das cantigas para crianças* (2001) *O tesouro das cantigas para crianças 2* (2002) *O tesouro das virtudes*

*para crianças (1999) O tesouro das virtudes para crianças 2 (2000) O touro da língua de ouro (1994) O veado e a onça (1997) Os anjos pintores (1998) Os dois gêmeos (1996) Os três porquinhos (1996) Palavras, palavrinhas, palavrões (1998) Passarinho me contou (1983) Pedro Malasartes e a sopa de pedra Peleja (1986) Pena de pato e de tico-tico (col. Mico Maneco) (1984) Piadinhas infames (2000) Pimenta no cocoruto (2003) Ponte para Terabitia (1999) Ponto a ponto (1998) Ponto de vista (2005) Portinholas (2003) Praga de unicórnio (1983) Procura-se lobo (2005) Que lambança (2004) Quem me dera (1996) Quem perde ganha (1985) Quenco, o pato (1994) Raul da Ferrugem Azul (1979) Severino faz chover (1994) Surpresa na sombra (col. Mico Maneco) (1988) Tapete mágico (2003) Tatu bobo (1988) Terras de mistério (2003) Troca-troca (col. Mico Maneco) (1988) Tudo ao mesmo tempo agora (1999) Um Natal que não termina (1993) Um avião e uma viola (1996) Um dia desses (1996) Um dragão no piquenique (1988) Um gato no telhado (1999) Um herói fanfarrão e sua mãe bem valente (1994) Um natal que não termina (1993) Uma arara e sete papagaios (col. Mico Maneco) (1988) Uma boa cantoria (2003) Uma gota de mágica (col. Mico Maneco) (1987) Uma história de Páscoa (1999) Uma noite sem igual (1995) Uma vontade louca (1998) Vamos brincar de escola? (2005) Viagens de Gulliver (2003) Vira-vira (1992) Depois dessa façanha todos viraram adultos e seguiram o caminho, conheceram então A audácia dessa mulher (1999) Alice e Ulisses (1983) Aos quatro ventos (1993) Canteiros de Saturno (1991) Esta força estranha (1998) O mar nunca transborda (1995) Palavra de honra (2005) Para sempre (2001) Tropical sol da liberdade (1988)*

Salvos da maçaroca mental foram buscar os Textos teóricos encontraram um *Balaio: livros e leituras (2007) Como e por que ler os clássicos universais desde cedo (2002) Contracorrente: conversas sobre leitura e política (1999) Ilhas no tempo: algumas leituras (2004) Recado do nome - Leitura de Guimarães Rosa (1976) Texturas: sobre leitura e escritos (2001)*

### 1.5.1 Traduções

*A Princesinha Alice no País das Maravilhas As Viagens de Marco Polo Branca de Neve e outros contos de Grimm Cama da Mamãe Chapeuzinho Vermelho e o Chapeuzinho Vermelho e outros contos de Grimm Cinderela e outros contos de Grimm Linéia no Jardim de Monet O Rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda Os Caçadores de Mel Peer Gynt - O Imperador de Si Mesmo Peter Pan Rosaura de Bicicleta Sonho de uma Noite de Verão Tocaram a campainha (1998) Um Leão na Campina Uma História de Natal*

## Anexo 1

### **Funções das personagens do conto maravilhoso**

As funções elencadas por Propp são as seguintes:

- 1-Afastamento ( $\beta$ )- um dos membros da família ausenta-se de casa.
- 2-Interdição ( $\gamma$ ) – ao herói impõe-se uma condição impeditiva.
- 3-Transgressão ( $\delta$ )– a interdição do herói é transgredida.
- 4-Interrogação ( $\epsilon$ )– agressor tenta obter informações a respeito da vítima e do herói.
- 5-Informação ( $\zeta$ ) – O agressor consegue esclarecer suas dúvidas.
- 6-Engano ( $\eta$ ) – o agressor tenta ludibriar a vítima para se apoderar dela ou dos bens.
- 7-Cumplicidade ( $\theta$ ) – a vítima deixa-se enganar pelo agressor e torna-se cúmplice do inimigo.
- 8-Malfeitoria (A)– o agressor pratica a maldade com um dos membros da família do herói. Esta parte é a mais importante por que é ela dá o movimento ao conto.
- 8ª falta ( $\alpha$ ) um dos membros da família sente carência de alguma coisa.
- 9-Mediação (B ) Esta função introduz em cena o herói. Dirige-se ao herói um pedido ou uma ordem.
- 10-Início da ação contrária (C) - o herói decide agir.
- 11-Partida do herói ( $\uparrow$ ) o herói deixa a casa
- 12-Herói passa por uma prova – doador(D) primeira função do doador: auxilia o herói a superar seu obstáculo.
- 13-Reação do herói (E) o herói, ajudado pelo doador, sai-se bem da prova.
- 14-Recepção do objeto mágico(F) o objeto mágico é colocado a disposição do herói.
- 15-Deslocamento no espaço(G) o herói é transportado para perto do seu objetivo.
- 16-Combate (H) logo após essa função vem a vitória do herói ao vencer parcialmente ou definitivamente o agressor.
- 17-Herói recebe uma marca (I) o agressor fere o herói.
- 18-O agressor é vencido(J) vitória do herói

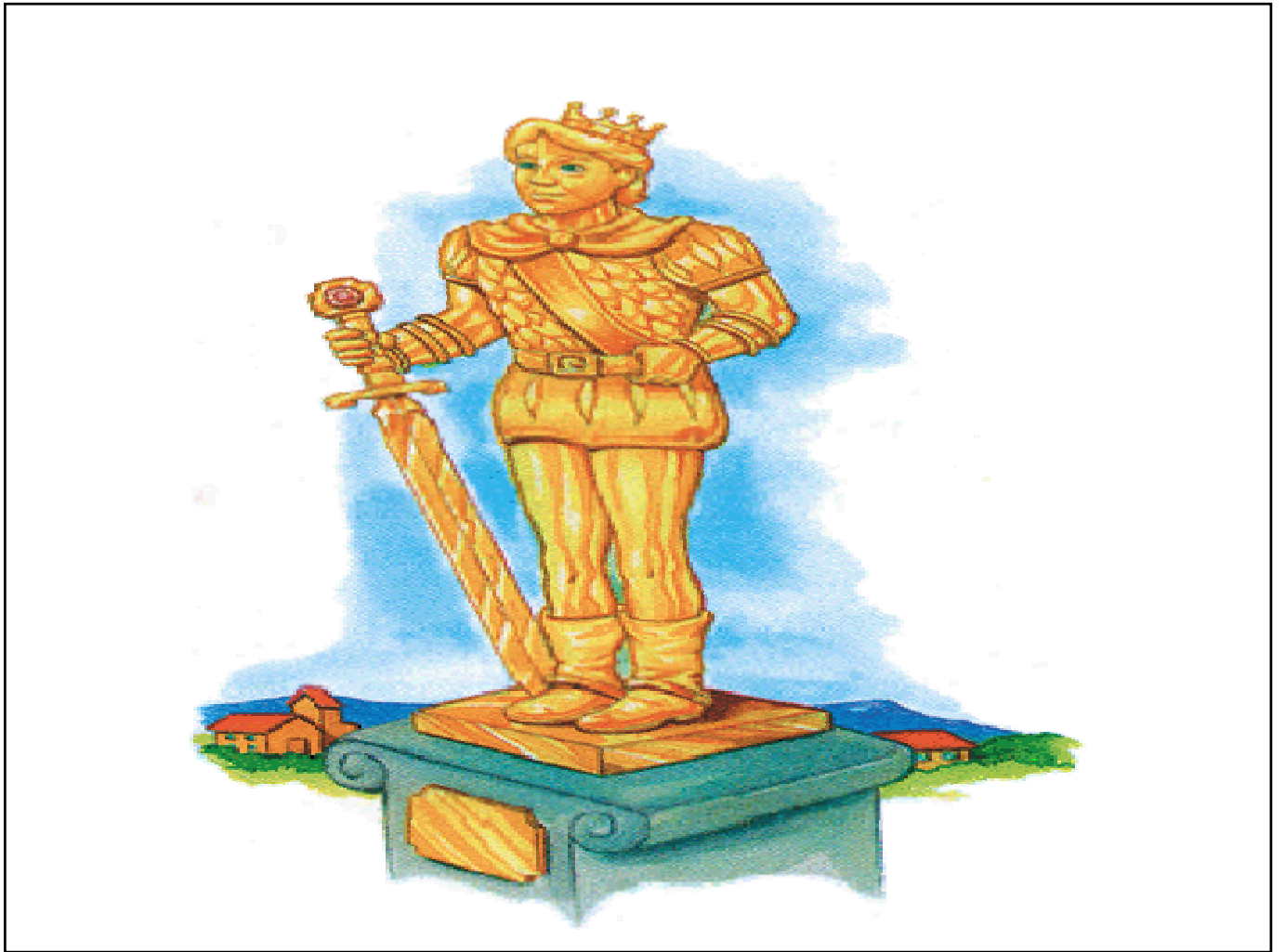
- 19- A malfeitoria inicial foi reparada(K) pela ação do herói
- 20- O herói volta (↓)
- 21- O herói é perseguido (Pr) ação do agressor
- 22- Socorro (Rs ) os objetos mágico ou mediador
- 23- Chegada incógnita (O) o herói retorna ao local da partida.
- 24- Pretensões falsas(L) ações diversas atrapalham a ação do herói.
- 25- Tarefa difícil(M) sempre após vem a tarefa cumprida como complementação.
- 26- Tarefa cumprida (N) finalmente.
- 27- Reconhecimento(Q) do valor do herói.
- 28- Descobertas (Ex) dos vilões ou anti-heróis.
- 29- Transfigurações(T) do herói, mudança de aparência
- 30- Punição do Agressor (U)
- 31- Desenlace (W) Os problemas ficam resolvidos, o herói casa-se e sobe ao trono.

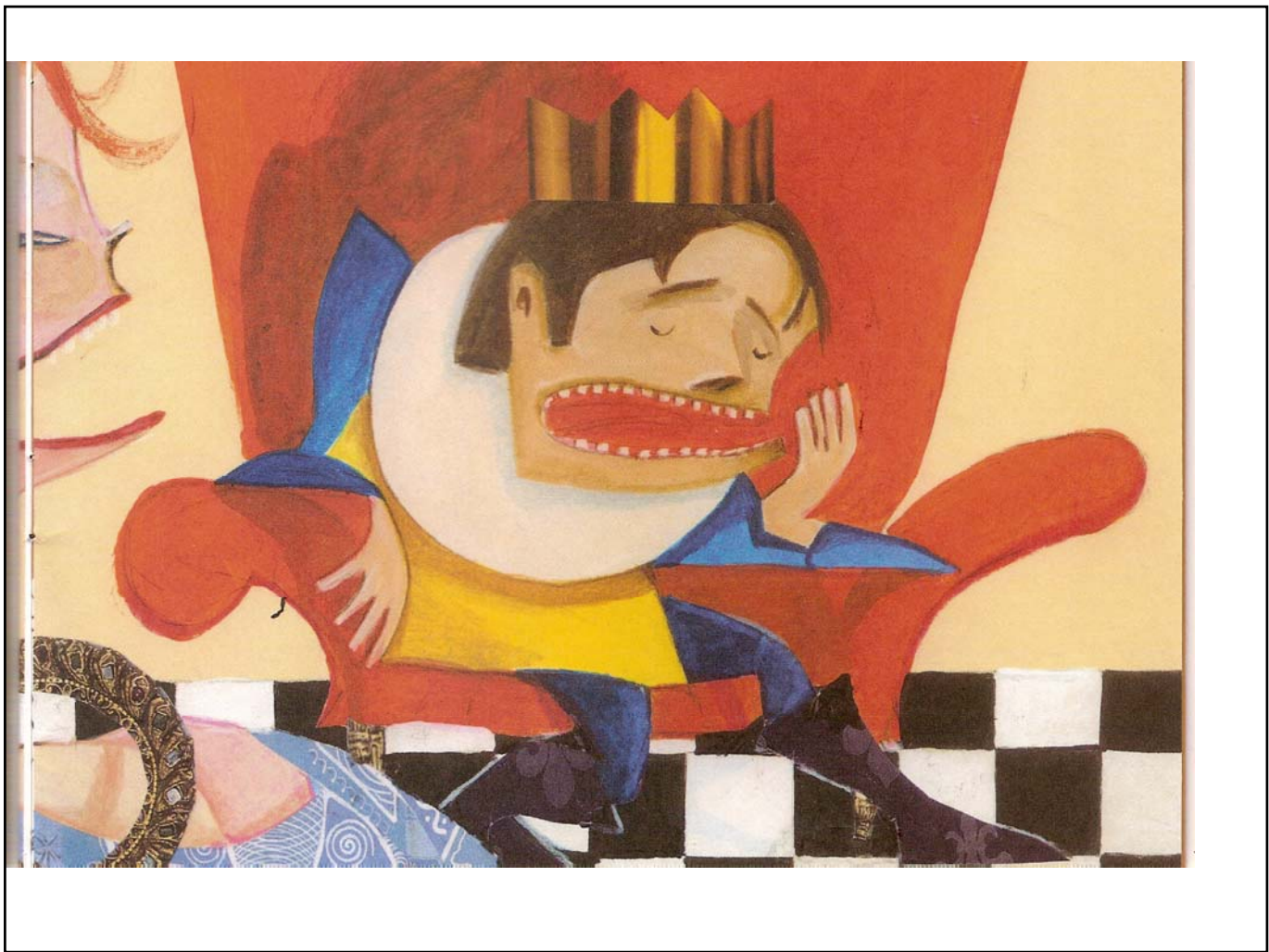














	Primeiro dia	Segundo dia	Terceiro dia	Quarto dia	Quinto dia	Sexto dia	Sétimo dia
Objetivo		Ler a Princesa que Escolhia	Ler Rapunzel	Ler Cinderela	Ler Branca de Neve	Ler O príncipe que Bocejava	Avaliar a sequência
Estimulação	Apresentar ícones.	Relembrar a aula do dia anterior	Descobrir a palavra apresentada em letras separadas	Pedir que um aluno conte a história de Cinderela	Levar fantoches dos sete anões.	Identificar figuras de príncipes.	Varias capas de histórias para os estudantes identificarem.
Debates	1- Quais história vocês conhecem que falam de príncipes e princesas? Como são esses personagens? Foco narrativo	Qual é personagem principal?	1-Qual a diferença de Rapunzel para a Princesa que Escolhia Porque Rapunzel foi colocada na torre Tempo Descrição	1-Quais os aspectos de vida de princesa que podemos viver? Como o príncipe achou a princesa? Conflito gerador Enunciador do discurso direto	1-Quais são as diferença entre branca de neve e cinderela Elemento da organização interna: Situação inicial, desenvolvimento da ação e situação final.	1- O que fez o príncipe parar de bocejar? Vocês acham que isso é bom?	Escrever frases a respeito das histórias que leram durante a semana.
Recursos		Livro Data show	Livro Texto xerocado	livro	livro	livro	Folha xerocada
Avaliação	Fazer um desenho	Diálogo	Diálogo	Diálogo	Diálogo	Diálogo	Fazer um desenho